



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA**

Reflexo da (In) Segurança na Vida dos Moradores da Periferia

Elizabeth Cristina da Silva Feitosa

Belém/PA

2017

Elizabeth Cristina da Silva Feitosa

Reflexos da (In) Segurança na Vida dos Moradores da Periferia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Segurança Pública.

Área de Concentração: Segurança Pública.

Linha de Pesquisa: Conflitos, Criminalidade e Tecnologia da Informação.

Orientadora: Profa. Silvia dos Santos de Almeida, *Dra.*

Coorientadora: Profa. Ana Patrícia de Oliveira Fernandez, *Dra.*

Belém/PA

2017

Reflexos da (In) Segurança na Vida dos Moradores da Periferia

Elizabeth Cristina da Silva Feitosa

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública, no Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará.

Belém, 26 de maio de 2017.

Prof. Edson Marcos Leal Soares Ramos, Dr.
(Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública)

Banca Examinadora

Profa. Dra. Silvia dos Santos de Almeida
Universidade Federal do Pará
Orientadora

Profa. Dra. Ana Patrícia de Oliveira Fernandez
Instituto Federal Pará
Coorientadora

Prof. Dr. Clay Anderson Nunes Chagas
Universidade Federal do Pará
Avaliador Interno

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos
Universidade Federal do Pará
Avaliador Interno

Prof. Dr. José Gracildo de Carvalho Júnior
Universidade Federal do Pará
Avaliador Externo

DEDICATÓRIA

A Deus, por sua presença em todos os momentos da minha vida, me amparando, reerguendo e indicando uma luz para seguir em frente.

À minha querida e amada filha Marina D' Paula Feitosa Alves, companheira de todas as horas, pelo apoio incondicional, alegria, amor, carinho e dedicação, combustível que me alimenta cotidianamente, e me fortalece para o enfrentamento de todos os desafios e dificuldades que surgem ao longo da minha vida.

Aos meus pais Laurentino Dias Feitosa *in memoriam*, e Elisa da Silva Feitosa, modelo de integridade, amor, dedicação, força e superação.

Aos meus irmãos pelo amor, união e amizade construída por nossos pais.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus familiares que vibraram comigo desde o início, com palavras de incentivo, orações e apoio no que fosse necessário, em especial meu sobrinho Fábio Feitosa Camacho, companheiro de noites em claro para a organização deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas de trabalho que torcem pelo meu sucesso.

A todos os colegas da turma de Mestrado, em especial a Gruchenka Baptista de Oliveira Freire, amiga de toda uma vida, companheira desde o início desta caminhada, onde juntas compartilhamos muitos domingos de estudo.

Ao meu chefe, Dr. Antônio de Noronha Tavares que vibrou comigo desde o início desta trajetória, me dando apoio e incentivo, sem seu apoio seria mais difícil chegar até esse momento.

À Universidade Federal do Pará, por ter me oportunizado o conhecimento científico em uma área tão importante como é o caso da Segurança Pública.

Ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, na pessoa do seu coordenador Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos, que sempre esteve com as portas abertas para ajudar os docentes em todos os momentos de necessidade, tendo contribuído diretamente para o resultado final deste trabalho com suas orientações e ensinamentos.

A minha querida orientadora, professora Silvia dos Santos de Almeida, o meu muito obrigada pelos ensinamentos, dedicação, generosidade e paciência, principalmente por ter acreditado na minha capacidade e aceitado o desafio de me orientar neste trabalho.

A minha querida coorientadora, professora Ana Patricia de Oliveira Fernandez, meus agradecimentos pelos ensinamentos transmitidos, paciência, amizade e horas de dedicação que foram de suma importância para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do programa de mestrado em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará pelo apoio, amizade e sabedoria transmitida ao longo do curso.

À Banca de Qualificação do Mestrado composta pelos professores: Edson Marcos Leal Soares Ramos, Clay Anderson Chagas e Ana Patricia de Oliveira Fernandez, pelas excelentes contribuições e correções que permitiram melhorar o presente trabalho.

A Petruska, Silvia, Conceição, Samantha e Tiago, anjos que cruzaram o meu caminho nos momentos de maior dificuldade dessa trajetória, pelo tempo, dedicação, amizade, carinho e apoio a mim dispensados.

Aos alunos bolsistas do Laboratório de Sistema de Informação e Georreferenciamento, pelo apoio e carinho a mim dispensados nos momentos de necessidade.

RESUMO

FEITOSA, Elizabeth Cristina da Silva. Reflexos da (in) segurança na vida dos moradores da periferia. 121 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública), PPGSP, UFPA, Belém, Pará, Brasil, 2017.

Este estudo objetivou apresentar a Percepção da (In) Segurança dos Moradores de um Bairro Periférico de Belém do Pará, tendo como *locus* da pesquisa o bairro do Jurunas um dos mais violentos da cidade, onde segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, se concentra a maior área com característica de favela da cidade de Belém, fruto de um processo de urbanização contraditório, pautado na segregação socioespacial que “empurrou” a parcela mais pobre da sociedade para espaços carentes de infraestrutura urbana, que se tornaram reduto da violência, enquanto que a população com maior poder aquisitivo ocupou as áreas centrais, onde se localiza a infraestrutura necessária ao bem estar social. Assim, para alcançar o objetivo desta pesquisa, realizaram-se entrevistas e o levantamento das condições sociodemográficas dos moradores de duas áreas distintas do bairro, classificadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como área de aglomerado subnormal, onde predomina a carência de infraestrutura urbana, e área urbana regular, parte nobre do bairro. Realizou-se um estudo exploratório e descritivo, numa abordagem mista, com emprego da técnica de entrevista semiestruturada, onde para tratamento dos dados optou-se pela Análise de Conteúdo, utilizando-se o *software Nvivo 10*, e análise de dados utilizando técnicas da estatística descritiva por meio de tabelas e figuras a partir de uma amostra aleatória estratificada proporcional, com erro máximo de 7,6%. O resultado da pesquisa demonstrou que devido a pouca presença do Estado, na área de aglomerado subnormal, a violência se estabelece mais facilmente, gerando conflitos de toda natureza. Nessas áreas os moradores convivem com vários tipos de violência, inclusive a do preconceito, fator que contribui para a percepção diferenciada da insegurança. Este resultado aponta para a importância da infraestrutura urbana como meio de reduzir a violência nessas áreas carentes, haja vista que na área urbana regular do bairro, onde se verifica a atuação do Estado, através dos investimentos com obras de infraestrutura a violência se apresenta de forma menos intensa. Em estudos futuros recomenda-se, para aprofundamento da compreensão do tema desta pesquisa, apresentar o levantamento dos impactos provocados na vida desses moradores, em razão da insegurança vivenciada no bairro do Jurunas, com informações detalhadas das mudanças de comportamento e demais aspectos correlatos.

Palavras-chave: Segregação; Infraestrutura; Violência.

ABSTRACT

FEITOSA, Elizabeth Cristina da Silva. Reflections of the (in) security in the periphery inhabitants' life. 121 f. Dissertation (Graduate Program in Public Security), PPGSP, UFPA, Belem, Para, Brazil, 2017.

This study aimed to present the (In) Safety Perception of the Residents that live in a Peripheral Neighborhood of Belem-Para, where the locus about the research was Jurunas neighborhood, one of the most violent in the city, according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics, the largest area with slums characteristics in Belem city, as a process result of contradictory urbanization, based on socio-spatial segregation that pushed the poorest part of society into spaces lacking urban infrastructure that became a center of violence, while the population with the highest purchasing power occupied the central areas, where the necessary infrastructure for social welfare is located. Thus, to reach the objective of this research, interviews and the survey of the residents sociodemographic conditions of two different areas of the neighborhood, classified by the Brazilian Institute of Geography and Statistics as subnormal cluster area, where the lack of urban infrastructure predominates, and regular urban area, noble part of the neighborhood. An exploratory and descriptive study was carried out in a mixed approach using the semi-structured interview technique, where data analysis was performed using the Content Analysis using N vivo 10 software and data analysis using statistical techniques (descriptive analysis), using tables and figures from a proportional stratified random sample, with a maximum error of 7.6%. The result of the research showed that due to the low presence of the state, in the area of subnormal cluster, violence establishes itself more easily, generating conflicts of all nature. In these areas, residents live with various types of violence, including prejudice, which contributes to the perception of insecurity. This result points to the importance of urban infrastructure as a means of reducing violence in these poor areas, given that in the regular urban area of the neighborhood, where the state operates, through investments in infrastructure works, violence is presented in a way less intense. In future studies, it is recommended to present a survey of the impacts caused on the life of these residents, due to the insecurity experienced in the neighborhood of Jurunas, with detailed information on changes in behavior and related aspects.

Keywords: Segregation; Infrastructure; Violence.

LISTA DE FIGURAS

CAPITULO 2

ARTIGO 1

Figura 1	Localização do Bairro do Jurunas.....	33
Figura 2	Aglomerados Subnormais da Cidade Belém-Pará.....	38
Figura 3	Percentual de Faixa de Tempo de Moradia (em anos) no Bairro do Jurunas em Janeiro de 2017.....	43
Figura 4	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Tipo de Domicílio em Janeiro de 2017.....	43
Figura 5	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Tipo de Propriedade em Janeiro de 2017.....	44
Figura 6	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas, que Possuem ou não Pavimentação Asfáltica e Iluminação Pública, em Janeiro de 2017.....	45
Figura 7	Áreas com Serviço de Fornecimento de Água Potável.....	46
Figura 8	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas, com Serviço Público de Coleta de Lixo, em Janeiro de 2017.....	46
Figura 9	Áreas com Serviço de Coleta de Esgotamento Sanitário.....	47

ARTIGO 2

Figura 1	Nuvem das Palavras mais Frequentes Resultante da Fala dos Participantes Sobre a Percepção da (in) Segurança no Bairro do Jurunas.....	62
-----------------	---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Numero de Homicídios nos Bairros do Jurunas e Batista Campos nos anos 2011-2015.....	38
Tabela 2	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Grau de Escolaridade em Janeiro de 2017.....	39
Tabela 3	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Faixa Salarial da Renda Familiar (em Salário Mínimo=R\$937,00) em Janeiro de 2017.....	40
Tabela 4	Percentual de Moradores do Bairro do Jurunas por Atividades Econômicas Desenvolvidas (os 10 Maiores Percentuais) em Janeiro de 2017.....	41
Tabela 5	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Raça (Auto Atribuída) em Janeiro de 2017.....	42
Tabela 6	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas que Moram Próximos de Escola, em Janeiro de 2017.....	48
Tabela 7	Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas que Moram Próximo ou Não de Posto de Saúde, em Janeiro de 2017.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CVL	Crimes Violentos Letais
DNOS	Departamento Nacional de Obras e Saneamento
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPA	Instituto Federal do Pará
ONU	Organização das Nações Unidas
PDN	Plano do Desenvolvimento Nacional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGSP	Programa de Pós Graduação em Segurança Pública
RDH	Relatório de Desenvolvimento Humano
SEGUP	Secretaria de Segurança Pública
SNIS	Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento
SPU/PA	Superintendência do Patrimônio da União no Pará
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNODC	Escritório para Assuntos de Drogas e Crimes da Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	13
1.1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA.....	17
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	18
1.4 OBJETIVOS.....	20
1.4.1 Objetivo Geral.....	20
1.4.2 Objetivos Específicos.....	20
1.5 HIPÓTESE.....	20
1.6 REVISÃO DE LITERATURA.....	21
1.7 METODOLOGIA.....	24
1.7.1 Tipo de Pesquisa.....	24
1.7.2 Caracterização do Local da Pesquisa.....	25
1.7.3 População.....	26
1.7.4 Instrumentos e Técnicas de Coleta.....	27
1.7.5 Procedimentos de Coleta.....	27
1.7.6 Procedimentos de Análise.....	28
1.7.7 Aspectos Éticos.....	29
CAPÍTULO 2 - ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	30
2.1 ARTIGO CIENTIFICO 1.....	30
1 INTRODUÇÃO.....	31
2 METODOLOGIA.....	34
2.1 Tipo de Pesquisa.....	34
2.2 Os Dados (Variáveis)	35
2.3 Local da Pesquisa (Caracterização do Bairro do Jurunas).....	35
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	39
4 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
2.2 ARTIGO CIENTIFICO 2.....	53

Introdução	55
Método	58
Resultados e Discussão	62
Considerações Finais	74
Referências	75
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	78
3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
3.1.1 Estratégias de Intervenção Pública.....	79
3.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CAPÍTULO 1	83
APÊNDICES	86
APÊNDICE A – Artigo Científico.....	87
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	102
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista Semi Estruturada.....	103
APÊNDICE D – Formulário de Pesquisa Quantitativa.....	105
ANEXOS	107
ANEXO 1 – Normas para Submissão de Trabalho na Revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar de Ciências Humanas ISSN 1984-9851.....	108
ANEXO 2 – Normas para Submissão de Trabalho na Revista de Ciências Humanas.....	117
ANEXO 3 – Carta de Aceite.....	121

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1 INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) destaca que a cultura do medo do crime e da violência, de modo geral, está enraizada na maioria dos continentes. O Relatório Mundial do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, aponta que em 2012, houve quase meio milhão de homicídios (437 mil) em todo o mundo, sendo que, mais de um terço dos homicídios (36%) ocorreu nas Américas, 31% na África e 28% na Ásia, ao passo que na Europa e Oceania ocorreram apenas 5% e 0,3%, respectivamente (ONU, 2014a).

Em se tratando do relatório supramencionado ocorre ainda, que entre os países que integram o grupo dos países mais violentos do planeta, Colômbia, Venezuela, Guatemala e África do Sul, destacam-se com mais de 30 homicídios para cada 100 mil habitantes. O Brasil, México, Nigéria e o Congo, compõem o segundo grupo dos países mais violentos, que registram de 20 a 30 homicídios para cada 100 mil habitantes, sendo o Brasil, o terceiro país mais violento da América do Sul, com uma taxa média de homicídios de 25,2 homicídios para cada 100 mil habitantes (ONU, 2014a).

A respeito do medo gerado pela violência, o Relatório de Desenvolvimento Humano Regional (RDH) 2013-2014, lançado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), afirma que a insegurança existente nos países da América Latina é um obstáculo para o desenvolvimento econômico e social. O estudo aponta que as medidas de controle da criminalidade, por si só, não são suficientes para a redução da insegurança dos países estudados. O relatório recomenda a adoção de políticas públicas que elevem a qualidade de vida da população com a prevenção da violência, por meio de desenvolvimento econômico inclusivo e o fortalecimento das instituições para a prestação eficaz dos serviços de segurança e justiça (ONU, 2014b).

Dados estatísticos divulgados em 2016 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) demonstram o cenário da precária situação da segurança pública no Brasil, ratificando o relatório da ONU (2014a), que indica o país, como um dos mais violentos do planeta. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016, somente em 2015 foram registrados 52.463 homicídios dolosos e 45.460 estupros, esses últimos índices são ainda mais preocupantes, considerando-se que apenas uma parcela das vítimas dos crimes sexuais notifica os órgãos públicos (FBSP, 2016).

Estudo utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referentes ao tema Vitimização e Justiça, divulgado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), concluiu que a região no país com maior instabilidade de asseguarção, é a região Norte, seguida pelas regiões Nordeste e Sudeste (IBGE, 2010a).

Os indicadores da mesma pesquisa apontam que, na Região Norte, a sensação de insegurança é superior a 50%, sendo o Estado do Pará, líder no ranking da insegurança nacional, registrando os mais elevados índices de criminalidade nas três categorias pesquisadas: domicílios (64,8%), bairros (49%) e cidades (36,9%).

O Relatório Mundial do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, ratifica os indicadores sobre a sensação de insegurança na Região Norte, apontando o Estado do Pará como um dos Estados onde aconteceu o maior número de mortes por homicídio no Brasil, ano de 2007 a 2011 (ONU, 2014a).

Estudos demonstram que não há como deixar de reconhecer a relação entre o crescimento da violência urbana e as profundas desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira, onde se verifica de um lado a concentração da riqueza e do outro a concentração de precária qualidade de vida coletiva nos bairros periféricos das cidades brasileira. Mapas da violência indicam que as elevadas taxas de homicídios ocorrem com maior frequência nas áreas que compõem o cinturão urbano mais precário, onde a população é desassistida da infraestrutura urbana (CHAGAS et al., 2016).

Cunha e Jakob (2010) ressaltam essa desigualdade social como fruto de um processo de urbanização, conduzido segundo padrão periférico de crescimento urbano (processo que excluiu social e economicamente a parcela mais pobre da população). Nesse sentido, Freitas (2016) esclarece que a ocupação do espaço urbano determina o seu uso, produz espaços homogêneos na sua estrutura interna, mas ao mesmo tempo, heterogêneos em relação à totalidade do espaço da cidade, condição esta que faz com que cada um dos espaços que compõe a cidade, guarde sua singularidade e especificidade, reflexo da realidade vivida pelos seus moradores. Isso ocorre porque a fragmentação se dá a partir das características sociais, econômicas, culturais e arquitetônicas comuns que vão se formando em determinado espaço.

Segundo Santos (2007), essa disposição dos espaços urbanos se constitui no *apartheid* social, formada por meio de espaços segregadores, uma cartografia urbana fragmentada em zonas, as quais denomina de selvagens e civilizadas, onde estas sofrem constante ameaça daquelas. Nas zonas civilizadas, a presença do Estado é permanente, enquanto que nas selvagens, o Estado quase não se faz presente. Para Silva (2016, p. 03), o resultado disso são “os conflitos entre os poderosos e os oprimidos, as lutas de facções, grupos e classes estão em

constante ocorrência”. Segundo a autora, estes conflitos fazem desses espaços, ambientes propícios à instalação e produção da violência, medo e insegurança.

A complexidade da organização espacial da cidade por classes sociais, e os impactos desta na vida dos moradores, em especial, a violência que emerge nos espaços mais carentes da cidade, levam diversos estudiosos a buscar compreender a relação existente entre as características sociodemográficas desses espaços urbanos e os elevados índices de violência, visto que os baixos indicadores sociais tornam os bairros periféricos mais favoráveis à territorialização da violência e da criminalidade (CHAGAS, 2014; SILVA, 2016; SANTANA, 2016). Nesse sentido, Silva (2016, p. 22) procura elucidar tal questão ao afirmar que:

[...] que o processo de ocupação de terras urbanas originou o surgimento de inúmeros bairros na periferia da metrópole. Tal processo de certa forma conta com a participação e intervenção da figura do Estado atuante no espaço, agente de grande poder no que se refere ao processo produção do mesmo. Pois o espaço, em especial nesse acaso o urbano se tornou instrumento de importância capitalista para o Estado. Sendo que esse agente influencia na produção controlando os lugares, hierarquizando-os, homogeneizando partes e segregando outras, ocasionando desigualdades e insegurança em diversos espaços que se tornaram reduto da criminalidade e violência urbanas.

Conforme pode-se perceber, a discussão sobre violência, medo e insegurança, perpassa obrigatoriamente pelo conhecimento e análise da maneira como se produz os espaços na cidade, que se dá de forma fragmentada e hierarquizada, marcada pela profunda desigualdade social. Assim é que a urbanização dos espaços periféricos os torna mais suscetíveis ao estabelecimento de atividades criminosas, pois nesses espaços da cidade se concentram a pobreza, a falta de infraestrutura urbana e a insegurança.

Esse processo de desagregação social está intimamente relacionado com o modo de produção capitalista neoliberal, que determina a forma de produzir, a maneira de pensar e organizar a vida das pessoas na cidade, estrutura os espaços urbanos para o aumento do preço dos imóveis urbanos, na fragmentação dos espaços e na segregação socioespacial das cidades (GROSTEIN, 2001). O autor sugere, ainda, que esse contraditório processo de urbanização, pautado na segregação socioespacial e no permanente deslocamento das classes mais pobres da população em direção aos piores espaços da cidade, aliado à ausência do Estado, são fatores que tornam essas áreas vulneráveis a instalação de um poder baseado na transgressão das normas impostas, e no constrangimento e coerção das pessoas que lá residem. Com vistas a reafirmar o explicitado anteriormente, o mesmo autor declara que:

Neste cenário, a desigualdade socioespacial é expressão do processo de urbanização, produto das contradições inerentes ao modo de produção capitalista, determinante para a expansão dicotômica da área urbana, formando de um lado, “a cidade formal, que concentra os investimentos públicos e, de outro, o seu contraponto absoluto, a cidade informal relegada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente na ilegalidade urbana que a constitui” (GROSTEIN, 2001, p.123).

Diante da dinâmica da produção do espaço urbano, e sua manifestação desigual e particularizada, em razão da especificidade que guarda cada espaço da cidade, bem como na organização territorial diferenciada da insegurança (SOUZA JUNIOR, 2013), é que se faz necessário conhecer as características dos espaços carentes de infraestrutura urbana, as condições adversas a que estão sujeitos seus moradores, as consequências advindas das desigualdades sociais, e a maneira como seus moradores percebem a insegurança provocada pela violência nesses espaços. Assim, o estudo tem como objetivo apresentar a percepção da (in) segurança dos moradores de um bairro periférico de Belém do Pará, e como hipótese, a ideia de que o medo e a insegurança provocados pela violência no bairro do Jurunas, não são percebidos de forma uniforme por seus moradores, mas depende, sobretudo, do modo de ocupação do espaço da área do bairro onde residem.

Considerando as exigências metodológicas básicas, o estudo em questão é constituído dos capítulos requeridos em trabalhos dissertativos de conclusão de curso nos diferentes níveis de qualificação. O primeiro capítulo é composto pelas considerações gerais, a qual aborda introdução, justificativa, objetivos, metodologia e revisão de literatura. O segundo capítulo se encontra organizado com dois artigos científicos, onde o primeiro trata sobre “*O Perfil Sócio-demográfico dos Moradores de um Bairro Periférico da cidade de Belém do Pará*”, que trata do perfil sócio demográfico dos moradores do bairro do Jurunas e o segundo sobre a “*Percepção da (In) Segurança dos Moradores da Periferia*”, que aborda a percepção da (in) segurança dos moradores de um dos bairros periféricos mais violentos da cidade de Belém do Pará, o bairro do Jurunas, a partir das áreas que o compõe, área de aglomerado subnormal¹ e área urbana regular². O terceiro e último capítulo é constituído pelas considerações finais.

¹ O conceito de Aglomerados Subnormais segundo IBGE (2010b), é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos Aglomerados Subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios:

a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Possuírem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por

Por fim, esta dissertação segue as determinações da Resolução Nº 001/2016 – PPGSP, de 29 de Janeiro de 2016, que regula as normas e o modelo da dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Segurança Pública.

1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

O modelo de ocupação desigual dos espaços da cidade de Belém levou à fragmentação do espaço urbano em áreas de intenso contraste entre a riqueza e a pobreza, de um lado, a cidade dos excluídos, áreas desvalorizadas, onde predominam a pobreza, sem infraestrutura, sem serviços públicos, local em que se concentram a parcela mais carente da sociedade, com precárias condições de moradia e com baixa qualidade de vida, relegada pelas ações do poder público, e por isso, mais vulneráveis e propícias à violência e criminalidade. Enquanto que do outro lado da cidade, visualiza-se outra realidade, áreas valorizadas, com bens, serviços e lazer, local de moradia, da classe média alta, onde se concentram a riqueza, os investimentos públicos e os equipamentos urbanos.

Esse aspecto dicotômico do espaço urbano, têm efeitos significativos sobre a vida das pessoas, acentua as desigualdades, o empobrecimento das relações sociais, interfere sobre o acesso aos serviços básicos, as condições de escolaridade e os padrões de sociabilidade. Nessas áreas de exclusão social, onde se concentram os grupos mais vulneráveis, a desvalorização e a estigmatização desses espaços, se estendem aos seus moradores, contribuindo ainda mais para segregação socioespacial urbana, levando a população a assumir comportamentos de defesa e de vigilância contínua, o que produz mudanças significativas de comportamento decorrente do medo e insegurança.

Diante dessa desigualdade social dos espaços urbanos e dos impactos advindos dela na vida das pessoas mais carentes da sociedade, e da insegurança provocada pela vulnerabilidade social a que estão submetidos no cotidiano (pobreza, desemprego, falta de saneamento básico, analfabetismo, fome, violência, criminalidade), é que se evidencia a importância em se estudar os espaços de exclusão social, e os reflexos dessa desigualdade na

vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais.

² Segundo o IBGE (2010b), área urbana regular é toda área que não seja de aglomerados subnormais

vida dos seus moradores, em especial no que se refere aos problemas enfrentados no dia a dia em virtude do medo e da insegurança provocado pela violência nesses espaços.

Assim, é que o presente estudo é de grande importância, haja vista contribuir em vários aspectos, entre eles auxiliar o poder público para a implementação de políticas sociais nesses espaços carentes de infraestrutura urbana, possibilitando a redução das desigualdades sociais, e conseqüentemente da violência que nesses espaços se estabelece e depois se propaga para o resto da cidade.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Silva (2016) explica que em razão da explosão demográfica das grandes cidades, as áreas centrais ganham valor de mercado e se transformam em instrumento dispersor da sociedade, meio segregador da população mais pobre, que por não ter condições de se manter nas áreas centrais da cidade é afastada para áreas periféricas e subúrbios, espaços desestruturados em razão da falta do interesse capitalista, que se materializa por meio da ausência de políticas públicas e investimentos governamentais nessas áreas, o que contribui ainda mais para o aumento da exclusão social, pobreza e da segregação sócio espacial. A fragmentação do espaço urbano vai acontecendo de acordo com as características sociais e econômicas dos seus moradores, acentuando ainda mais as desigualdades, a pobreza e os problemas sociais das cidades.

No caso de Belém, o processo de periferização não se deu de forma diferente, a valorização das áreas centrais ocorreu em função da estruturação do espaço pelos investimentos públicos e privados, e em razão do aumento do preço dessas áreas, a parcela mais pobre da população migrou para áreas menos valorizadas da cidade, baixadas no entorno do centro e áreas distantes, enquanto que a classe alta e média alta permanece nos bairros centrais mais valorizados. As ações estratégicas do governo apoiam a produção capitalista, modificando estruturalmente; apenas os espaços urbanos que sejam economicamente interessantes, e a consequência disso, é a expansão das áreas de aglomerados subnormais.

Considerada a capital com maior proporção da população em áreas de aglomerados subnormais do Brasil, Belém do Pará possui 54,5% da sua população vivendo em condições subnormais (IBGE, 2010b), resultado de um processo de ocupação desordenado e espontâneo que ocorreu a partir da década de 50, por uma demanda populacional de baixa renda, que

migra num primeiro momento para as baixadas³, e posteriormente para periferias mais distantes do centro, aliada ao crescimento demográfico e a precariedade do acesso à área urbana central, devido aos elevados preços do mercado imobiliário. Esses trabalhadores excluídos do acesso ao solo urbanizado, acabam excluídos também do acesso a saúde, educação, lazer, transporte, saneamento básico e segurança.

Então como recorte espacial tem-se como foco de estudo, a periferia, em especial a periferia do bairro do Jurunas em Belém do Pará, localiza a maior área de aglomerado subnormal da cidade, onde residem 53.129 dos 64.478 habitantes do bairro, dados que demonstram a infraestrutura deficitária do bairro estudado (IBGE, 2010b). Tal realidade é fruto do processo de urbanização desordenada, que se deu com a ocupação de terrenos inapropriados para habitação, devido sofrerem a influência das marés, essas áreas estavam sujeitas a constantes alagamentos, em que passou a habitar uma população predominantemente de baixa renda, vinda na sua grande maioria, do interior do Estado, que não tinham condições de se fixar, ou manter-se nas áreas altas e centrais da cidade (PEREIRA, 2004), enquanto que as classes mais abastadas economicamente passaram a ocupar as partes mais altas e valorizadas do bairro.

A atual dinâmica de ocupação dos espaços da cidade contribuiu para que o bairro do Jurunas se constituísse num cenário de intensa desigualdade sócioespacial, numa dupla realidade, onde a riqueza convive com a pobreza. De um lado, predomina área carente de infraestrutura urbana, onde a população não tem acesso aos serviços públicos essenciais, como saneamento básico, escolas e hospitais, e do outro, área urbanizada, com características semelhantes ao bairro nobre de Batista Campos, com quem faz fronteira ao Norte, local onde reside a classe média e alta do bairro.

Os indicadores acima apontam uma fragilidade que explica as causas que tornam o bairro do Jurunas um espaço propício ao estabelecimento do crime, fazendo emergir o clima de desamparo e sobressalto, que por sua vez, interferem no comportamento da população que lá reside, transformando a rotina cotidiana das pessoas, em razão do medo e da insegurança gerada pela criminalidade. Beato Filho (2012) postula que os crimes violentos são produto do processo de desorganização nas grandes cidades, sobretudo nas áreas periféricas, onde ocorre uma maior deficiência dos mecanismos de controle estatal.

Santana (2016) reitera a precariedade ou ausência da infraestrutura urbana como possível causa da intensificação da violência nos espaços segregados, desamparado pelo

³ Sanches & Couto (2010), ressaltam que a ocupação da baixada ocorreu impulsionada pelo êxodo rural, pela crise econômica e pela valorização do centro.

poder público, dominado pelo tráfico e grupos de extermínio e milicianos, lugar de exclusão, onde reside uma população pobre da cidade. Essa dinâmica da ocupação desigual dos espaços da cidade acaba tornando esses espaços carentes de infraestrutura urbana, e, portanto, mais vulneráveis às ações criminosas (CHAGAS, 2014), fator que pode repercutir de forma diferenciada na percepção do medo e insegurança dos moradores dessas áreas.

A característica dicotômica e heterogênea do bairro do Jurunas, e o fato de que o acesso à periferia também se revela fragmentado e hierarquizado, determinando a forma dos seus moradores produzirem, pensarem, se organizarem, se comportarem, e perceberem o espaço em ocupam na sociedade. Assim, o problema deste trabalho consiste em responder a seguinte questão: A urbanização interfere na percepção do sentimento de insegurança gerado pela violência no bairro do Jurunas?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral:

Avaliar a questão da (in) segurança dos moradores de um bairro periférico de Belém do Pará.

1.4.2 Objetivos Específicos:

- i) Mostrar o perfil sócio demográfico de um bairro periférico de Belém do Pará;
- ii) Verificar o acesso aos serviços públicos essenciais dos moradores de um bairro periférico de Belém do Pará;
- iii) Demonstrar a infraestrutura de um bairro periférico de Belém do Pará.
- iv) Analisar a percepção da (in) segurança dos moradores de um bairro periférico de Belém do Pará.

1.5 HIPÓTESE

A hipótese deste trabalho é de que o medo e a insegurança provocada pela violência no bairro do Jurunas, não são percebidos de forma uniforme por seus moradores, mas dependem, sobretudo, das características de infraestrutura do espaço que estes moradores ocupam no bairro.

1.6 REVISÃO DE LITERATURA

O sentimento de medo e insegurança provocado pela violência tem tomado conta dos grandes centros urbanos brasileiros, ocupando um lugar significativo na vida das pessoas, em especial dos moradores das áreas mais carentes da cidade, que caracterizam-se por aglomerado subnormal, onde ocorre a precariedade da infraestrutura urbana, e os serviços essenciais como saneamento básico, saúde e educação são ineficientes ou inexistentes, e em consequência dessa deficiência ocorre baixa expectativa de vida, desorganização e desigualdade social (SILVA, 2016). A insegurança tem transformado a realidade social, provoca impactos significativos sobre o comportamento das pessoas, destruindo a confiança, a civilidade, formas de solidariedade, fortalece o individualismo e o preconceito.

Garofalo (1981), ao abordar a insegurança provocada pelo medo do crime, afirma que ela pode ser definida como “uma reação emocional caracterizada pelo sentimento de perigo e ansiedade produzido pela ameaça de um dano físico [...] alimentada por certas fragilidades percebidas no ambiente que se relacionam de alguma forma com o crime” (GAROFALO, 1981, p.840). Nessa perspectiva, vários autores concordam que existe tanto o aspecto afetivo quanto o aspecto cognitivo do sentimento de insegurança (MACHADO; AGRA, 2002; AMERIO; ROCCATO, 2007). Sendo a primeira considerada uma resposta emocional negativa que é eliciada a partir da ideia de se torna vítima de alguma forma de dano e/ou estando diante de algum sinal associado ao crime (LAGRANGE; FERRARO, 1989). Já no nível cognitivo está associado à compreensão do risco de vitimação, ou seja, está relacionado com a antecipação da possibilidade de isso ocorrer (AMERIO; ROCCATO, 2007; MACHADO; AGRA, 2002).

Esteves (2016) afirma que o indivíduo diante do sentimento de insegurança tem o seu componente comportamental alterado, reflexo frente ao medo do crime ou ao risco percebido. Assim, quanto diante de situação aversiva, o sujeito tende a manifestar dois padrões de ação, o primeiro é tentar evitar determinados lugares e circunstâncias que talvez estejam associados ao crime; o segundo, é buscar se proteger, assumindo estratégias de prevenção, a fim de evitar o perigo (LISKA; SANCHIRICO; REED, 1988). Deste modo, entende-se que o primeiro está associado ao fato das pessoas andarem por áreas consideradas seguras, e assim, evitar aquilo de que têm medo, enquanto o segundo está relacionado à adoção de atitudes e instrumentos que lhe garantam essa proteção, como por exemplo, a compra de armas e alarmes, como também, aprender a se defender dessas situações (ESTEVES, 2016).

Fernandes e Carvalho (2000, p.79) citam que outro ponto importante é a questão do espaço, pois, esta tem também um importante peso no entendimento do sentimento de insegurança, uma vez que, esta “é a expressão subjetiva da vulnerabilidade cada vez maior da estrutura social das sociedades complexas”. Fernandes (2004, p. 95) menciona que a “cidade é vivida como um palco onde pululam atores perigosos e possibilidades de maus encontros e torna-se cada vez mais um lugar de evitamentos”, pelo que será por certo o local por excelência para o germinar e desenvolver do sentimento de insegurança.

Frattar (2009) cita que, o fenômeno da insegurança, ao que parece, é capaz de reorganizar os processos de integração social entre grupos, como também, o próprio entendimento acerca do espaço público. A autora cita as áreas de convivência e lazer que acabam sendo abandonadas devido ao aumento do medo e a descrença em relação a esses espaços, por isso, se tornam alvos da “delinquência de oportunidade”. Por outro lado, as reuniões e experiências sociais, são transferidas para lugares onde o espaço seja prioritariamente privado e controlado, longe do medo e da insegurança (FRATTAR 2009). Assim, “O sentimento de insegurança cria um espaço público onde as diferenças tendem a ser cada vez mais ressaltadas e entendidas como ameaçadoras, o que muito contribui para reforçar processos de segregação e desigualdade” (FRATTAR, 2009, p. 2).

Segundo Barata (2008), o medo e a insegurança têm estado presente durante décadas, no dia a dia das pessoas que vivem nelas e as diversas instâncias sociais, como o Estado, e as instituições não são capazes de enfrentar a problemática, todavia, o medo e a insegurança multiplicam-se a cada dia de modo visível. Nesse sentido Barata (2008, p. 9), afirma que:

[...] o medo e a angústia diária crescem a olhos vistos. Por um lado, o controle do medo pactua com as desordens no ambiente social comunitário, por outro, a homogeneização das comunidades seguras resultam numa metodológica segregação residencial.

Ainda na mesma perspectiva, Frattar (2009, p. 2-3) ressalta:

Neste contexto, os moradores das áreas pobres vêm sendo eleitos indiscriminadamente como criminosos e tratados como tal, seja pelos demais habitantes da cidade, seja pelas forças policiais, cujas ações excessivas são constantemente noticiadas. As periferias das cidades sofrem uma série de incursões repressivas e violentas pautadas e legitimadas por esses estereótipos construídos ao longo do tempo e reforçados pelo discurso da violência. Neste sentido, entende-se, que o discurso sobre a violência tem desdobramentos práticos quanto à segregação socioespacial na cidade, contribuindo sobremaneira para a conformação de um espaço urbano fragmentado e marcado pelo medo.

Nesse sentido Souza (2008) indica o medo e a insegurança que tem dominado os centros urbanos, como produto da precarização das condições de vida da maioria dos moradores da cidade. O autor ressalta a forma diferenciada de urbanização, como fator que acarreta o surgimento de espaços fragmentados sócio-político-espacialmente, onde devido à pouca presença do Estado, a insegurança prevalece, e “o medo generalizado prospera e se sente em casa”, pois mais propensos a problemas como aumento da violência, tráfico de drogas e prostituição (SOUZA, 2008, p. 50).

Chagas (2014) corrobora ao esclarecer a íntima relação existente entre a violência e o crescimento urbano acelerado e desorganizado. O autor aponta o avanço da violência urbana e da insegurança, como resultado de um processo de urbanização concentrado, que trouxe como consequência a segregação das camadas mais pobres da sociedade em áreas periféricas, carentes de infraestrutura básica necessária a garantir a melhoria da qualidade de vida desses moradores, fenômeno que torna esses espaços mais suscetíveis a violência devido a pouca presença do Estado.

A respeito da relação existente entre a prática da violência criminosa com as características dos espaços da cidade, Esteves (1999, p. 29) assevera a relação existente em que as “[...] características dos meios urbanos, como dimensão, densidade e heterogeneidade da sua população, influenciam a prática de atos delituosos, pois determinam as formas de controle social e conseqüentemente as oportunidades para a execução de crimes”. Nesse mesmo sentido, Machado (2000) afirma que a vida na cidade, assim como, as condições que ela oferece, por vezes são complicadas, devido à desorganização urbana, física e social, o que favorece o surgimento de desigualdade e diferentes formas de violência urbana e seus diferentes tipos de manifestação (doméstica, patrimonial, verbal, poluição, etc.).

Segundo Chagas (2014), essas desigualdades surgem devido à discrepância nas condições de vida da população brasileira. Em alguns casos, as pessoas vivem em situações muito desiguais. É importante salientar também que a violência se relaciona com o ambiente e o espaço em que o sujeito tem na sociedade, assim como, necessita ocupar um lugar no espaço para viver e esse espaço em que ele vive é uma produção social (SANTANA, 2016).

Ainda de acordo com os autores supracitados, o espaço limitado das cidades é direcionado a uma pequena parcela da população, ficando a maior parcela excluída e marginalizada na sociedade. Com isso, tem a violência como resultado das relações sociais desiguais presentes em nossas cidades (SILVA, 2016).

Sendo assim, Vieira Neto (2011, p. 141 - 142) afirma que:

Um cidadão sem participação na sociedade é um cidadão sem espaço, sem lugar e sem poder, logo torna-se um excluído. A violência urbana tem origem na segregação social e espacial da população e se faz presente na cidade refletindo numa paisagem composta de lugares diferentes, onde a pobreza e a riqueza se tornam mais visíveis. Para um pequeno grupo, cabe ocupar o lugar da opulência e da riqueza, o direito a residir em bairros ricos e luxuosos, enquanto que para a grande maioria das pessoas, sobrou apenas a periferia, margens de rios, áreas insalubres, ou seja, o lugar da pobreza e da miséria.

Silva (2016) ressalta que os lugares onde a pobreza predomina são locais onde a violência de destaca mais agudamente, evidenciando de modo muito marcante outros tipos de tensões e conflitos cotidiano, intensificando ainda mais a insegurança dos moradores que já vivem um cotidiano estressante. Segundo a autora, esses fatores demonstram que a violência urbana não pode ser analisada isoladamente, e sim como parte integrante de um sistema socioespacial dinâmico, onde as desigualdades, a segregação, a disputa por territórios, a fragmentação espacial, o medo e a insegurança nas cidades são partes componentes, elementos combinados e interligados entre si.

1.7 METODOLOGIA

1.7.1 Tipo de Pesquisa

Objetivando apresentar a percepção da (in) segurança dos moradores de um bairro periférico de Belém do Pará, optou-se por um estudo exploratório e descritivo, numa abordagem quantitativa utilizando-se técnicas da estatística descritiva para apresentar os dados, por meio de tabelas e figuras (BUSSAB; MORETTIN, 2013), e qualitativa, uma vez que a análise da percepção da insegurança gerada pela violência é um processo complexo e dinâmico, resultado das realidades sociais, não permitindo sua tradução em números, conforme preleciona Silva e Menezes (2001).

Para Gil (2002), a pesquisa com características descritiva e exploratória é utilizada quando for do interesse do pesquisador conhecer e descrever questões relacionadas aos sujeitos e seus comportamentos, considerados importantes.

A respeito da metodologia descritiva, Rampazzo (2010) afirma que ela visa mostrar o fenômeno e suas variáveis, tal como ele se apresenta na constituição da realidade, sem a interferência do pesquisador. Com isso, surgem outras necessidades como a de classificação, registro, identificação, frequência e análise para evidenciar as manifestações dos fenômenos na sociedade.

[...] observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipula-los, estuda fatos e fenômenos do mundo físico, e especialmente, do mundo, sem a interferência do pesquisador [...]. A pesquisa descritiva procura, pois descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e sua conexão com outras, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupo e comunidade mais complexas. (RAMPAZZO, 2010, p. 55)

Ainda para Rampazzo (2010) a pesquisa exploratória “trata-se de uma observação não estruturada, ou assistemática: consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas” (RAMPAZZO, 2010, p. 56).

Por sua vez a pesquisa exploratória pode ser compreendida como aquela que proporciona ao pesquisador mais familiaridade com o problema da pesquisa, tornando-o mais claro, “seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 41).

1.7.2 Caracterização do Local da Pesquisa

O presente estudo foi realizado no bairro do Jurunas, um dos mais densos e violentos da capital paraense. No bairro estudado durante os anos de 2011 a 2015 foram cometidos 187 homicídios, enquanto que no bairro vizinho, de nome Batista Campos, foram cometidos 9 homicídios no mesmo período (CHAGAS et al., 2016). O Jurunas é o segundo bairro mais populoso da cidade, possui 64.478 habitantes, em uma área aproximada de 2,5 km² (IBGE, 2010b).

O bairro do Jurunas encontra-se fragmentado em duas áreas com realidades socioeconômicas completamente diferentes entre si. Nas áreas Sul/Leste, próximas do bairro da Condor e do Rio Guamá, desde os limites da Cidade Velha até a Condor, encontra-se a maior área de aglomerado subnormal da cidade de Belém, denominada Baixada da Estrada Nova Jurunas⁴, que caracteriza-se por uma área de intensa precariedade, onde concentra-se a população de baixa renda do bairro, local desestruturado, com baixos indicadores sociais, e por isso, mais suscetível ao domínio do tráfico, e em consequência disso, dos conflitos

⁴A população de menor renda passou a se localizar nas baixadas alagadiças, em moradias que se assentavam diretamente sobre argila (recoberta de camadas de aterro geralmente insuficientes) ou se dispõem suspensas por escadas (palafitas) em terrenos encharcados permanentemente e para onde se drena parte dos esgotos das áreas mais altas (SUDAM; DNOS; GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 1976, p.26).

desencadeadores da violência, da insegurança e do medo que se difundem para o resto da cidade. Na porção Norte/Oeste, onde limita com o bairro de classe média alta de Batista Campos e o bairro da Cidade Velha, encontram-se concentrados os equipamentos urbanos, investimentos públicos, bens e serviço necessários ao bem-estar dos seus moradores, esta parte do bairro é menos densa do que na porção Sul/Leste.

Assim, considerando as especificidades de cada uma das áreas que compõe o bairro do Jurunas, como forma de identificá-las e de melhor compreender como se processa a dinâmica da violência e da insegurança, o bairro será dividido seguindo critério de classificação espacial do IBGE (2010b), em área de aglomerado subnormal (precária de infraestrutura) e área urbana regular (espaço urbano infraestruturado).

1.7.3 População

No primeiro momento, para a realização do estudo quantitativo foi selecionada uma amostra aleatória estratificada proporcional ao número de moradores por setor censitário, a partir do universo de habitantes do bairro do Jurunas, que segundo o IBGE (2010b), é de 64.478, num total de 178 moradores, com uma margem de erro máxima de 7,6%. Neste momento da pesquisa, como critério de inclusão utilizou-se a seleção dos participantes na faixa etária superior a 18 anos, com capacidade de compreender os próprios atos, de ambos os sexos, residentes no bairro do Jurunas, cujo setor censitário foi estabelecido previamente.

No segundo momento, para a realização do estudo qualitativo, como critério de inclusão foram selecionados, a partir da amostra quantitativa, sete moradores do bairro do Jurunas de realidade socioeconômica e demográficas distintas, numa amostragem por conveniência. Dos sete participantes, quatro residem na área carente do bairro, caracterizada como de aglomerado subnormal, estão inseridos no mercado de trabalho informal, possuem baixa escolaridade e renda familiar abaixo de três salários mínimos. Os demais participantes residem na área nobre, do bairro, possuem nível superior, renda familiar acima de 15 salários mínimos e estão inseridos no mercado de trabalho formal. Todos os participantes da entrevista possuem faixa etária entre 40 e 58 anos de idade, sendo que três são de sexo masculino e, quatro do sexo feminino. Quanto ao critério de exclusão, não participaram da pesquisa os indivíduos que não atenderam os critérios de inclusão.

1.7.4 Instrumentos e Técnicas de Coleta

Para a pesquisa quantitativa, foi utilizado como instrumento de coleta dos dados, um formulário, contendo perguntas fechadas de múltipla escolha, relacionados aos dados sociodemográficos dos moradores do bairro do Jurunas (Apêndice D), tais como: grau de escolaridade; renda familiar; raça auto atribuída; tempo de moradia no bairro; tipo de domicílio (material de construção dos domicílios; condições de ocupação do domicílio); infraestrutura urbana (pavimentação asfáltica e iluminação pública); serviços públicos essenciais disponíveis (água, esgotamento sanitário e coleta de lixo domiciliar); proximidade da residência do entrevistado a posto de saúde e escola.

Para a coleta de dados referente à pesquisa qualitativa, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada (Apêndice C). Minayo (2010) assevera a importância da entrevista como técnica privilegiada de comunicação, pois permite a aproximação do pesquisador com a realidade investigada. O referido instrumento foi composto por dois blocos de questões, sendo o primeiro constituído de nove quesitos, referentes aos dados sociodemográficos, para caracterização dos participantes da pesquisa, onde foram abordadas questões como: tempo de residência no bairro, local de residência no bairro, sexo, idade, renda familiar e nível de escolaridade. O segundo bloco foi composto por sete questões abertas, relacionadas aos sentimentos e percepções dos moradores do bairro do Jurunas acerca da questão da (in) segurança da área urbana onde residem.

1.7.5 Procedimentos de Coleta

A coleta de dados foi realizada em dois momentos diferentes da pesquisa. Primeiro foram coletados os dados para o estudo quantitativo, depois os dados para o estudo qualitativo.

A coleta quantitativa ocorreu num total de seis incursões ao bairro estudado, quando foram coletados os dados pela própria autora, e posteriormente por uma equipe composta por cinco bolsistas do laboratório de sistema de informação e georeferenciamento da Universidade Federal do Pará⁵, o que proporcionou uma maior segurança aos sujeitos da pesquisa, bem como credibilidade nas informações fornecidas.

⁵ Pela dificuldade de aproximação com os sujeitos da pesquisa, devido os mesmos suspeitarem da pesquisadora vir a pertencer a algum órgão relacionado a segurança pública.

Para cobrir a população do bairro em toda a sua extensão, neste momento da pesquisa utilizou-se como critério de seleção da amostra, a distribuição da população por setor censitário do censo ⁶ (IBGE, 2010b), cuja seleção se constituiu em verificar o número de habitantes do bairro, por setor, com vista ao levantamento proporcional dos dados.

A coleta qualitativa foi realizada em duas incursões em cada uma das áreas que compõe o bairro do Jurunas, onde foram aplicados os instrumentos para os sete entrevistados.

Nos dois momentos os quesitos dos instrumentos de coleta de dados foram respondidos pelos entrevistados no próprio domicílio ou local de trabalho, após uma explicação detalhada dos objetivos do estudo, e a concordância do entrevistado em participar da pesquisa.

1.7.6 Procedimentos de Análise

Para análise dos dados quantitativos e com objetivo de apresentar o perfil sociodemográfico do bairro do Jurunas, após a coleta dos dados, utilizou-se técnica estatística, como a análise descritiva de dados (BUSSAB; MORETIN, 2013), garantindo através do uso de tabelas e figuras uma melhor visualização, análise e discussão dos dados. Por fim, realizou-se a discussão dos resultados com a literatura pertinente.

Para explorar as questões relacionadas aos dados qualitativos, o que se refere à percepção do medo e da insegurança dos moradores das duas áreas que compõe o bairro do Jurunas, optou-se por utilizar a técnica de Análise de Conteúdo, que consiste em técnica interpretativa de texto, onde são identificadas as palavras mais frequentes no decorrer do discurso. Pêcheux (1997) esclarece que este método permite a fragmentação do conteúdo do texto em categorias de informações (palavras), a partir dos termos de maior frequência no texto.

Para auxiliar na análise da frequência das palavras, as falas coletadas foram inseridas no software *Nvivo* 10, que gerou como resultado a figura intitulada *Nuvem das Palavras*, onde constam as palavras mais frequentes. Quanto maior for o tamanho da palavra na nuvem, maior será sua frequência na base de dados, demonstrando o grau de importância das mesmas nas falas dos participantes da pesquisa. Esta técnica considera que o interesse não se limita à

⁶ Segundo IBGE (2010b), setor censitário é a unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, do quadro urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse, além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta.

simples descrição dos conteúdos, uma vez que investiga como os dados, depois de tratados, poderão contribuir para o processo do conhecimento (OLIVEIRA *et al.*, 2003).

Para a inclusão das palavras a serem analisadas, optou-se pelas 51 palavras mais relevantes da base de dado e pelas palavras com número de caracteres > que 6, de modo que os termos de conexão fossem excluídos.

Por meio das palavras mais frequentes acima mencionadas, obtidas por meio do software NVivo10, foram selecionadas categorias e subcategorias que reuniram falas expressando significados e percepções dos participantes acerca da questão da (in) segurança que os moradores do bairro do Jurunas vivenciam no seu cotidiano.

1.7.7 Aspectos Éticos

A pesquisa atentou para os aspectos éticos, resguardando a identidade dos entrevistados, através da atribuição de nomes fictícios. A coleta de dados ocorreu mediante a concordância verbal e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) por parte dos participantes, após as devidas explicações sobre a pesquisa e seus objetivos. As informações coletadas serviram de base apenas para a pesquisa, não sendo utilizadas para nenhum outro fim.

Capítulo 2 - Artigos Científicos

2.1 ARTIGO CIENTIFICO 1

Perfil sociodemográfico dos moradores de um bairro periférico de Belém do Pará

Sociodemographic profile of the residents of a peripheral neighborhood and its relation with urban violence

Elizabeth Cristina da Silva Feitosa⁷

Silvia dos Santos de Almeida⁸

Ana Patrícia de Oliveira Fernandez⁹

RESUMO

A cidade de Belém do Pará concentra mais de 50% da sua população residindo em áreas denominadas aglomerados subnormais, que se caracterizam pela carência de serviços essenciais, bem como pela ocupação desordenada dos espaços. Partindo da observação desse fenômeno, este artigo tem por objetivo, mostrar as condições sociodemográficas dos moradores do bairro do Jurunas. Trata-se de um estudo quantitativo, exploratório e descritivo a partir de uma amostra aleatória estratificada proporcional, com erro máximo de 7,6%. Os resultados indicaram que obras de infraestrutura têm elevando a qualidade de vida dos moradores do bairro do Jurunas, no entanto muito ainda precisa ser feito no bairro, principalmente no que se refere aos serviços de esgotamento sanitário e melhoria na qualidade da prestação dos serviços públicos de iluminação pública, saúde e educação. Este estudo contribuiu para compreender a importância das políticas públicas como meio eficaz para a efetiva redução da violência na cidade de Belém.

Palavras Chaves: Segregação; Desigualdade; Aglomerados Subnormais.

SUMMARY

The Belem-Para city concentrates more than 50% of its population residing in areas called subnormal agglomerations, which are characterized by the lack of essential services, as well as by the disorderly occupation of spaces. Based on the observation of this phenomenon, this article aims to show the sociodemographic conditions of the Jurunas neighborhood's inhabitants. This is a quantitative, exploratory and descriptive study based on a proportional stratified random sample, with a maximum error of 7.6%. The results indicated that infrastructure have

⁷ Advogada e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública pela UFPA. advogada.beth@gmail.com;

⁸ Doutora em Engenharia de Produção (UFSC) e professora da UFPA. Belém – Pará – Brasil. salmeida@ufpa.br;

⁹ Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA) e professora do IFPA. Belém – Pará – Brasil. apsol0204@gmail.com.

improved the life quality of the Jurunas neighborhood's inhabitants, however much still needs to be done in the neighborhood, especially in relation to sewage services and improvement in the quality of the provision of public services. Public lighting, health and education. This study contributed to understand the importance of public policies as an effective means to effectively reduce violence in Belem city.

Keywords: Segregation; Inequality; Subnormal Agglomerates.

1 INTRODUÇÃO

O modo como ocorreu o processo de urbanização no Brasil trouxe inúmeros problemas para as metrópoles brasileiras. O deslocamento da população rural aos grandes centros urbanos em busca de oportunidade de emprego e melhoria da qualidade de vida fez com que a população brasileira, que na sua maioria residia em espaços rurais, optasse em morar nas cidades, sem que houvesse planejamento e estruturação necessária para recebê-los nas áreas urbanas (BESSERA; TEIXEIRA, 2016).

A ausência de planejamento resulta em um processo contraditório de urbanização, onde a parcela mais carente da população foi segregada às áreas periféricas e menos valorizada da cidade, enquanto que a população com maior poder aquisitivo ocupou as áreas centrais, onde recursos públicos eram direcionados para criar infraestrutura necessária para garantir a eficiência da cidade. Segundo Cunha e Jakob (2010) esse deslocamento em massa das populações acentua ainda mais as desigualdades sociais.

Esse modo de distribuição espacial estratificada socialmente é segundo Caldeira (2000, p.303), característica própria da natureza dos espaços das cidades, que "[...] são apropriados de maneiras bastante diferentes por diversos grupos, dependendo de sua posição social e poder [...]". Nesse sentido, a autora compreende a segregação espacial como elemento intrínseco às cidades, tornando-as por natureza locais de contradições onde ocorrem a divisão de classes e a marginalização dos indivíduos mais carentes da sociedade.

A exemplo das características advindas do formato espacial do contexto nacional, na cidade de Belém, os impactos sociais dessa expansão acelerada¹⁰ fez surgir

¹⁰ Com o Plano de Desenvolvimento Nacional – PDN e a construção da Belém-Brasília em 1960, o governo federal estimulou a ocupação da Amazônia, desencadeando um processo intenso de

espaços de exclusão social (SILVA, 2016). O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), por meio do censo demográfico de 2010 aponta a cidade de Belém, como a capital brasileira de maior extensão de aglomerados subnormais do país¹¹, 54,5% da população da cidade ocupa áreas de aglomerados subnormais.

Os aglomerados subnormais localizados ao entorno da Baía do Guajará e Rio Guamá, são os mais próximos do centro e se formaram a partir da ocupação desordenada das áreas de baixada¹², sujeitas a inundações periódicas e por isso mais baratas. A expansão dessas áreas na capital paraense expõe o padrão de urbanização que vem se desenvolvendo ao longo do tempo, pautado na segregação socioespacial, acentuando ainda mais as desigualdades sociais (SANCHES; COUTO, 2010). Nesse sentido asseveram os autores:

A ocupação intensa da periferia de Belém se dá, sobretudo em direção as suas áreas de baixadas, ou seja, aquelas áreas desvalorizadas e que não são de interesse do setor de construção civil. Assim, até a década de 40 a ocupação urbana estava mais concentrada no centro da cidade. Mas a partir das décadas de 60/70 e 80, a periferia passa a sofrer um intenso processo de ocupação espontânea, impulsionada pelo êxodo rural, pela crise econômica e pela valorização do centro com expulsão da população de baixa renda para outras áreas, justamente aquelas sem ou com precária infraestrutura (SANCHES; COUTO, 2010, p. 3).

Tais fatores, aliados ao aumento das taxas da criminalidade na cidade de Belém¹³, indicam uma possível correlação entre a desestruturação do espaço urbano com o estabelecimento e a proliferação do crime nas áreas periféricas da cidade (CHAGAS, 2014).

Dentro dessa perspectiva é importante analisar o perfil sócio demográfico desses espaços segregados, em especial do bairro periférico do Jurunas (Figura 01), locus do presente estudo, espaço de exclusão social, onde predominam elevados índices

urbanização da cidade de Belém, com a chegada dos imigrantes do interior do Estado e de outras regiões do Brasil (RODRIGUES, 1978).

¹¹ Para o IBGE (2010), Aglomerado Subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa.

¹² Essa denominação decorre das condições topográficas de certas frações da área urbana, correspondentes ao nível da planície de inundações, constantemente alagadas ou sujeitas às inundações durante determinadas épocas do ano (Trindade Jr. 1997, p. 01).

¹³ Belém se destaca entre os primeiros lugares do *ranking* nacional das capitais onde acontece o maior número de Crimes Violentos Letais-CVL do Brasil. Dados coletados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2016, p.53).

de violência, pobreza, alta densidade demográfica, falta de infraestrutura urbana, precariedade da qualidade de vida dos seus moradores (CHAGAS et al., 2016).



Figura 1: Localização do Bairro do Jurunas.
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O IBGE (2010) aponta o Jurunas como bairro onde se concentra a maior extensão de aglomerados subnormais da cidade de Belém, Baixada da Estrada Nova Jurunas, quinta maior favela do Brasil. Segundo Santana (2016) são nos espaços segregados que a violência mais se intensifica, devido a precariedade das condições de vida dos moradores. Morar num bairro periférico significa redução de oportunidades no mercado de trabalho, falta de educação, cultura, lazer, saúde, expectativa de vida, segurança pública e saneamento básico, uma vez que, nesses espaços o Estado se mantém distante, a maioria dos investimentos públicos são canalizados para os bairros de classe alta, o que faz desses espaços locais férteis a disseminação da violência e do crescimento do crime organizado (GOMES, 2002), evidencia-se cada vez mais as características sócio demográficas como componentes que contribuem para a violência urbana (ADORNO, 2002).

A violência urbana não é um fato isolado, é fenômeno que se desencadeia a partir de múltiplas circunstâncias, em que a ausência de políticas públicas que elevem a qualidade de vida dos moradores dos bairros periféricos podem ser possivelmente um dentre outros fatores motivadores desse fenômeno (CHAGAS, 2014).

Partindo dessa premissa, o perfil sociodemográfico dos moradores dos bairros segregados constitui-se como possível chave para a compreensão de como a desestruturação desses espaços periféricos, onde predominam a pobreza, a ausência/precariedade nos serviços essenciais a dignidade dos indivíduos e a violência, se relacionam com o estabelecimento do crime, contribuindo para os altos índices de violência da cidade de Belém.

Diante do exposto, este artigo objetiva traçar o perfil sociodemográfico dos moradores do bairro do Jurunas, de forma a apresentar informações que possam contribuir para as futuras políticas públicas a serem desenvolvidas nos bairros periféricos, local onde vive a maioria da população da cidade de Belém (IBGE, 2010).

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa é classificada como exploratória, com abordagem quantitativa, com análise de dados utilizando técnicas da estatística descritiva por meio de tabelas e figuras (BUSSAB; MORETTIN, 2013). Tendo sido realizada em janeiro de 2017 a partir do universo de 64.478 habitantes do bairro do Jurunas (IBGE, 2010), foi selecionada uma amostra aleatória estratificada proporcional ao número de moradores por setor censitário¹⁴ de 178 moradores desse bairro, com uma margem de erro máxima de 7,6%. Esse método é o mais comum de estratificação, o tamanho dos estratos é proporcional ao tamanho de cada estrato da população (BUSSAB; BOLFARINE, 2005).

¹⁴ Segundo IBGE (2010), setor censitário é a unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, do quadro urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse, além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta.

2.2. Os Dados (Variáveis)

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário, contendo perguntas fechadas de múltipla escolha e respondido pelo entrevistado no seu próprio domicílio, após uma explicação detalhada dos objetivos do estudo, e a concordância do entrevistado em participar da pesquisa. Foram utilizadas as variáveis (temas) relevantes para o estudo, que envolvem aspectos sociodemográficos como: Grau de escolaridade; Renda familiar; Raça auto atribuída; Tempo de moradia no bairro; Tipo de domicílio (material de construção dos domicílios; condições de ocupação do domicílio); Infraestrutura urbana (pavimentação asfáltica e iluminação pública); Serviços públicos essenciais disponíveis (educação, saneamento básico e saúde).

Após a coleta dos dados em campo, passou-se ao tratamento dos dados coletados, tabulação e produção de banco de dados e tabelas, de forma a possibilitar a análise e discussão do perfil sociodemográfico dos moradores do bairro do Jurunas, e sua possível contribuição para a violência do bairro e conseqüentemente da cidade onde este está inserido. Por fim, realizou-se a discussão dos resultados com a literatura pertinente.

Quanto ao critério de inclusão utilizou-se a seleção dos indivíduos de ambos os sexos, com idade superior a dezoito anos, residentes no setor censitário previamente estabelecido do bairro, capazes de compreender os próprios atos. Quanto aos critérios de exclusão, não participaram da pesquisa os indivíduos que não atenderam os critérios de inclusão.

2.3. Local da Pesquisa (Caracterização do Bairro do Jurunas)

Rodrigues e Borges (2012) afirmam que o bairro do Jurunas se encontra inserido no contexto histórico do processo de urbanização do Município de Belém, que se intensificou na segunda metade do século XX, quando massa de migrantes das áreas rurais e ribeirinhas se deslocaram para os centros urbanos do seu próprio Estado e região, ou para outras regiões do País, em busca de melhores condições de vida. Esse processo de explosão demográfica é apontado como causa da expansão da “periferização das cidades, da aglomeração não-planejada, em ocupações irregulares, das populações migrantes” (RODRIGUES; BORGES, 2012, p. 2).

A localização geográfica do bairro do Jurunas às margens do rio Guamá¹⁵, foi fator determinante na dinâmica da ocupação do seu espaço pelos segmentos mais carentes da sociedade, uma vez que, as áreas centrais, mais adequadas para habitação foram ocupadas pelas camadas com poder aquisitivo mais elevado, dada a valorização imobiliária dessas áreas, implicando na exclusão das classes mais pobres, que tiveram que buscar nas “baixadas”¹⁶, local para construírem suas moradias (TRINDADE JR.,1997). A respeito das consequências desse modelo de urbanização segregacionista, dispõe:

É a população pobre da cidade de Belém que mais luta com a falta de moradias, de água encanada, de esgotos, de transportes e outros; que mais sente os efeitos negativos do elevado preço da terra urbana por ser forçada a morar na periferia, particularmente em áreas alagáveis e sem infraestrutura (FRANÇA, 1995, p. 3).

Os problemas decorrentes da ocupação desordenada e sem planejamento desse solo tipicamente amazônico, se constituiu como fator gerador de inúmeros problemas, entre eles a falta de investimentos públicos e obras necessárias a melhoria da qualidade de vida dos moradores, em virtude das dificuldades advindas dos alagamentos e dos vários cursos d’água existentes na área” (DUARTE, 1997).

Como a maioria dos bairros da “baixada” de Belém, o bairro do Jurunas é classificado como área onde predomina aglomeração subnormal caracterizado pela alta densidade demográfica, precariedade das habitações das famílias de baixa renda, ausência do tratamento de esgotamento sanitário, entre outras.

A maior área de aglomerados subnormais da cidade de Belém, denominada Baixada da Estrada Nova localiza-se no bairro do Jurunas, o que faz dele o bairro onde se concentra o maior percentual de domicílios em aglomerados subnormais de Belém, 53.129 moradores, dos 64.478 habitantes do bairro (IBGE, 2010).

Tais características revelam as dificuldades enfrentadas pela maioria dos moradores do bairro, que necessitando permanecer próximos ao centro da cidade, e local de

¹⁵ Sua delimitação geográfica está contida na Lei Municipal nº 7.806/96, que estabelece como limite ao sul o Rio Guamá, pela Estrada Nova; ao norte com o bairro de Batista Campos, pela Travessa Tupinambás; à oeste, com o bairro da Cidade Velha, pela rua Cesário Alvim; e a leste, com o bairro da Condor, pela Travessa Quintino Bocaiúva.

¹⁶ As baixadas existentes em Belém são áreas inundadas ou sujeitas às inundações – decorrentes, em especial, dos efeitos das marés – e ficaram conhecidas, principalmente a partir da década de 60, por serem espaços de moradia das camadas sociais de baixo poder aquisitivo. Esses espaços caracterizam-se então como “segregados, socialmente excluídos, com deficiência e insuficiência de equipamentos urbanos e comunitários” Trindade Jr., 1997, p. 29)

trabalho, não dispondo de recursos financeiros para adquirirem habitação em áreas adequadas, acabam adaptando-se as adversidades das áreas ocupadas a que foram segregados (falta de saneamento básico, alagamentos constantes de ruas e casas, águas paradas por falta de drenagem, acúmulo de lixo, etc.).

Etchichury (2010), afirma que existe uma íntima relação entre concentração de riqueza, precariedade de vida nos espaços segregados e a explosão letal da violência, sendo demonstrado nos anos 90, que as taxas de homicídios nos espaços segregados são mais elevadas do que nos bairros atendidos por equipamentos urbanos, por serviços de educação, lazer e cultura.

No mesmo sentido Chagas et al., (2014), aponta a exclusão social, favelização e pobreza presentes nas áreas periféricas, como fatores que podem contribuir para o aumento da violência na cidade de Belém, pois a ausência do poder público nesses espaços urbanos coopera para a propagação e estabelecimento da criminalidade. O autor esclarece ainda que a violência se manifesta de acordo com a espacialidade e relações que se estabelecem entre o indivíduo e o território nos espaços urbanos, “o território é reflexo de diversas variáveis sociais [...], que estão relacionadas a valores culturais, sociais, econômicos, políticos e morais (CHAGAS et al., 2014, p. 4). Assim, pode-se pensar que a violência pode ser compreendida como resultado dessa relação, o que pode justificar a territorialidade da violência” A figura a seguir (Figura 2) mostra os aglomerados subnormais na cidade de Belém, onde destaca-se o Jurunas como o bairro onde se concentra ampla extensão de aglomerados subnormais dentro do município.

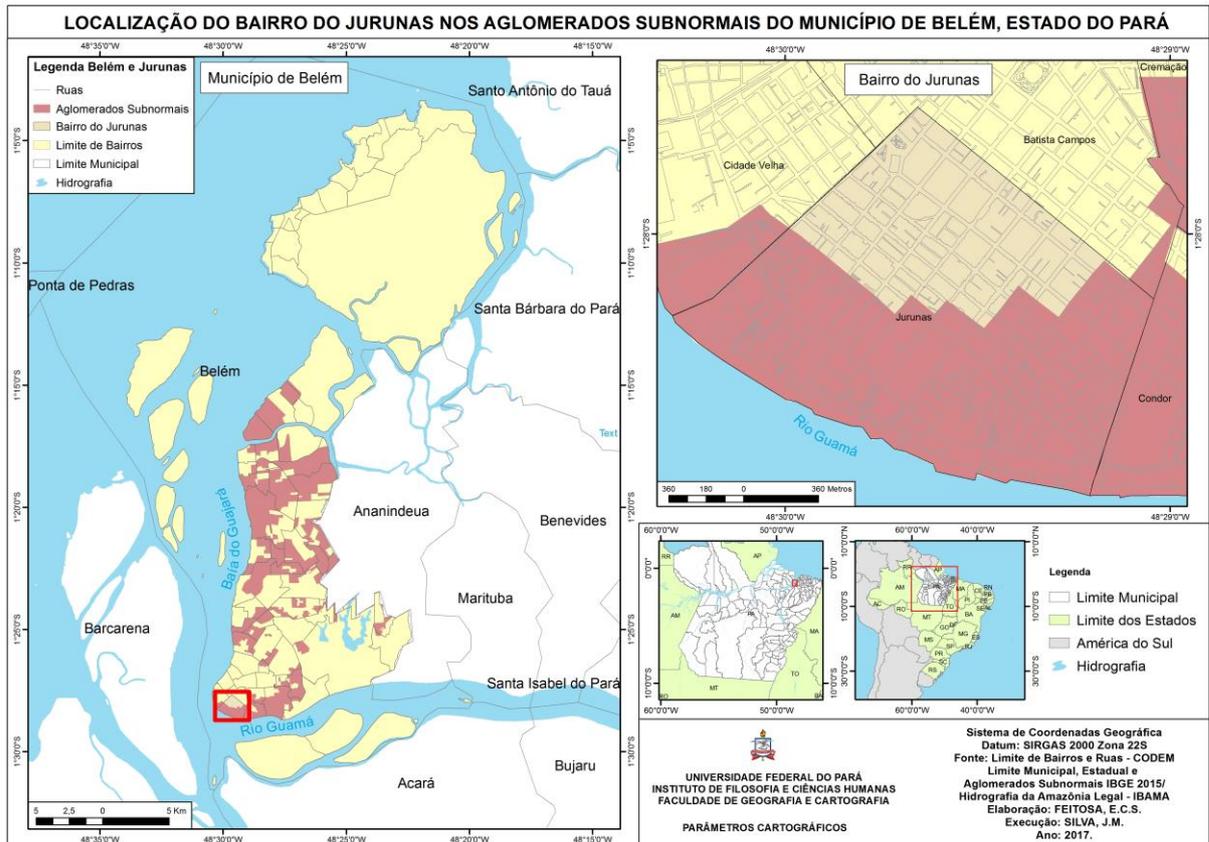


Figura 2: Aglomerados Subnormais da cidade de Belém-Pará.
 Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Nesses espaços segregados o Estado se mantém distante, o que torna mais difícil o controle sobre as atividades das organizações criminosas, facilitando a proliferação da violência e criminalidade que se expande para o resto da cidade, em especial nos espaços elitizados onde existe uma maior atratividade patrimonial (CHAGAS, 2014). Nesse contexto conforme se verifica na Tabela 1, o resultado de estudo realizado por Chagas et al., (2016) em dois dos bairros periféricos mais violentos da cidade de Belém-Pará, e no bairro nobre de Batista Campos, demonstra que no bairro do Jurunas durante os anos de 2011 a 2015 ocorreram 187 homicídios, enquanto que no mesmo período ocorreram no bairro nobre da Batista Campos 9 homicídios.

BAIRROS	2011	2012	2013	2014	2015
Jurunas	29	50	35	34	39
Batista Campos	1	1	1	4	2

Tabela 1: Numero de Homicídios nos Bairros de Jurunas e Batista Campos nos anos 2011-2015.

Fonte: Adaptado pela autora, de Chagas et al., 2016.

O panorama delineado demonstra uma possível relação entre as características sociodemográficas do bairro e seus elevados índices de criminalidade, uma vez que a deficiência ou ausência dos serviços básicos impedem as pessoas de desenvolverem suas potencialidades, limita o exercício de direitos e o acesso a oportunidades (GOMES, 2002).

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando a escolaridade dos moradores, medida pelo grau da última série concluída, observa-se que a maior parte dos moradores do bairro do Jurunas possui ensino médio completo (41,57%), seguido do ensino médio incompleto (19,28%), enquanto que os moradores que se encontram inseridos nos níveis de educação superior (completo, incompleto e pós-graduação) totalizam 14,46% (Tabela 2).

Grau de Escolaridade	Percentual
Sem Escolaridade	1,20
Ensino Fundamental Incompleto	15,66
Ensino Fundamental Completo	7,83
Ensino Médio Incompleto	19,28
Ensino Médio Completo	41,57
Ensino Superior Incompleto	6,63
Ensino Superior Completo	7,23
Pós-Graduação	0,60
Total	100,00

Tabela 2: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Grau de Escolaridade em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Esses dados demonstram que no geral, o nível de escolaridade entre os moradores do bairro do Jurunas é baixo, sendo que apenas um pouco mais da metade desses moradores (56,03%) possui escolaridade de ensino médio ou superior (Tabela 2). Tais resultados concordam com Etchichury (2010), o qual afirma que em áreas

carentes da cidade, predomina uma população de baixa escolaridade, fator que pode contribuir para a violência.

A Tabela 3 indica que a maioria (75,33%) dos residentes do bairro do Jurunas possuem renda familiar mensal menor que três salários mínimos, o que pode ser definido como baixo poder aquisitivo, fato este já destacado por Rodrigues e Borges (2012) como sendo uma característica que decorre da população de baixa-renda que se estabeleceu no bairro do Jurunas as décadas de 50 e 80, vinda em sua grande maioria do interior do Estado, em busca de oportunidade de trabalho e melhor qualidade de vida, que por não terem condições financeiras, tiveram que se instalar em terrenos periféricos, de baixo valor.

Pesquisa do IBGE (2010) aponta para o fato de que cerca de 60% da população brasileira encontra-se na faixa salarial de até um salário mínimo, situação que obriga a busca de moradia em áreas sem infraestrutura urbana, haja vista a desvalorização imobiliária dessas áreas.

Faixa Salarial	Percentual
< 1	8,86
1 — 3	66,47
3 — 5	13,92
5 — 7	6,96
≥ 7	3,79
Total	100,00

Tabela 3: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Faixa Salarial da Renda Familiar (em Salário Mínimo=R\$937,00) em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Agregado a tudo isso, é necessário ainda considerar, a baixa escolaridade dos moradores do bairro mostrado na Tabela 2, a grande maioria (92,17%) dos seus moradores não possuem nível superior, esse dado interfere diretamente no salário do trabalhador. Por outro lado, isso pode estar relacionado à atividade informal que predomina no bairro, a maioria dos moradores se declara autônomo (68,00%), dado que possui relação direta com a renda familiar dos moradores (Tabela 4). Esses dados demonstram um processo de marginalização dessa população que não se encontra inserida no mercado formal de trabalho, o que impede o acesso à rede de benefícios como a aposentadoria e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, entre outros, cuja efetivação exige um contrato formal de trabalho, retenção e

repassa previdenciário e recolhimento do FGTS pelo empregador, fator que representa barreira à ascensão social. Verifica-se (Tabela 4) que 4,8% informaram atividades relacionadas a profissões de engenharia 2,40%, administrador, 0,80% e farmacêutico 1,60%, que somados a alguns cargos públicos ocupados por moradores que se declararam servidores públicos, ainda se constitui em um baixo percentual de moradores que desempenham profissões que exigem escolaridade de nível superior. Essa realidade retrata a característica econômica dos moradores do bairro do Jurunas como própria dos habitantes dos bairros periféricos (RODRIGUES; BORGES, 2012).

Profissão	Percentual
Autônomo(a)	68,00
Servidor(a) Público	16,00
Serviços Gerais	2,40
Engenheiro(a)	2,40
Vigilante	2,40
Cozinheiro(a)	1,60
Empregada Doméstica	1,60
Farmacêutico(a)	1,60
Administrador(a)	0,80
Recepcionista	0,80

Tabela 4: Percentual de Moradores do Bairro do Jurunas por Atividades Econômicas Desenvolvidas (os 10 Maiores Percentuais) em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Os dados demonstrados acima revelam a informalidade como característica marcante nas atividades econômicas desenvolvidas no bairro, o que coincide com o declarado em Rodrigues e Borges (2012).

A Tabela 5 revela que a maioria (60,47%) dos moradores do bairro do Jurunas se autodeclararam pardos, seguido dos que se declaram brancos (22,09%) e dos que se declaram Negros (15,12%). Esta realidade demonstra que a grande maioria dos moradores do bairro se declara Pardos ou Negros (75,59%), evidenciando que a apropriação do espaço urbano termina por refletir também na raça/cor dos seus moradores, contribuindo também para a segregação racial (CARRIL, 2006).

Raça	Percentual
Parda/Negra	75,59
Branca	22,09
Amarela	1,74
Indígena	0,58
Total	100,00

Tabela 5: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Raça (Auto Atribuída) em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

A partir dos resultados, pode-se constatar que os problemas sociais típicos dos bairros periféricos, como a violência e criminalidade, atingem predominantemente a população de cor parda e ou negros, uma vez que esta é a população que habita majoritariamente nesses bairros. Este entendimento corrobora com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014, que revela uma proporção maior de morte ou prisão de pessoas com a pele de cor parda ou negra em relação aos demais seguimentos na população Brasileira.

A Figura 3 mostra que 23,26% dos moradores residem entre 21 e 30 anos no bairro, enquanto que 44,77% possuem tempo de moradia acima de 30 anos, sendo a média de tempo de moradia aproximadamente 34 anos. Rodrigues (2006) ressalta que a maioria dos moradores do bairro pesquisado são migrantes ou descendentes de migrantes¹⁷, que passaram a residir no bairro entre as décadas de 50 e 80, período em que se intensificou a ocupação do Jurunas. Esses dados apontam uma possível relação entre os moradores mais antigos com os primeiros moradores do bairro.

¹⁷ Pesquisa realizada junto aos estudantes da rede pública do Jurunas, em que cerca de 100 formulários foram aplicados, foi obtidos os seguintes resultados acerca da origem dos alunos e dos pais: Filhos: nascidos em Belém 46%; nascidos no interior 53%; outros 1%. Pais: nascidos em Belém 20%, nascidos no interior 76%; outros 4% (RODRIGUES, 2006).

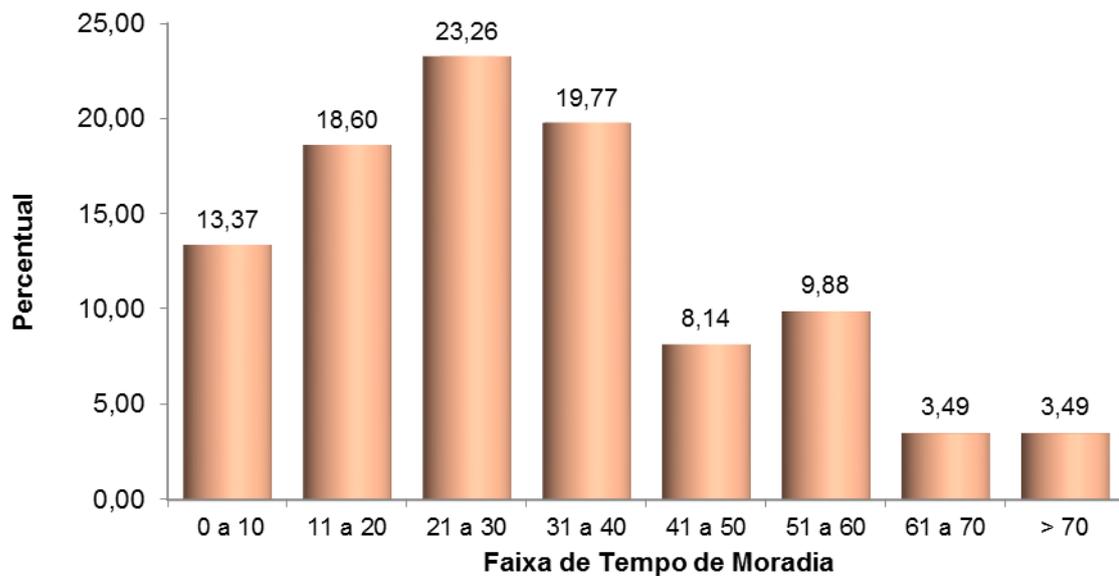


Figura 3: Percentual de Faixa de Tempo de Moradia (em anos) no Bairro do Jurunas em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Na Figura 4 pode-se observar que as casas construídas com material de alvenaria predominam no bairro (79,77%), em seguida vem às moradias mistas, construídas com uma parte de alvenaria e a outra parte em madeira (10,40%). Estes dados indicam a melhora do material utilizado nas moradias do bairro do Jurunas, em relação aos dados da pesquisa do SPU/PA (2014) quando foram identificadas moradias de alvenaria (48,57%), mista (14,29%) e madeira (31,14%).

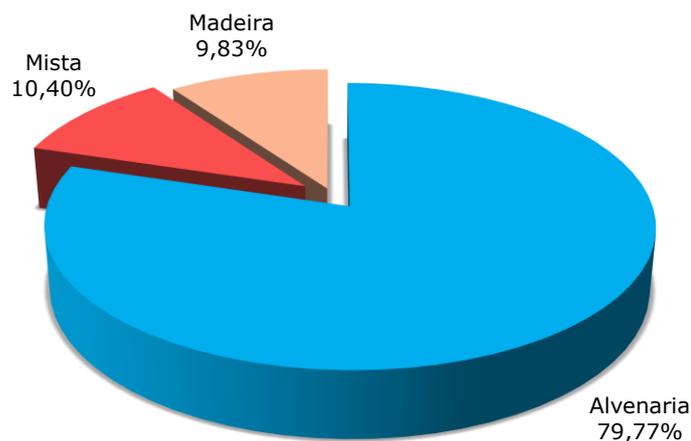


Figura 4: Percentual de Moradores Residentes no bairro do Jurunas por Tipo de Domicílio em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Em estudos, como o de Iwakami (2017) mostram que a alta densidade demográfica nos bairros periféricos, como é o caso do Jurunas, que possui 64.478 habitantes, se constitui em elemento influenciador da forma de se construir na periferia. Mecanismos de ampliação e verticalização das moradias com utilização de material de alvenaria, são comuns entre os habitantes para comportar a inserção de novos moradores (geralmente familiares) nas residências, transformando-as em habitações multifamiliar.

Importante questão a ser observada também, são as obras de infraestrutura e macrodrenagem que vem ocorrendo neste bairro, que têm tornado firme o solo que até então era alagado ou alagável, possibilitando aos moradores edificações permanentes como é o caso das casas de alvenaria no lugar das palafitas (casa de madeira edificada sobre as águas ou terrenos alagáveis).

Quanto à condição de ocupação dos imóveis em janeiro de 2017, verifica-se na Figura 5 que a maioria dos domicílios foram intitulados próprios (78,62%) em detrimento a proporção dos alugados (16,76%) e cedidos (2,89%). Esse percentual elevado de domicílios declarados próprios revela uma das características dos aglomerados subnormais, onde seus residentes se declaram proprietários dos terrenos onde edificaram suas moradias, mesmo sem tê-la (GUIMARÃES, 1987), ou cujo título de propriedade tenha recebido após a ocupação ilegal do solo (IBGE, 2010).

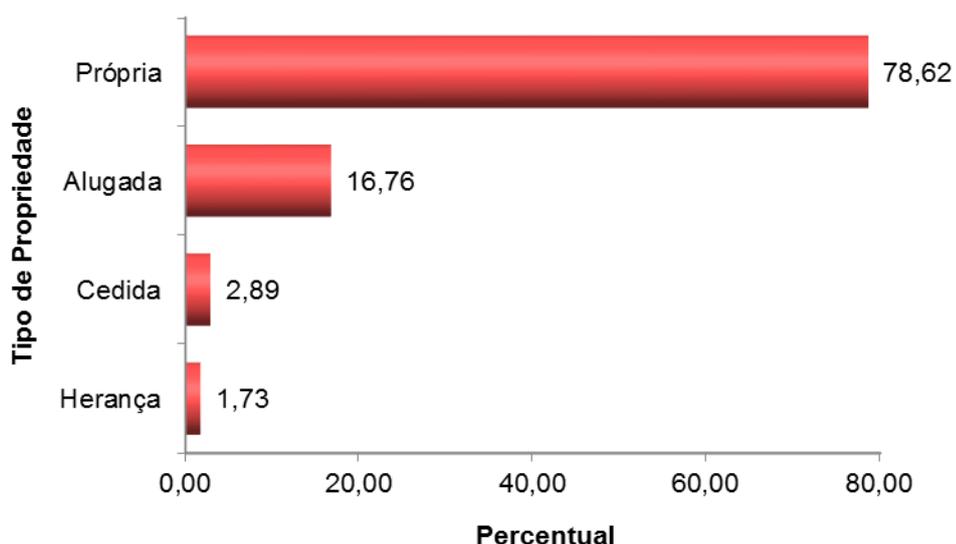


Figura 5: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por Tipo de Propriedade em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

A partir da Figura 6 verifica-se que a maioria (87,79%) dos moradores do bairro residem em rua com pavimentação asfáltica e possuem iluminação pública (94,80%), em suas ruas, sendo que a maioria desses moradores consideram o serviço de iluminação pública insatisfatório (68,79%). Dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011) apontam que no bairro 83,09% possuem pavimentação no entorno do domicílio e 92,90% Iluminação pública, tais resultados revelam que do censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, para janeiro de 2017, quando foi realizada a presente pesquisa no bairro do Jurunas, ocorreu uma pequena evolução dos serviços de infraestrutura no bairro. A pesquisa demonstrou um crescimento de 4,70% no acesso ao serviço de pavimentação asfáltica, e 1,90% ao serviço de iluminação pública, sendo a disponibilidade do serviço de iluminação pública de baixa qualidade para a população, um dos fatores que influencia na violência do bairro, uma vez que o espaço se torna mais inseguro e propenso à atividade de grupos criminosos. A precariedade na prestação do serviço público também influencia para aumento dos índices de criminalidade (CHAGAS, 2014).

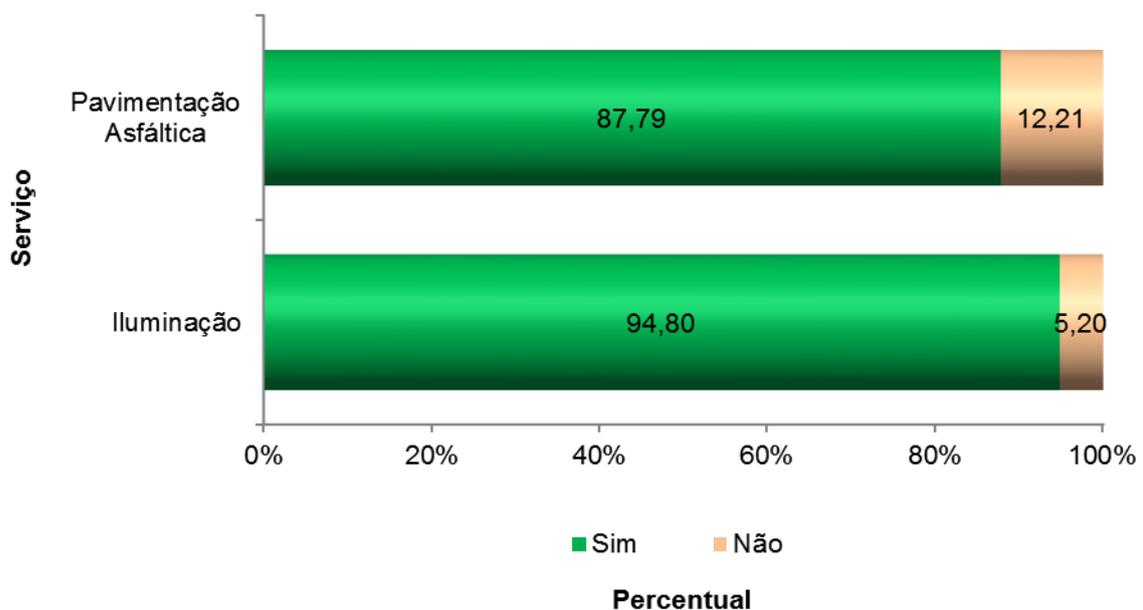


Figura 6: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas, que Possuem ou Não Pavimentação Asfáltica e Iluminação Pública, em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

A Figura 7 mostra a total cobertura (100%) na proporção de domicílios com abastecimento de água potável no bairro do Jurunas, sendo que desses, a grande maioria (72,78%) achou satisfatório o fornecimento de água potável no bairro.

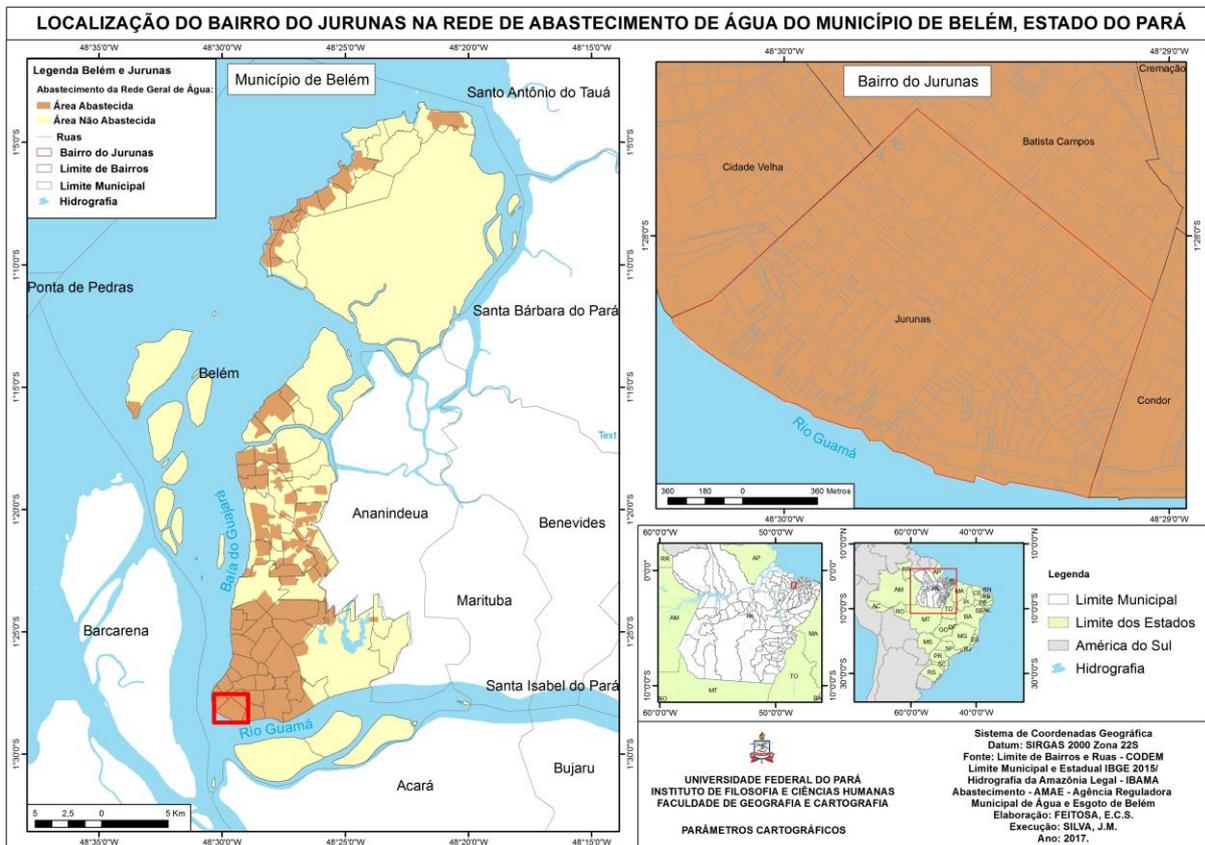


Figura 7: Áreas com Serviço de Fornecimento de Água Potável.

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Ainda na Figura 8 é possível observar um elevado percentual de cobertura (98,84%) da coleta de lixo domiciliar, por outro lado, somente a minoria dos domicílio (1,16%) do bairro não possuem lixo coletado pelos serviços de limpeza pública. Tais indicadores corroboraram com os dados do Sistema Nacional de Informação de Saneamento (SNIS) do Ministério das Cidades (2015) que indicam ampla cobertura na prestação desse tipo de serviço no Município de Belém, cerca de (92,79%), incluindo-se o bairro do Jurunas.

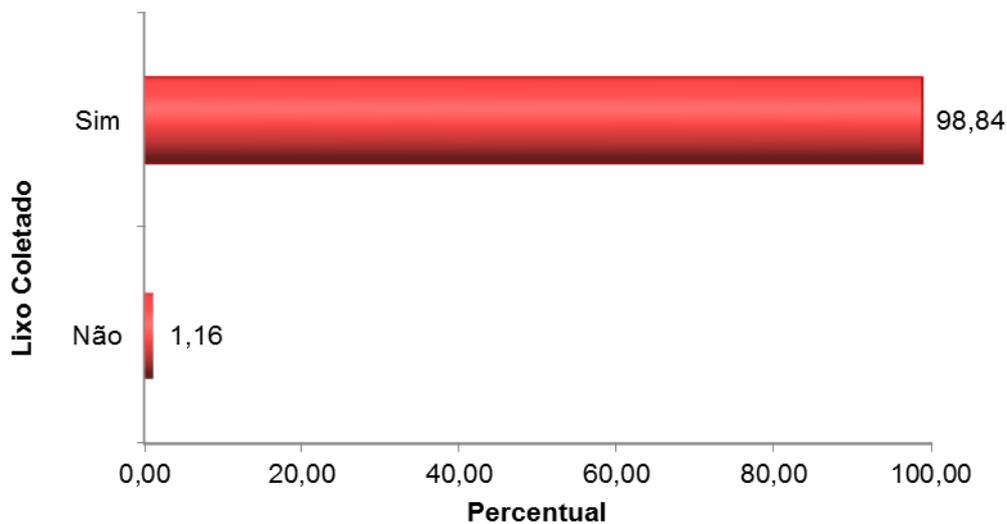


Figura 8: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas com Serviço Público de Coleta de Lixo, em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Em relação ao serviço de coleta de esgoto, a Figura 9 mostra que este serviço é inexistente no bairro do Jurunas. Reflexo da realidade do município como um todo, que dispõe dos menores índices de cobertura deste serviço no Brasil (IBGE, 2010). Dados do Sistema Nacional de Informação de Saneamento (SNIS) do Ministério das Cidades (2015) informam que apenas 12,43% dos habitantes da cidade de Belém é atendida com coleta de esgoto sanitário. A deficiência na prestação desses serviços faz da capital paraense uma das 10 cidades brasileiras com maiores taxas de internações por diarreias, e também uma das três cidades com os maiores gastos com internações por diarreias, esses indicadores são resultado da ausência do serviço de coleta de esgotamento sanitário na cidade (TRATA BRASIL, 2010).



Figura 9: Áreas com Serviço de Coleta de Esgotamento Sanitário.
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A Tabela 6 evidenciou que a grande maioria dos moradores (92,44%) residentes no bairro do Jurunas possui escola próxima de sua residência, possibilitando num primeiro momento o acesso da população aos serviços públicos de educação, no entanto, estudos como o de Ernica e Batista (2012) indicam que a vulnerabilidade social do território onde está localizada a escola interfere no nível de oportunidade do estudante, isso muitas vezes ocorre porque os baixos indicadores sociais destas áreas segregadas dificultam o acesso da população, em sua grande maioria carente, aos bens e serviços necessários ao desenvolvimento das potencialidades humanas.

Existe Escola	Percentual
Sim	92,44
Não	7,56
Total	100,00

Tabela 6: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas que Moram Próximos de Escola, em Janeiro de 2017.
Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Já a Tabela 7 indica que a maioria dos moradores (83,24%) residentes do bairro do Jurunas moram próximo a algum posto de saúde.

Existe Posto	Percentual
Sim	83,24
Não	16,76
Total	100,00

Tabela 7: Percentual de Moradores Residentes no Bairro do Jurunas por se Moram Próximo ou Não de Posto de Saúde, em Janeiro de 2017.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, Jan/2017.

Porém, estes indicadores (Tabela 7) por si só não demonstram efetividade e qualidade na prestação desses serviços para a população do bairro, Pesquisa Nacional de Saúde (PNS, 2013) sobre a satisfação da população brasileira na prestação do serviço público de saúde aponta que o serviço de saúde no Brasil tem se mostrado deficiente no atendimento às necessidades da população.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo traçar o perfil sociodemográfico dos moradores da periferia de Belém, em especial do bairro do Jurunas. Sendo que as análises realizadas neste artigo demonstraram que 47,40% dos moradores desse bairro estão inseridos na faixa etária superior a 45 anos de idade, 75,59% se auto declaram pardos/negros ou pretos, com 68% não estando inseridos no mercado formal de trabalho, e 75,33% possuem renda inferior a 3 salários mínimos, e são residentes a mais de 20 anos (68,03%) no bairro. Sendo que essa população é composta provavelmente pelos migrantes de baixa renda das cidades ribeirinhas que ocuparam o bairro a partir da década de 50, e seus descendentes.

Pode-se concluir que apesar desses baixos indicadores sociais delineados, e da inexistência dos serviços de coleta de esgotamento sanitário no bairro, os dados da pesquisa revelaram melhoria nas condições dos domicílios, uma vez que no bairro predominam habitações de alvenaria com o percentual de 79,77%, e seus residentes se declaram proprietários do terreno onde moram. Esses indicadores tornam possível refletir se de fato as melhorias nas condições dos domicílios, ocorreram em razão da melhoria na qualidade de vida dos moradores, ou foi forçada pelo encarecimento da madeira como material de construção – construir uma casa

de madeira não é mais barato como antigamente. Conclui-se, no entanto, que estas modificações aconteceram ao mesmo tempo em que ocorreram também melhorias no acesso aos serviços de infraestrutura urbana no bairro, como no caso dos serviços de abastecimento de água potável (100%), coleta de lixo (98,84%), pavimentação asfáltica (87,79%), iluminação pública (94,80%), escolas próximas as residências (92,44%), posto de saúde próximo as residências (83,24%), o que pode ser fator ensejador dessas modificações. Também se conclui que existe um baixo grau de escolaridade entre os moradores do bairro, apenas 56,03% possuem grau de escolaridade na faixa do ensino médio completo e superior. Os indicadores nos revelam que alguns serviços urbanos essenciais, passam a ser utilizado por um maior número de moradores do bairro, não estando mais restrito apenas ao centro ou a parte do bairro estudado, que confina com o bairro nobre de Batista Campos e o bairro histórico da Cidade Velha, se conclui que estaria ocorrendo mudanças no perfil sociodemográfico dos moradores do bairro periférico do Jurunas, ensejados possivelmente pelas intervenções do poder público que tem investido em obras de infraestrutura local, medidas que têm elevando a qualidade de vida desses moradores. Mas ainda assim, a situação geral se demonstra deficiente, onde muito ainda tem que ser feito em termos de obras de infraestrutura no bairro, principalmente no que se refere aos serviços de esgotamento sanitário e melhoria na qualidade da prestação dos serviços públicos de iluminação pública, saúde e educação, pois conforme já citado, áreas com intensa desigualdade social, são terrenos férteis para a produção da violência e criminalidade que depois se expande para o resto da cidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. Exclusão sócio econômica e violência urbana. *Revista Sociologias, Violências, América Latina*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 84-135, Jul/Dez, 2002.

BELÉM. Lei Municipal nº 7.806, de 30 de julho de 1996, delimita as áreas que compõem os bairros de Belém e da outras providências, Belém-PA, 1996.

BESERRA, M. R.; TEIXEIRA, S. M. *Urbanização e Segregação Socioespacial: O Papel do Estado no Planejamento Urbano*, 2016.

BUSSAB, W. O.; BOLFARINE, H. Amostragem. 1ª ed., São Paulo: Editora Blucher, 2005.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. Estatística Básica, 7ª ed., São Paulo: Savaria, 2013.

CALDEIRA, T. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34 / EDUSP, 2000.

CARRIL, L. Quilombo, favela e Periferia: A longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume, 2006.

CHAGAS, C. A. N. et al. Da (Re) Produção à segregação do espaço urbano: uma análise comparativa sobre a criminalidade violenta nos bairros do Umarizal e Jurunas em Belém - (Pa). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRÁFOS, 7, 2014, Vitória. Anais Eletrônico.

CHAGAS, C. A. N. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém, Boletim Amazônico de Geografia, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.

CHAGAS, C. A. N. et al. Território Criminalidade e Violência: Uma Análise dos Homicídios na 4º e 5º AISP, Belém-Pará. Boletim Amazônico de Geografia, Belém, nº 1, v. 03, nº 05, p. 152-174, jan./jun. 2016.

CUNHA, J.M.P.; JAKOB, A.A.E. Segregação socioespacial e inserção no mercado de trabalho na RMC .bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 115-139, jan./jun. 2010.

DUARTE, C. F. Belém na virada do século XIX: modernidade no plano urbanístico de expansão da cidade. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ. 1997.

ERNICA, M.; BATISTA, A. A. G. A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável. Cad. Pesq., São Paulo, v. 42, n. 146, p. 640-666, ago. 2012.

ETCHICHURY, C. A violência na mídia: um estudo de caso sobre a cobertura da criminalidade pela imprensa no RS. 2010, 133 f (Dissertação em Ciências Sociais) Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

FBSP. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. 10ª Ed. São Paulo, 2016.

FRANÇA, C. F. Produção do espaço urbano e degradação ambiental: um estudo sobre a várzea do Igarapé Tucunduba (Belém-PA). São Paulo: USP, 1995.

GOMES, L, F. Urbanização desordenada + miséria. Jurídica Consulex, Brasília, v. 6, n. 133, p. 32-33, 2002.

GUIMARÃES, B. M. A situação habitacional na Região Metropolitana e em Belo Horizonte. 1987.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Aglomerados subnormais: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO TRATA BRASIL. Ranking do saneamento 2015 Disponível em: www.tratabrasil.org.br/ranking-do-saneamento-2015. Acesso em 4 março 2017.

IWAKAMI, L. N. Habitação social: ocupação no espaço da cidade, disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/3/habitacao-social-ocupacao-no-espaco-da-cidade.pdf>, acessado em 05 de março de 2017.

PNS-Pesquisa Nacional de Saúde: 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões/IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas. Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Université Fédérale du Pará, 2006.

RODRIGUES, C. I.; BORGES, M. T. Economia informal no bairro do Jurunas, Belém-PA. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28, São Paulo – SP, 2012.

RODRIGUES, M. L. Uma forma de ocupação espontânea na Amazônia: povoados do trecho norte da Belém-Brasília. 128 f. (Dissertação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SANCHES, S. B; COUTO, A. C. O tráfico e a periferia: a (re)produção da violência urbana na cidade de Belém – PA. 2010.

SANTANA, L. L. S. Território, Territorialização e Violência nos Bairros de Guamá e Terra Firme em Belém-PA. Boletim Amazônico de Geografia. Belém, v. 03, n. 05, p. 198-219. jan./jun. 2016.

SILVA, M. P. Urbanização, violência e insegurança no distrito de Icoaraci em Belém-PA. Boletim amazônico de geografia (ISSN: 2358-7040 – on-line), Belém, v. 03, n. 05, p. 01-23. Jan./jun. 2016.

SNIS. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento [homepage na internet]. Brasília (DF): Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental;. Disponível em: <http://www.snis.gov.br>.

SPU. SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO. Disponível em:
<https://gestão.patrimoniode.todos.gov.br/gerencias-regionais/spu-pa>. Acesso em: 03
março de 2017.

TRINDADE Jr, S. C. C. Produção do Espaço e Uso do Solo Urbano em Belém.
Belém: NAEA/UFPA/PLADES, 1997.

2.2 ARTIGO CIENTIFICO 2

PERCEPÇÃO DA (IN) SEGURANÇA DOS MORADORES DA PERIFERIA
PERCEPTION OF (IN) SECURITY OF DWELLERS OF THE PERIPHERY

Elizabeth Cristina da Silva Feitosa

Universidade Federal do Pará-UFPA

advogada.beth@gmail.com

Silvia dos Santos de Almeida

Universidade Federal do Pará-UFPA

salmeida@ufpa.br

Ana Patrícia de Oliveira Fernandez

Instituto Federal do Pará-IFPA

apsol0204@gmail.com

RESUMO: O objetivo do presente estudo foi analisar a percepção da (in) segurança dos moradores de um dos bairros periféricos mais violentos da cidade de Belém do Pará, o bairro do Jurunas, a partir de duas áreas que o compõe, área urbana regular e área de aglomerado subnormal. A pesquisa contou com uma abordagem qualitativa, com emprego da técnica de entrevista semiestruturada. Para tratamento dos dados optou-se pela Análise de Conteúdo, utilizando-se o *software Nvivo 10*, com o objetivo de analisar as falas dos participantes envolvidos na pesquisa. Os resultados da pesquisa indicaram que na área de aglomerado subnormal a insegurança é percebida de forma mais intensa do que na área urbana regular, bem como evidenciaram uma relação direta entre a insegurança percebida e a realidade socioespacial dos moradores.

Palavras-chave: Percepção; Violência; Insegurança.

ABSTRACT: The present study aimed was to analyze the perception of the inhabitants (in) security about one of the most violent peripheral neighborhoods of Belem-Para city, in Jurunas neighborhood, from two areas that compose it, regular urban area and area of Subnormal cluster. The research had a qualitative approach, using the semi-structured interview technique. For data treatment, we opted for Content Analysis, using Nvivo 10 software, in order to analyze the speeches of the participants involved in the research. The results of the research indicated that in the area of subnormal cluster insecurity is perceived more intensely than in the regular urban area, as well as evidenced a direct relationship between the perceived insecurity and the residents socio-spatial reality.

Keywords: Perception; Violence; Insecurity.

Introdução

O medo e a insegurança gerados pela criminalidade provocam impacto na vida dos moradores da cidade, transformando profundamente seus hábitos, fazendo surgir padrões de comportamento e sociabilidades, que tem como consequência uma sociedade amedrontada e isolada. A emergência desses aspectos está vinculada a um conjunto de fatores, onde o processo de urbanização desigual e segregador é um dos seus principais elementos (CHAGAS et al., 2016; SILVA, 2016).

A literatura evidencia o modo como os espaços urbanos estão organizados; de um lado, áreas elitizadas, ocupadas pela população de maior poder aquisitivo, e do outro, espaços de exclusão, local de moradia das classes mais carentes da sociedade, onde a presença do Estado é menos constante, propiciando o estabelecimento do tráfico e de outros grupos que atuam à margem da lei, como é o caso da milícia¹⁸ e dos grupos de extermínio (SANTANA, 2016). De acordo com a autora, é possível concluir que a ocupação desigual dos espaços urbanos produz espaços discrepantes.

Ainda segundo Chagas (2014), na medida em que grupos criminosos criam relação de poder, esses espaços segregados passam a se transformar em reduto da violência. A consequência disto é a intensificação dos sentimentos de medo e insegurança na rotina das pessoas, alimentando o círculo vicioso da violência, onde os pobres são, ao mesmo tempo, as maiores vítimas e os mais temidos pela sociedade (ZALUAR, 1985), uma realidade bem conhecida dos moradores da cidade.

A situação supracitada expressa as múltiplas formas de violência a que está submetida grande parcela da população, em especial aquela menos favorecida, que convive, por

¹⁸Segundo Zaluar e Conceição (2007, p. 90) o termo milícia refere-se a policiais e ex-policiais (principalmente militares), uns poucos bombeiros e uns poucos agentes penitenciários, todos com treinamento militar e pertencentes a instituições do Estado, que tomam para si a função de proteger e dar “segurança” em vizinhanças supostamente ameaçadas por traficantes predadores.

exemplo, com o preconceito, a estigmatização e a repressão policial. O sentimento de insegurança permite o surgimento das “Fobópoles”¹⁹. A insegurança gerada pelo medo de se tornar vítima da violência acaba dominando essas áreas e se expandindo para o resto da cidade, impondo aos moradores rotinas cheias de restrições, reconfigurando o espaço físico, o comportamento e o modo das pessoas se relacionarem com as outras. A liberdade passa a ser edificada no medo, levando a população a adotar medidas individualizadas como forma de solucionar problemas que dizem respeito à esfera pública (SOUZA, 2008).

Na cidade de Belém, segundo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), cerca de 54,5% da população ocupa áreas que apresentam ausência de infraestrutura urbana e excessivo adensamento populacional. Tal realidade pode estar intimamente relacionada ao fato de que Belém é a capital do Estado que possui os maiores índices de insegurança do país. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (BRASIL, 2009) indica o Estado do Pará como líder no ranking de insegurança do país, nas três categorias pesquisadas: domicílios (64,8%), bairros (49%) e cidades (36,9%).

Trazendo essa realidade para a escala dos bairros, tem-se o Jurunas, reconhecidamente como um dos bairros mais violentos da cidade de Belém-PA (PARÁ, 2013), que possui uma posição geográfica privilegiada que lhe confere, como especificidade, uma dupla realidade sócio espacial, manifestada pela polarização da riqueza e da pobreza. Na porção Norte/Oeste localiza-se a área nobre do Jurunas, local de moradia da classe média alta, com investimentos públicos e equipamentos urbanos. Esta parte do bairro é menos densa, e possui limite com os bairros de Batista Campos e Cidade Velha.

No outro extremo do bairro, porção Sul/Leste, encontra-se a maior área com características de favela da cidade de Belém. Esta área do bairro denominada Baixada da

¹⁹ Souza (2008) utiliza o termo “fobópolis” para designar o medo nas cidades.

Estrada Nova Jurunas²⁰, localiza-se às margens do rio Guamá, cuja ocupação se deu num processo lento de aterramento, onde se fixou a população pobre, vinda do interior do Estado, em busca de melhores condições de vida. Ferreira (1995) chama a atenção para a precariedade dessas áreas, onde as habitações foram construídas sob palafitas²¹, os terrenos alagados foram aterrados com caroço de açaí e a falta de infraestrutura urbana. A Baixada da Estrada Nova Jurunas caracteriza-se por alta densidade demográfica, habitações subnormais e carência de equipamentos urbanos, onde residem 53.129 dos 64.478 habitantes do bairro (IBGE, 2010).

Estudos empreendidos acerca da violência no urbano (CHAGAS et al., 2016; SILVA, 2016;) enfocam a estreita relação existente entre a violência, insegurança, características dos espaços urbanos, e o padrão de distribuição espacial dos crimes, demonstrando que os crimes mais violentos se concentram nas áreas mais precárias da cidade, enquanto que os crimes patrimoniais ocorrem com maior frequência nas áreas elitizadas, que possuem infraestrutura e equipamentos urbanos.

Segundo Chagas et al., (2016), a dinâmica de ocupação desigual dos espaços da cidade, faz com que as camadas sociais mais pobres sejam deslocadas para espaços desvalorizados, onde ficam segregados do resto da sociedade. Nesses ambientes carentes de estrutura organizacional, o controle social se torna mais difícil, devido à pouca presença do Estado, propiciando a territorialização de grupos criminosos, fenômeno que tem agravado o sentimento de insegurança na população que já vive estressada por outros fatores também geradores da insegurança como é o caso da pobreza, fome, desemprego (SILVA, 2016).

Em pesquisa desenvolvida por Chagas et al., (2016), cujo objetivo foi analisar a relação da violência e as principais motivações dos homicídios em alguns bairros da cidade de

²⁰A população de menor renda passou a se localizar nas baixadas alagadiças, em moradias que se assentavam diretamente sobre argila (recoberta de camadas de aterro geralmente insuficientes) ou se dispõem suspensas por escadas (palafitas) em terrenos encharcados permanentemente e para onde se drena parte dos esgotos das áreas mais altas (SUDAM; DNOS; GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 1976, p.26).

²¹ Habitação suspensa feita de madeira, muito utilizada no ambiente rural da região amazônica, construída também em solo urbano para abrigar famílias pobres, residentes nas baixadas onde predominam áreas alagadas que sofrem influência de marés.

Belém, o autor aponta os aglomerados subnormais como áreas onde acontecem a predominância de homicídios, sendo o Jurunas um dos bairros onde se concentram os maiores índices de homicídio de Belém, o que leva o autor a concluir que a precarização das condições de vida nas cidades constitui-se como um dos principais fatores para o aumento da violência.

Corroborando Chagas et al., (2016), em estudo que trata da relação existente entre violência, sensação de medo e insegurança, processo de urbanização acelerado e a precarização das condições de vida nas grandes cidades, Silva (2016) propõe identificar a percepção de insegurança ou falta de segurança ocasionada pela violência em áreas em que os serviços essenciais à vida são precários. Os resultados da referida pesquisa indicaram que são nos espaços segregados que a violência e a insegurança predominam.

Diante do exposto, partindo-se da premissa de que a precariedade da infraestrutura urbana no espaço guarda uma íntima relação com a violência, e que a insegurança pode se dar de maneira diferenciada, a depender do contexto social e do espaço que o morador ocupa no bairro, é que o presente estudo busca analisar a percepção da insegurança dos moradores das duas áreas que o compõem o bairro estudado, que são a área urbana regular e área de aglomerado subnormal.

Método

Tipo de Pesquisa

Este trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório e descritivo, numa abordagem qualitativa. Gil (2008, p. 27) afirma que “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, enquanto que as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (Gil, 2008, p. 28). A abordagem qualitativa por sua vez, possibilita reflexão acerca da realidade e

análise detalhada acerca da percepção que os participantes da pesquisa têm, especificamente sobre a violência, a partir dos sentimentos de medo e insegurança enfrentados no seu cotidiano, ou seja, esta abordagem considera a forma como os entrevistados interpretam e dão sentido ao fenômeno investigado (Minayo e Sanches, 1993).

População

Foram entrevistados sete moradores de duas áreas de realidades socioeconômicas distintas do bairro do Jurunas em Belém do Pará, numa amostra por conveniência. A seleção dos participantes se deu a partir de um universo de 178 moradores, previamente selecionados por setor censitário, considerando o local em que os mesmos residem no bairro e sua condição sociodemográfica.

Dos sete participantes, quatro residem na área de aglomerado subnormal do bairro, e possuem renda familiar abaixo de três salários mínimos. Os demais residem na área urbana regular, e possuem uma renda familiar acima de 15 salários mínimos.

A faixa etária dos participantes varia entre 40 e 58 anos, sendo quatro do sexo feminino e três do masculino. Dos sete moradores, cinco residem há mais de quarenta anos no bairro do Jurunas, quatro trabalham no mercado informal, e três possuem empregos com habilitação em nível de escolaridade superior.

Caracterização do Local da Pesquisa

Com a finalidade de relacionar as características do espaço urbano das duas áreas que compõem o bairro do Jurunas, com a percepção do medo e da insegurança dos seus moradores, foi utilizado o critério do IBGE (2010) para caracterização dos espaços da cidade,

quais foram: áreas de aglomerados subnormais²², formada pela extensão da orla do rio Guamá, desde o bairro da Condor até os limites da Cidade Velha, e a parte urbana regular²³ do bairro do Jurunas, que se localiza nos limites entre os bairros de Batista Campos e Cidade Velha.

Instrumentos e Técnicas de Coleta

Como instrumento para a coleta de dados foi aplicada a técnica da entrevista semiestruturada. Minayo (2010) cita a importância da entrevista como técnica privilegiada de comunicação, uma vez que permite a aproximação do pesquisador com a realidade que busca compreender.

O referido instrumento foi composto por dois blocos de questões. O primeiro consiste num bloco constituído por nove itens referentes aos dados sociodemográficos para caracterização dos participantes da pesquisa, como tempo de residência no bairro, local onde residem no bairro, sexo, idade, renda familiar, nível de escolaridade etc. O segundo bloco foi composto por sete itens relacionados ao tema em questão, composto por questões abertas, relacionadas ao tema em questão.

Procedimentos de Coleta e Éticos

A coleta de dados foi realizada no mês de dezembro de 2016, num total de duas incursões em cada uma das áreas o bairro do Jurunas, localizado na cidade de Belém-PA. Antes da aplicação do roteiro de entrevistas, procedeu-se à aplicação do teste piloto, com a participação de 5 pessoas, cujos dados foram, posteriormente, descartados. Realizados pequenos ajustes no piloto, iniciou-se o procedimento da coleta propriamente dita. As

²²Área caracterizada entre outras, pela desordem, densidade e carência de serviços públicos essenciais, vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos desiguais e construções não regularizadas pelo poder públicos (IBGE, 2010)

²³Segundo o IBGE (2010), é toda área que não seja de aglomerados subnormais.

entrevistas foram realizadas nas residências dos moradores e duraram em média, 40 minutos. Os dados foram gravados, com a utilização de aparelho celular, e posteriormente, foram transcritos. A aplicação da referida técnica foi conduzida por apenas uma pesquisadora.

A pesquisa atentou para os aspectos éticos, resguardando a identidade dos entrevistados, através da atribuição de nomes fictícios. A coleta de dados ocorreu mediante a concordância verbal e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos participantes, após as devidas explicações sobre a pesquisa e seus objetivos. As informações coletadas serviram de base apenas para a pesquisa, não sendo utilizadas para nenhum outro fim.

Procedimentos de Análise

Para explorar as questões relacionadas à percepção do medo e da insegurança dos participantes, optou-se pela técnica de Análise de Conteúdo, utilizando o *software NVivo 10*. Análise de Conteúdo consiste em uma técnica interpretativa que considera a totalidade de um texto, identificando a frequência ou ausências de termos. Este método permite ao pesquisador fragmentar o conteúdo do texto, a partir de categorias de informação (palavras), com objetivo de identificar frequências no decorrer do discurso (PÊCHEUX, 1997).

A partir da técnica de *Análise de Frequência das Palavras* nas fontes de informações inseridas no software *NVivo 10*, foi gerado - como resultado a figura intitulada *Nuvem das Palavras*, a qual evidenciou as palavras mais frequentes, indicando o grau de relevância das palavras nas falas dos participantes. A partir disso, optou-se pelos seguintes critérios: (a) apenas as 51 palavras mais relevantes da base de dados; (b) apenas palavras com número de caracteres > que 6, de modo que os termos de conexão fossem excluídos. Sendo assim, quanto maior o tamanho do termo na nuvem, maior sua frequência na base de dados.

Por meio das palavras mais frequentes acima mencionadas, obtidas por meio do software *NVivo 10*, foram selecionadas as categorias e as subcategorias que reuniram falas expressando significados e percepções dos participantes acerca da questão da (in) segurança que os moradores do bairro do Jurunas vivenciam no seu cotidiano.

Resultados e Discussão

Frequência das Palavras e Contextualização dos Termos mais relevantes

A Figura 1 buscou identificar a frequência das palavras nas falas dos participantes acerca da percepção do medo e da insegurança provocados pela violência nas áreas em que residem no bairro do Jurunas.



Figura 1. Nuvem das palavras mais frequentes resultante da fala dos participantes sobre a percepção da (in) segurança no bairro do Jurunas.

A partir dos resultados obtidos por meio da Figura 1, considerou-se as quatro palavras com maior frequência na base de dados e, conseqüentemente, as mais relevantes das fontes de informação inseridas no *Nvivo 10*, quais foram: (a) polícia – 33 ocorrências; (b) segurança – 21 ocorrências; (c) bandido – 16 ocorrências; (d) policiamento – 15 vezes.

Notou-se que os termos *polícia* e *policimento*, primeira e a quarta palavras mais frequentes, de um total de 51 palavras selecionadas, foram proferidas pelos entrevistados de

forma similar, ora na concepção de atividade desempenhada pela polícia, ora como instituição promotora da segurança pública. Por este motivo, optou-se em fazer uma única análise para ambos os termos.

Análise de Contexto do Termo Polícia

A análise de contexto indicou que dos sete participantes da entrevista, Maria Flor referiu-se ao termo *polícia* sete vezes, Maria Ana e João repetiram cinco vezes, Maria Vitória enfatizou por quatro vezes, Francisco por três vezes, Luiz mencionou uma vez e Pedro referiu-se nove vezes. Pelas falas, observou-se que todos os participantes utilizaram o termo *polícia* no sentido de designar a corporação e as pessoas que exercem a função de vigiar, de guardar, associando o termo aos seguintes aspectos em comum: (a) sentimento de indignação; (b) sentimento de descrédito e desconfiança; (c) percepção quanto à efetividade da atuação policial.

A) Sentimento de indignação

Esta subcategoria de análise aglutinou exemplos de falas que expressaram o sentimento de indignação dos moradores do bairro, diante do comportamento violento, discriminatório e preconceituoso da polícia com relação à população de baixa renda, como demonstra a fala de Pedro, que ocupa a área de aglomerado subnormal:

[...]as vezes a gente vê a abordagem da polícia errada, eles abordam sempre errado, às vezes é uma pessoa do bem, aí o ladrão passa, com uma hora depois eles abordam uma pessoa que não é o ladrão, eu observo muito isso na rua que eu moro, acho que eles são muito mal preparados, e são ignorantes eles, às vezes eles abordam uma pessoa do bem igual como eles abordam um ladrão, uma pessoa do mal, eles acham que todo muito é ladrão, que não existe trabalhador no meio deles (Pedro).

[..]a polícia chega nesses carros e matam, a gente não sabe quem é, fora os que ficam aleijados aí, eles atiram e as vezes não matam, aleijam só, como eu tenho um vizinho meu lá, tá certo que ele também não é certo, ele é errado, mas eu acho que não justifica fazer a justiça com as próprias mãos. Eu que saio de madrugada pra trabalhar, eu tenho medo de morrer, porque eles não matam só a pessoa que deve pra justiça, eles matam pessoas do bem também, pessoas trabalhadoras que tem que sair essa hora pra trabalhar, eu me sinto uma vítima também[...] (Pedro).

A partir do relato acima, é possível depreender que é comum, entre os moradores dessa parte do bairro, o sentimento de indignação com relação à forma como o cidadão é tratado pela polícia, demonstrando certa falta de preparo e preconceito para com a população menos favorecida. A esse respeito, a literatura sugere que a prática autoritária e violenta empregada pela polícia em relação às camadas mais pobres da sociedade, evidencia a dificuldade da conjugação da atuação no combate à criminalidade e o respeito ao uso da força e dos direitos humanos no momento do controle social, o que acaba resultando na violência policial, conforme relatado pelo morador. O autoritarismo e o emprego da violência fazem parte da estrutura social e política brasileira, “resultado direto da continuidade e de uma longa tradição de autoritarismo das elites contra as não-elites que, por sua vez, são reproduzidas entre os mais pobres (PINHEIRO, 1997, p. 47).

Segundo se verifica na fala dos moradores do bairro do Jurunas, contra a classe pobre da sociedade, estigmatizada como infratora da lei, o policial age arbitrariamente, porque os julgam, com base em critérios de classe social ou/e cor, como suspeitos. Tal entendimento corrobora a percepção de João, morador da zona urbana regular do bairro (classe média alta), que a esse respeito se manifestou:

[...] não é todo policial que é educado, que sabe realmente ter bom trato com a população, as vezes ele vê uma pessoa só de cor negra, as vezes é um trabalhador, mas a polícia já enxerga já como um bandido, eu acho que é um pouco falta de preparo, e até a discriminação também é muito alta, então as vezes só porque a pessoa não está muito bem vestida, ela já é olhada já com outros olhos, e a polícia já enxerga como bandido pra depois saber se é cidadão ou não (João).

As falas indicam a arbitrariedade policial nas áreas mais carentes do bairro e o impacto disso sobre as percepções dos moradores tanto da área de aglomerado subnormal, quanto da área urbana regular do bairro, que comungam da mesma opinião quanto ao tratamento diferenciado que a polícia dispensa aos residentes da classe menos favorecida da sociedade, o que evidencia a violação de direitos dos moradores dos bairros da periferia de

Belém, uma vez que, o estereótipo do “bandido”, cultivado pelos integrantes da corporação (negro, pobre, mal vestido) se enquadra perfeitamente nos habitantes destas áreas da cidade. Nessa direção, corroborando os resultados encontrados, Machado e Noronha (2002) observam que os desfavorecidos, negros e pardos constituem-se como principais destinatários da violência policial no espaço urbano.

B) Sentimento de descrédito e desconfiança

Esta subcategoria de análise reuniu relatos evidenciando sentimentos de descrédito e desconfiança em relação à instituição policial, como entidade responsável pelo combate à violência e à criminalidade, como mostram as falas a seguir:

[...] nós vivemos num caos, é muito raro ver uma viatura passar na nossa rua, muito raro mesmo[...]. Eu já precisei muitas vezes ir na delegacia do bairro do Jurunas, e me mandaram ir pra delegacia da Cremação, porque não tinha escrivão, não tinha quem me atendesse, sempre está fechada ou não tem ninguém pra lhe atender, então, antes fechar essa imundice ai, que não serve pra nada (Maria Flor, residente da área de aglomerado subnormal).

[...] se tivessem mais policiais nas ruas talvez não tivessem tantos crimes, porque quanto mais polícia, menos tem a proliferação da criminalidade. Não tem policiamento, falta mais polícia (Maria Ana, residente da área de aglomerado subnormal).

[...] a gente não sabe mais com quem contar, o que fazer, a gente vê cada vez mais aumentar, agravar a situação, e não vê uma solução, uma alternativa, uma melhora, não existe, dá realmente medo, nós estamos com medo, com muito medo (Maria Vitória, residente da área urbana regular).

Registrar queixa na delegacia a gente registra, mas nunca dá em nada, não vem investigar, não procura saber quem foi o assaltante, eu acho que é só um boletim de ocorrência mesmo que a gente faz, e fica por lá nos computadores deles e de lá eles apagam, eu acho que é por aí. O certo é a gente fazer a ocorrência quando a gente é assaltado, mas muitas vezes a gente não vai porque sabe que não dá em nada, ele não vem investigar como eu acabei de falar pra você ainda agora, não adianta a gente registrar uma queixa porque a gente não tem segurança do mesmo jeito, ele não vêm investigar, eles não vêm procurar saber, eles não vêm prender a pessoa que assaltou, eu creio que dá no mesmo, registrar ou não registrar dá no mesmo (Pedro, residente da área de aglomerado subnormal).

[...] um colega meu, que ele teve o carro dele, quebraram o vidro lá na porta do meu condomínio, e acabam furtando, ele tinha uns objetos ali, que acabaram sendo furtados, ele falou que foi na delegacia, fez boletim de ocorrência, mas ficou, não teve resposta, até porque, embora as câmaras de segurança tenham captado os elementos, não obtiveram nenhuma resposta (João, residente da área urbana regular).

O policiamento é muito pouco, eu acho que é muito pouco polícia pra cada bairro, porque a população aumentou demais aqui, eu acho que multiplicou agora, em cinquenta anos sempre multiplica a população, e continua a mesma quantidade de polícia para manter uma quantidade de pessoas que é muito grande. [...] me sinto desprotegido completamente, não só eu como todos os moradores do bairro, não tem nada de policiamento, é difícil a gente ver uma viatura passar na rua da gente[...] (Pedro, residente de aglomerado subnormal).

É insatisfatório, inexistente não, mas eles perdem para a quantidade, o número de casos, ele não consegue vencer [...] repercute mal, e aumenta a questão da insegurança (Francisco, residente de área urbana regular).

A deprender das falas, pôde-se notar que tanto os moradores da área de aglomerado subnormal, quanto os moradores da área urbana regulares do bairro do Jurunas não confiam na polícia como instituição capaz de garantir a segurança dos moradores do bairro. Os participantes das duas áreas do bairro do Jurunas citam em suas falas que se sentem desestimulados a procurar a polícia no caso de vitimização, uma vez que, experiências vivenciadas por si ou por pessoas conhecidas demonstram que os registros dos crimes nos órgãos de segurança pública não surtem efeitos práticos, não há investigação, não há solução. Nobrega (2009) designa como *cifras brancas* essa ineficácia das instituições públicas em apurar os delitos levados ao seu conhecimento. A consequência disso é o número significativo de delitos que não chegam ao conhecimento das autoridades públicas. Tal fenômeno conhecido como *cifra negra* consiste no número de crimes não registrados nos órgãos públicos, e, portanto, não aparecem nas estatísticas do governo (LUCAS, 2009). Percepções que se observa por meio das falas, de Pedro e João, residentes da área de aglomerado subnormal e urbana regular, respectivamente:

Como foi possível notar, as falas dos participantes também evidenciaram sentimentos de descrédito e desconfiança gerados pela instituição policial, a exemplo das falas dos participantes Pedro (residente de aglomerado subnormal) e de Francisco (residente de área urbana regular), gerados pelo contingente da polícia, com baixo número de efetivos em sua composição. A esse respeito, os dados oficiais divulgados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2016) indicam que o Estado do Pará possui um dos menores efetivos policial

do país, são 15.579 policiais militares e 2.963 policiais civis, o que totaliza 18.542 policiais para atender a população de todo o Estado que é de 8,074 milhões. Isto implica, em aproximadamente, 435 habitantes para cada policial, ou seja, menos do número ideal de policiais recomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU), que é de 1 para 250 habitantes (STOCHERO, 2015).

Foi possível notar também que o sentimento de descrédito e desconfiança está relacionado à forma como a ação policial se manifesta, principalmente na área de aglomerado subnormal, onde a presença da milícia em suas organizações é uma realidade, e os moradores associam a polícia aos justiceiros e milicianos. Nessa direção, Machado (2000) corrobora os achados deste estudo, ao associar a desorganização urbana com diferentes formas de violência. Isso acontece porque nas áreas mais pobres o Estado não se faz tão presente (CHAGAS, 2014), facilitando o estabelecimento de grupos criminosos.

A Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa do Estado do Pará vem confirmar a fala do participante acima referenciado, no sentido de que em seu estudo, publicado em 2015, identificou a ação de grupos de extermínio no Estado do Pará, e que os mesmos têm vitimizado pessoas que não possuem nenhuma relação com práticas delituosas. Esta investigação apurou que existem três grupos de extermínio atuando na Região Metropolitana de Belém (PARÁ, 2015).

Assim, a fala de Pedro evidencia que a violência provocada por esses grupos armados se agrava ainda mais quando ocorre o assassinato de algum dos membros da corporação policial, provocando pânico e medo entre os residentes do bairro, pois por possuírem perfil idêntico dos possíveis suspeitos (preto, pobre, residente em áreas segregadas), muitas vezes estas pessoas se tornam vítimas da polícia ou da milícia.

Vale ressaltar que, tanto os moradores da área de aglomerado subnormal, quanto os da área urbana regular concordam que quanto maior a presença de policiais no bairro, menor será a insegurança provocada pela violência criminosa local.

C) Percepção quanto à efetividade da atuação policial.

Nesta subcategoria de análise, encontram-se exemplos de falas percebendo que embora os dois grupos concordem com a precariedade como vêm sendo prestados os serviços de segurança pública no bairro do Jurunas, as falas demonstram percepções diferentes na efetividade da atuação da polícia nas duas áreas que compõe o bairro estudado, como evidencia o exemplo a seguir:

Eu mesmo já precisei da polícia, a gente chama, as vezes a gente quer sair pra trabalhar, o cara está lá no canto, a gente chama, mas nunca vem, o policiamento nunca chega, a gente tem que se virar nós mesmos, esperar o cara sair, ou então assaltar um vizinho pra depois sair e não ser assaltado (Pedro, residente de área de aglomerado subnormal).

[...] acho que um desses moradores de rua mesmo [...], subiu no telhado da casa ao lado pra roubar os fios, e aí as pessoas ligaram pra polícia, e a polícia veio até rápido, veio bem rápido, aí chegou a polícia, levou o morador (Maria Vitória, residente da área urbana regular).

Pode-se apreender, a partir dos relatos acima que, a forma desigual como os moradores percebem a prestação dos serviços de segurança pública no bairro do Jurunas pode indicar que na área urbana regular, onde residem moradores de classe média e alta, a atuação da polícia é mais efetiva, chega rapidamente, enquanto que na área de aglomerado subnormal do bairro, os moradores cansam de acionar a polícia, a qual não chega ou quando chega, chega atrasada, quando não há mais o que ser feito. Essa desigualdade narrada pelos participantes é o reflexo da desigualdade existente entre as duas áreas do bairro, se constituindo como importante fator para o aumento da violência na parte de aglomerado subnormal, pois reproduz a criminalização e a vitimização das classes mais carentes e o desrespeito aos direitos dessas pessoas enquanto cidadãos (CALDEIRA, 2000). Desta forma, no bairro desigual do Jurunas, a má distribuição da renda, dos serviços públicos essenciais e

da infraestrutura urbana, não provoca apenas uma divisão geográfica (bairro estruturado, onde reside a elite da sociedade/bairro pobre, precário, violento, onde residem criminosos), mas, sobretudo, uma divisão diferenciada na prestação dos serviços básicos, dentre eles o da segurança pública.

Análise de Contexto do Termo Segurança

A análise de contexto indicou que a palavra *segurança* foi a segunda mais citada pelos participantes (21 vezes). Dos sete participantes da entrevista, Maria Flor referiu-se ao termo *segurança* uma vez, Maria Vitória, Luiz e João enfatizaram por três vezes cada um, Francisco por seis vezes, Pedro referiu-se cinco vezes e Maria Ana não citou o termo em suas falas. As falas indicam a percepção dos moradores quanto à segurança do bairro do Jurunas, gerando uma única subcategoria denominada Sentimento de Medo.

Nesta subcategoria, foram aglutinadas falas evidenciando sentimentos de vulnerabilidade diante da insegurança, no bairro, como demonstram os relatos abaixo:

[...] da sacada mesmo do prédio [...] cansei de ver assaltos ali pelas proximidades, em plena luz do dia, em um horário que as vezes você nem imagina que pode ter um assalto[...]. (João, residente da área urbana regular).

[...] eu conheço o bairro do Jurunas completo e todos os setores, além desse ai, são violentos, o policiamento é pouco, é só de passagem, um dia passa e outro não, ai o bandido se aproveita[...] (Luiz, residente de área de aglomerado subnormal).

Me sinto insegura, insegura e insegura, sabia que os meus netos nem saem mais nas ruas? Eles têm muito medo, eles são meninos, eles têm treze anos, a mãe não deixa eles meterem a cara na porta, coitadinhos ficam o dia inteiro, olha aí, vem um agora, ele me ajuda e volta pra casa, ele não vai ter a liberdade de sair, só quando realmente for a hora do colégio dele, ele vai, volta, e fica em casa, não pode sair, com medo, que tão matando tanto os que são, e os que não são, ai a gente já tem medo[...] (Maria Ana, residente área de aglomerado subnormal).

[...]quando você sai hoje, você tem que tomar cuidados, que antes você não se preocupava, hoje pra eu sair de casa e meu carro tá na rua, eu procuro olhar pra ver se não vem ninguém que assim, eu acredito ser uma pessoa suspeita, então você começa ter cuidados que você não tinha antes, não ando com carro de vidro aberto, quando chegar, se eu ver que tem alguém assim, eu dou a volta, não paro em seguida[...]. (João, residente na área urbana regular do bairro do Jurunas).

A gente fica com medo, com medo constante, poxa, com medo do meu filho sair, da minha filha sair com o namorado, de repente acontecer alguma coisa, a gente fica em pânico dentro de casa, acaba nem deixando as crianças sair de casa. Eu não sei nem lhe dizer, a gente tá vivendo, só com Jesus na causa, só Jesus mesmo, porque a gente não pode contar com ninguém, o policiamento não tem, o poder público não está nem aí, a gente vai contar com quem? Só Deus, só Jesus mesmo (Maria Flor, residente de áreas de aglomerado subnormal).

[...] eu evito o máximo de sair de casa, eu só saio de casa pra ir pro trabalho, porque eu tenho medo, eu fico assustado, porque não tem mais dia nem horário para acontecer, essa situação a qualquer momento pode acontecer. Os comentários só reforçam aquilo que você presencia, e é claro, você fica mais assustado ainda, porque hoje o medo tomou conta de todo mundo. (Francisco morador da área de aglomerado urbana regular).

[...] porque a gente não pode tá saindo, ir num restaurante à noite, não pode sair numa pizzaria, porque você está à mercê dos bandidos e da milícia porque você não pode sair, já vão logo atirando, a gente não pode fazer nada mesmo[...] agora ninguém pode ficar na porta da sua casa, porque vem um meliante, um bandido, milícia, que dá tiro em cima da tua família e de quem tiver na frente, eles não respeitam, não querem saber se é bandido, se é cidadão, e vão batendo, vão matando, eu me sinto muito insegura e desprotegida também (Maria Flor, residente da área de aglomerado subnormal).

[...] eu custo dormir esperando um filho meu chegar [...]. (Pedro, residente da área de aglomerado subnormal).

Os resultados acima denotam o sentimento de vulnerabilidade à qual os moradores estão expostos, diante da falta de segurança, provocado pela ineficiência do serviço de segurança pública. A esse respeito, estudos apontam que quando ocorre alguma falha na proteção do indivíduo por ineficiência do aparelhamento estatal, emergem na população sentimentos negativos de insegurança e desconfiança, que os deixa em estado permanente de alerta, em razão da ameaça constante a sua integridade física e patrimonial (MACHADO DA SILVA, 2004). Tal sentimento provoca graves impactos na vida dos moradores da cidade, pois o medo se torna generalizado e passa a interferir no comportamento das pessoas (CARDIA *et al*, 2003).

Os resultados apontam que o sentimento de medo acaba provocando mudanças no comportamento dos moradores, como evitar sair de casa ou evitar abaixar os vidros dos carros no trânsito, mostrados pelas verbalizações dos participantes. Nesse sentido, o estudo de Esteves (2016) corrobora os resultados encontrados nesta pesquisa, pois, segundo o autor, no bairro do Jurunas, a insegurança provocada pelo medo da criminalidade impõe mudanças no

comportamento da população, como estratégia preventiva de se proteger. São precauções adotadas na tentativa de impedir uma possível vitimização, e a consequência disso são o isolamento social, desconfiança, preconceito e o evitamento do outro. Essa mudança de hábito está presente nos relatos dos entrevistados, ou seja, independentemente de residirem na área de aglomerado subnormal ou área urbana regular, todos mudaram sua rotina em virtude do sentimento de insegurança gerado pelo medo da violência no bairro.

Outro aspecto a ser considerado é que, a partir dos resultados, pode-se dizer que a presença do medo constitui um sentimento constante no comportamento dos entrevistados, independente da classe social, em função da ausência do poder público no item segurança. Assim, tais resultados corroboram os achados de Silva (2016), para quem a violência faz parte da natureza da cidade, viver na cidade requer abdicar da liberdade de ir e vir, o medo se incorpora ao cotidiano e as pessoas passam a conviver com ele independentemente de classe social (SILVA, 2016), realidade que evidencia uma espécie de reconfiguração do modo de vida nas grandes cidades, por ocasião do fenômeno da violência diante ineficiência do Estado com relação à segurança da população.

Conforme relatos acima, os participantes residentes na área urbana regular associam o medo e insegurança aos moradores de rua que invadem e desorganizam a área do bairro em que residem, enquanto que os residentes da área de aglomerado subnormal associam a insegurança aos crimes contra a vida, o medo de serem vitimizados pela milícia, pela polícia, ou pelo “bandido”. Esses dados indicam as diversas formas de violência a que estão sujeitos os moradores das áreas mais carentes do bairro, enquanto que nas áreas elitizadas “a violência acontece de fora para dentro, oriundo da periferia” (CHAGAS, 2014, p.189), predominando nestes espaços os crimes contra o patrimônio (roubo e furto), devido o elevado poder aquisitivo das pessoas que lá residem.

Os resultados da pesquisa demonstram que a criminalidade se apresenta de forma heterogênea nas duas áreas que compõe o bairro, nas áreas mais carentes (aglomerados subnormais) a criminalidade se dá de forma mais intensa do que na área urbana regular, os crimes mais violentos como é o caso do homicídio, se concentram nas áreas mais pobres (CHAGAS *et al*, 2016). Santana (2016, p. 209) ressalta o sofrimento dos moradores das áreas sem infraestrutura urbana, que em razão da “territorialização dos agentes legais e ilegais” são submetidos a toda sorte de violência, entre elas a ameaça da polícia. Chagas *et al* (2016), esclarece que são formas de poder não legítimo que se estabelecem em razão da atuação precária do poder legítimo (Estado).

Análise de Contexto do Termo Bandido

A análise de frequência indica que a palavra *bandido* foi citada 16 vezes pelos participantes, sendo 6 vezes por Maria Ana, 4 vezes por Maria Flor, 1 vez por Luiz e Francisco, enquanto Maria Vitória e João citaram o termo 2 vezes cada um. Nesta categoria de análise, a percepção dos entrevistados acerca do termo encontrou apenas um significado. Assim, foi gerada apenas 1 categoria, intitulada “Percepção dos moradores acerca do termo *bandido*”, como mostram os exemplos a seguir:

Não sei quem está matando pessoas no bairro, não sei mesmo, mas que tem, tem, tanto os que são bandidos, como os que não são [...] Tenho que me adaptar a situação, aceitar como são, e tentar me ajustar e não interferir na vida deles, porque senão, sobra pra mim. A gente fica impotente, não pode fazer nada, a gente tem que assistir a tudo e ficar calada, é a lei do silêncio, ninguém fala nada, ninguém viu, e ninguém sabe, e ninguém vai saber, não pode falar nada (Maria Ana, residente da área de aglomerado subnormal).

Eu me preocupo muito, porque aqui tem uma quantidade muito grande de moradores de rua, drogados, eles fazem qualquer casa vazia de lugar, é droga, pequenos furtos, aqui mesmo tem um prédio que é do Ideal, que está vago a muitos anos, tem um espaçozinho que é o quartinho deles, eles deitam ali, é sexo, é droga, é tudo, guarda coisas que eles roubam, e eu não vejo ninguém tomar nenhuma atitude [...] o espaço é público, mas ele também não pode ser apossado pelo bandido, por pessoas drogadas [...] Uma outra situação, foi também com essa casa abandonada ao lado, que de dia, no horário de meio dia mais ou menos, subiu um, acho que um desses moradores de rua mesmo, esses bandidinhos, ladrão de galinha que a gente chama, subiu no telhado da casa ao lado pra roubar os fios (Maria Ana, residente da área urbana regular)

A partir das falas acima, pôde-se perceber que, ambos os grupos utilizaram o termo *bandido* para designar os indivíduos que infringem a lei e que, portanto, são pessoas indesejáveis, com quem os moradores são obrigados a conviver no dia a dia, sendo, alguns, até moradores de rua, conforme relatado. Nesse contexto, verifica-se que, embora os participantes reconheçam que os infratores da lei e os moradores de rua também sejam residentes, estes são tidos, segundo a literatura, como marginais, “os de fora” (outsiders), ou seja, indivíduos de menor valor em relação àqueles considerados como pessoas do bem (ELIAS; SCOTSON, 2000).

O Quadro 01 demonstra na síntese das falas dois grupos de moradores, a percepção do medo.

<p>Maria Ana (moradora do aglomerado subnormal)</p>	<p>“(…) a gente tem medo de tomar uma cervejinha nos bares porque tem medo da represália tanto do carro preto, branco, azul, amarelo, de tudo que é cor, quanto dos assassinos, dos ladrões; “Eles estão matando um bocado de gente, nem sei, mas tem gente mantando gente aí adoidado, tanto, acho são os policiais que estão matando”; “A gente fica impotente, não pode fazer nada, a gente tem que assistir a tudo e ficar calada, é a lei do silêncio, ninguém fala nada, ninguém viu, e ninguém sabe, e ninguém vai saber, não pode falar nada”.</p>
<p>Maria Clara (moradora do aglomerado subnormal)</p>	<p>“(…) agora ninguém pode ficar na porta da sua casa, porque vem um meliante, um bandido, milícia, que dá tiro em cima da tua família e de quem tiver na frente, eles não respeitam, não querem saber se é bandido, se é cidadão, e vão batendo, vão matando (...); “A gente fica com medo, com medo constante, poxa, com medo do meu filho sair, da minha filha sair com o namorado, de repente acontecer alguma coisa, a gente fica em pânico dentro de casa, acaba nem deixando as crianças sair de casa”.</p>
<p>Francisco (morador do aglomerado subnormal)</p>	<p>“(…) a polícia chega nesses carros e matam, a gente não sabe quem é, fora os que ficam aleijados aí, eles atiram e as vezes não matam, aleijam só (...) não justifica fazer a justiça com as próprias mãos ; “ (...) eu tenho medo de morrer, porque eles não matam só a pessoa que deve pra justiça, eles matam pessoas do bem também, pessoas trabalhadoras que tem que sair essa hora pra trabalhar, eu me sinto uma vítima também (...); “ (...) gente não vê maiss casa sem ter uma grade, as casas hoje em dia todas são com grade, porque se a gente deixar aberto os caras entram, levam, matam (...)”; “ (...)Agente convive praticamente junto a bandidagem, e a gente se sente</p>

	inseguro, com medo, humilhado, e não é fácil viver com isso na mente não (...)”.
João (morador do aglomerado subnormal)	“ (...) medo de sair de casa, e frequentar até mesmo o seu próprio trabalho e escola por causa da violência, ela está muito grande (...)”; “ (...) gente se sente desprevenido, desamparado, todas as pessoas sabem que hoje em dia a gente não tem defesa, nem proteção, só Deus mesmo na causa”.
Luiz (morador da área urbana regular)	“ (...), eu evito o máximo de sair de casa, eu só saio de casa pra ir pro trabalho, porque eu tenho medo, eu fico assustado, porque não tem mais dia nem horário para acontecer, essa situação a qualquer momento pode acontecer (...)”; “ (...)a qualquer momento você pode ser abordado, levar um celular, e quando muito pior, levar um tiro, sem você ao menos reagir”.
Pedro (morador da área urbana regular)	“Sim, eu procuro não sair a noite com o meu carro, com o meu veículo, procuro sair de outra forma, de taxi, de carona, pra evitar uma situação de abordagem quando eu estiver entrando na minha casa com o meu veículo (...), meus filhos também não saem sem ser de taxi (...)”.
Maria Vitória (morador da área urbana regular)	“ (...) não saímos mais de casa, porque o nosso medo é ser abordado na entrada e na saída da casa, nós temos quatro filhos, e assim, cada um tem a sua chave, mas a gente tem muito medo na hora que eles saem, e entram (...); “ Eu me preocupo muito, porque aqui tem uma quantidade muito grande de moradores de rua, drogados, eles fazem qualquer casa vazia de lugar, e droga, pequenos furtos (...)”;

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar a percepção da insegurança dos moradores de um dos bairros periféricos mais violentos da cidade de Belém do Pará, o bairro do Jurunas. Este estudo contribuiu para evidenciar que a percepção do medo e da insegurança dos moradores do bairro do Jurunas é gerada em função do contexto socioeconômico em que o indivíduo está inserido no bairro, pois apesar da violência estar em todas as partes da cidade, em determinadas áreas, em razão da ausência ou presença da infraestrutura urbana ela se apresenta em maior ou menor intensidade, sendo esse, um dos fatores que irá influenciar no modo como os moradores se sentem em relação à segurança, a ação policial, bem como em relação ao poder público, que não garante políticas eficazes de segurança para a população.

As características socioespaciais e econômicas de cada área urbana apresentaram particularidades que contribuíram para evidenciar ainda mais a falha do poder público com relação aos serviços de segurança pública, e o despreparo dos agentes policiais.

Não se pode deixar de levar em conta também que toda problemática ora discutida está diretamente relacionada à forma como a estrutura social do país está organizada, onde se sabe que a composição das forças políticas e econômicas ditam as regras. A desigualdade social contribui para o estado de desorganização das cidades, com a ausência do poder público em setores essenciais, como por exemplo, a questão da segurança da população.

Destaca-se por fim, a relevância dessa pesquisa, uma vez que a análise da percepção dos moradores sobre a insegurança causada pela violência nos espaços segregados pode auxiliar o poder público na identificação das causas que fazem desses espaços pontos mais críticos da violência urbana, para a partir disso implementar políticas públicas capazes de minimizar os impactos da violência nesses espaços. Como sugestão de trabalhos futuros ressalta-se a necessidade de se realizar outros estudos com a finalidade de comparar percepções de moradores em outros bairros periféricos da cidade, que possuam características sociodemográficas diferentes e semelhantes ao bairro do Jurunas.

Referências

BRASIL. Características da vitimização e do acesso à justiça no Brasil (Pesquisa nacional por amostra de domicílios). Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Aglomerados subnormais informações territoriais. Belém/PA: IBGE, 2010.

CALDEIRA, T.P. do R. Cidade de Muros. São Paulo, Edusp, 2000.

- CARDIA, N.; ADORNO, S.; POLETO, F. Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 47, p. 43-73, 2003.
- CHAGAS, C. A. N. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém, *Boletim Amazônico de Geografia*, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.
- CHAGAS, C. A. N.; BORGES, R. H. M.; VIEIRA, D. C. M.; SANTOS, C. da S. Território Criminalidade e Violência: Uma análise dos homicídios na 4º e 5º AISP, Belém-Pará. *Boletim Amazônico de Geografia*, Belém, nº 1, v. 03, nº 05, p. 152-174, jan./jun. 2016.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON J. L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ESTEVES, I, A, F. Exposição do espaço físico e medo do crime. Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social, p. 73, Lisboa, 2016.
- FERREIRA, C, F. Produção do Espaço urbano e degradação ambiental: um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba (Belém-PA). Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em geografia física do departamento de Geografia da FFLCH/USP, 1995.
- FBSP. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. 10ª Ed. São Paulo, 2016.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
- LUCAS, C. da F. Problematizações Sobre os Processos de Instituição e Compreensão da Polícia. *REBESP*, Goiânia, n. 2, v. 2, p. 15 - 31, ago/dez. 2009.
- MACHADO, C. M. Discursos do medo, imagens do outro: estudos sobre a insegurança urbana na cidade do Porto, Tese de Doutorado em Psicologia. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2000.
- MACHADO DA SILVA, L. A. “Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas”. In: *Rio: a democracia vista de baixo*, Rio de Janeiro: IBASE, 2004.
- MACHADO, E. P.; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. 2002.
- MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de saúde pública*, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- NOBREGA, F.F.B. Ministério Público como agencia de *accountability*: cifras brancas da impunidade e interrupção do sistema de justiça. rev. *Direito e liberdade*, Mossoró (RN), V. 2, 2009.

PARÁ. Assembleia Legislativa Estado do Pará. Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no Estado do Pará: relatório final. Belém: Assembleia Legislativa do Estado do Pará, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

PARÁ. Balanço das ocorrências policiais - Ano 2013. Disponível em: <http://www.segup.pa.gov.br/node/102>. Acesso em: 18 jan. 2017.

PÊCHEUX M. Análise automática do discurso (AAD-69). In F. Gadet & T. Hak (orgs.), Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (pp. 61- 105). 2a ed. Campinas (SP): Ed Unicamp, 1997.

PINHEIRO, P.S. Violência, crime e sistemas policiais em países de nova democracia. Revista da USP, v.9, n.1, maio 1997.

SANTANA, L. de L. S. II Boletim Amazônico de Geografia (ISSN: 2358-7040 - online), Belém, v. 03, n. 05, p. 198-219. jan./jun. 2016.

SILVA, M. P. Urbanização, violência e insegurança no distrito de Icoaraci em Belém-PA. Boletim amazônico de geografia (ISSN: 2358-7040 – on-line), Belém, v. 03, n. 05, p. 01-23. Jan./jun. 2016.

SOUZA, M. L. Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

STOCHERO, T. Mesmo com alta de efetivo no país, sobe nº de habitantes para cada PM. Matéria publicada em 27.07.2015, às 07h41min. Reuters/O Globo Online. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/mesmo-com-alta-de-efetivo-no-pais-sobe-n-de-habitantes-para-cada-pm.html>. Acesso em: 18 de jan. 2016.

SUDAM; DNOS; GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Monografia das baixadas de Belém: subsídios para um projeto de recuperação. 2. Ed. Belém: SUDAM, 1976.

ZALUAR, A. A máquina e a revolta, São Paulo, Brasiliense, 1985.

ZALUAR, A.; CONCEIÇÃO, I. S. Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro. São Paulo em Perspectiva, v. 21, n. 2, p. 89-101, 2007.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como escopo, avaliar a questão da (in) segurança dos moradores do bairro periférico do Jurunas, localizado na cidade de Belém do Pará, levando em conta que o bairro em questão é formado por áreas com realidades socioespaciais distintas entre si, onde o medo e a insegurança dominam seus moradores.

A bipolaridade social (estrutural e conteúdo) supramencionada é produto do crescimento desorganizado e desenfreado do bairro do Jurunas, resultando em problemas sociais, em que as demandas levantadas são de diversas ordens. Ratifica-se que, a figura do Estado tem pouca atuação na maior extensão do bairro, gerando assim sentimento de medo e insegurança dos moradores.

Aspecto relevante da pesquisa foi a percepção de medo e insegurança dos moradores deste bairro, que frisam com abordagem diferentes, uma vez que, a tipologia do crime é diferenciada nessas duas áreas pesquisadas, ou seja, na área de aglomerado subnormal caracterizada pelas vulnerabilidades sociais, os riscos dos homicídios são potencializados, o que intensifica o medo e insegurança. Nessa área, os moradores têm uma consciência coletiva em relação à sensação do medo, na qual o medo da presença dos policiais, durante as rondas de rotina na área, está associado a grupos de extermínios que atuam constantemente no bairro, vitimizando tanto os que têm envolvimento com atividades ilícitas, quanto os que não têm.

Os moradores mudam o comportamento diário em razão do medo e da insegurança provocada pela violência, no entanto, devido à tipologia do crime ocorrer de forma diferenciada nas duas áreas que compõem o bairro, na área de aglomerado subnormal onde os crimes de homicídio ocorrem com maior frequência, os moradores temem pela vida, e integridade física, enquanto na área urbana regular, os moradores relatam o medo de assaltos e furtos, temem pelo seu patrimônio, constantemente ameaçado pelos moradores de rua que habitam aquela parcela do bairro.

Outro aspecto relevante refere-se ao estigma a que estão submetidos os moradores das áreas mais carentes do bairro, pois por residirem em áreas consideradas perigosas, passíveis à ocorrência de violência, acabam recebendo essa carga, na qual sofrem o preconceito tanto da sociedade, quanto da polícia que não lhes dispensa o mesmo tratamento e atenção dado aos moradores da classe média alta que residem na área urbana regular do bairro, dado que possui

importante peso na percepção da insegurança, uma vez que torna essa parcela dos moradores vulneráveis a outros tipos de violência, além da criminal.

A despeito da literatura pesquisada trazer um diálogo que expressa em seu bojo um perfil sociodemográfico muito precário do bairro, em especial no que se refere à ausência da cobertura dos serviços essenciais de saneamento básico, educação, saúde para comunidade, falta de asfaltamento, presença maciça de casas de madeiras, constatou-se durante a pesquisa de campo uma melhoria na prestação dos serviços, principalmente no que se refere à maior cobertura destes, que, foi notória em alguns aspectos como a pavimentação asfáltica, serviços de abastecimento de água potável, coleta de lixo domiciliar, iluminação pública e predominância de habitação de alvenaria, entre outros indicadores sociais.

Ressalta-se, no entanto, a necessidade de maior efetivação de políticas públicas voltadas para as áreas mais carentes do bairro, caracterizada por déficits estruturais e precários de serviços públicos essenciais, principalmente no que se refere à falta de esgotamento sanitário, baixa renda, e inserção no mercado informal de trabalho, entre outros fatores que reforçam a caracterização da área de aglomerado subnormal, área em que a maioria dos moradores vivenciam um quadro sociodemográfico caótico, necessitando da intervenção do Estado de forma mais célere e comprometida com as questões das demandas sociais.

Por fim, destaca-se a relevância desse estudo uma vez que seus resultados podem auxiliar as autoridades públicas no planejamento e discussão de políticas públicas voltadas para a infraestrutura e a melhoria da qualidade dos serviços nos espaços segregados como modo de enfrentamento das desigualdades sociais, e conseqüentemente aos assuntos afetos à segurança pública e contenção da violência na cidade de Belém.

3.1.1 Estratégias de Intervenção Pública

Tendo em vista que este trabalho pode ser utilizado pelo Poder Público, no sentido de servir de base para a elaboração de políticas públicas voltadas para a solução das questões apontadas durante a pesquisa, sugerimos as seguintes intervenções públicas:

1. Realizar obras de infraestrutura nos bairros periféricos de Belém, a fim de reduzir as desigualdades existentes no lençol urbano;
2. Intensificar o combate a atuação de milícias nos bairros da periferia de Belém;

3. Intensificar a realização de pesquisas voltadas para a área da segurança pública, visando conhecer as comunidades socioeconomicamente vulneráveis, seus problemas, sua dinâmica de vida, vitimização local, a fim de que sejam intensificadas nas áreas identificadas, estratégias preventivas de enfrentamento da violência, através de medidas de planejamento que elevem a qualidade de vida dessas comunidades;
4. Equipar as polícias civis e militares quanto a recursos humanos e matérias de trabalho, uma vez que a pesquisa aponta baixo contingente policial e a falta de estrutura da delegacia do bairro com a finalidade de melhor atender a população e combater a violência, reduzindo assim as subnotificações;
5. Investir no policiamento comunitário nas periferias da cidade de Belém, a fim de que o Estado se faça presente nos locais mais vulneráveis, estreitando a relação com a comunidade, resgatando a confiança assumindo assim, um espaço, que hoje, foi ocupado por traficantes, grupos de extermínio e outros grupos ilícitos.
6. Intensificar o combate ao abuso de autoridade dentro da polícia, a fim de resgatar a confiança da comunidade, hoje, vulnerável, por diversas razões, dentre as quais podemos ressaltar: a falta de compromisso com a função; o preconceito com a população mais carente, o abuso de autoridade durante a abordagem, que muitas vezes usa de violência desnecessária; a lentidão, a não resolução dos casos levados a autoridades policiais; a demora na chegada de viaturas etc.;
7. Investir na Delegacia *on line*, a fim de modernizar os meios/instrumentos de denúncia, intensificando o acesso virtual da população aos *sites* policiais por meio de terminais virtuais distribuídos pela cidade, de aplicativos *smartphones* ou *sites* autoexplicativos. Desta forma, a população teria fácil acesso a delegacia virtual, o que poderia ajudar a diminuir as subnotificações e melhorar a relação com a comunidade;
8. Investir em serviços públicos psicossociais direcionados às famílias das vítimas da violência, com a finalidade de humanizar os serviços prestados pelos órgãos de Segurança Pública, Judiciário e Ministério Público, devendo este serviço se estender aos familiares das vítimas, também em condição de vulnerabilidade;
9. Aumentar os programas sociais direcionados ao atendimento de familiares de vítimas de violência que possuem condições de vulnerabilidade socioeconômica, incluindo: atendimento psicossocial; encaminhamentos a programas de assistência social do governo; inclusão em programas de reabilitação para

alcoolatras e drogados; encaminhamento para programas esportivos e de lazer; matrícula em cursos profissionalizantes, em oficinas de arte etc.;

10. Exigir maior eficiência nas investigações policiais, no sentido de que os casos levados a autoridade policial sejam investigados e solucionados, com investimentos, principalmente, em novas tecnologias e em perícia (s) criminal (ais), a fim de garantir a produção das provas objetivas (ou materiais) que auxiliem na elucidação de crimes, assegurando assim a punição dos criminosos, e, conseqüentemente, resgatando a credibilidade, por parte da sociedade;
11. Intensificar parcerias entre as instituições que compõem a Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará e as universidades e faculdades locais, visando a produção de conhecimentos científicos, que possa ajudar na resolução de problemas relacionados à segurança pública;
12. Aumentar a transparência dos dados estatísticos produzidos pelas instituições que compõem a Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará, com exceção dos sigilosos, com a finalidade de que a comunidade científica possa ter acesso e fomentar as pesquisas científicas direcionadas a esta área;
13. Criar políticas públicas voltadas para as comunidades socioeconomicamente vulneráveis, no sentido de prevenir e enfrentar o crescimento da violência entre crianças e adolescentes, visando não apenas ações policiais, mas principalmente no âmbito social, educacional, judicial, sanitário e da saúde, lazer, educacionais, esportivas, profissionalizantes, de acessibilidade, de saúde etc.

3.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Ao realizar-se esta pesquisa, pôde-se perceber a relevância do estudo das periferias, em especial no que concerne à precariedade urbana que predomina nesses espaços segregados da cidade, a elevada incidência da violência nessas áreas, e os reflexos desses fatores nas vidas da população, questões que dada sua complexidade, não foram esgotadas no presente trabalho. Nesse sentido, dada a importância do tema, verifica-se a necessidade de se investigar outros fatores não abordados no estudo, dentre os quais sugere-se para trabalhos futuros os seguintes:

1. Analisar as mudanças de comportamento dos moradores do bairro do Jurunas, em razão dos elevados índices de violência e criminalidade no bairro;

2. Avaliar a qualidade dos serviços públicos essenciais de água, coleta de resíduos sólidos, educação e saúde disponibilizados à população carente do bairro do Jurunas;
3. Analisar qualitativamente as mudanças ocorridas no perfil sócio-demográfico dos moradores do bairro do Jurunas;
4. Analisar a distribuição espacial do crime de homicídio no bairro do Jurunas, com o intuito de observar a característica do espaço e sua relação com a tipologia do crime;
5. Levantar a subnotificação de crimes no bairro do Jurunas, a partir das informações das vítimas;
6. Avaliar a atuação da polícia militar nas duas áreas que compõem o bairro do Jurunas;
7. Analisar a percepção do policial militar que atua no bairro do Jurunas, quanto a violência que ocorre no bairro;
8. Traçar o perfil sócio-demográfico do autor de crimes de homicídio e roubo no bairro do Jurunas, a fim de estabelecer sua relação com a área que ocupa no bairro;
9. Mostrar modelos de políticas públicas utilizadas em outros municípios do país que deram certo para a redução da violência e criminalidade;
10. Levantar as obras de infraestrutura realizadas no bairro do Jurunas nos últimos sete anos, a fim de verificar as mudanças ocorridas no bairro após o censo demográfico de 2010.
11. Realizar estudos comparativos, entre bairros periféricos, com características socio-demográficas diferentes e semelhantes, a fim de comparar percepções de moradores acerca da questão da segurança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CAPÍTULO 1

AMERIO, P.; ROCCATO, M. Psychological Reactions to Crime in Italy: 2002 - 2004. **Journal of Community Psychology**. v. 35, p. 91 - 102, 2007.

BARATA, S, A. **Violência Urbana**. Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, p. 27, Coimbra, 2008.

BEATO FILHO, C. C. **Crimes e Cidades**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2012.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. ed. 7ª Saraiva. São Paulo:, 2013.

CHAGAS, C. A. N. Geografia, Segurança Pública e a Cartografia dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém, nº 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.

CHAGAS, C. A. N.; BORGES, R. H. M.; VIEIRA, D. C. M.; SANTOS, C. da S. Território Criminalidade e Violência: Uma Análise dos Homicídios Na 4º e 5º AISP, Belém-Pará. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém, nº 1, v. 03, nº 05, p. 152-174, jan./jun. 2016.

CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. E. Segregação Socioespacial e Inserção no Mercado de Trabalho na Região Metropolitana de Campina. **Rev. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 115-139, jan./jun. 2010.

ESTEVES, A. **A Criminalidade na Cidade de Lisboa: uma geografia da insegurança**. Lisboa, Colibri, 1999.

ESTEVES, I. A. F. **Exposição do Espaço Físico e Medo do Crime**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social, ULHT, p. 73, Lisboa, 2016.

FERNANDES, L. Bases Ecosociais do Sentimento de Insegurança. **Rev. Educação, Sociedade e Culturas**, nº 21, p. 93 -112, 2004.

FERNANDES, L.; CARVALHO, M. C. Problemas no Estudo Etnográfico de Objetos Fluidos: Os Casos do Sentimento de Insegurança e da Exclusão Social. **Rev. Educação, Sociedade e Culturas**, v.14, p. 59 - 87, 2000.

FBSP. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. 10ª Ed. São Paulo, 2016.

FRATTAR, N, F. **Insegurança: As Práticas e Discursos do Medo na Cidade de Goiânia** Dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, p. 192, 2009.

FREITAS, L. C. **As Contradições Estruturais dos Espaços Urbanos Aplicadas na Produção das Noções de seus Agentes Transformadores: Uma Análise da Dinâmica da Cidade Ituiutaba – MG**, in: Encontro Nacional de Geógrafos, 18, Maranhão, 2016.

GAROFALO, J. The Fear of Crime: Causes and Consequences. **Journal of Criminal Law and Criminology**, v.72, 839 - 857, 1981.

GROSTEIN, M. D. Metr pole e Expansão Urbana: A Persistência de Processos "Insustentáveis". **São Paulo em Perspectiva**, vol.15, n .1, jan./mar. São Paulo, 2001.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. . ed. 4  Editora Atlas. São Paulo: 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Características da vitimiza o e do acesso   justiça no Brasil 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2010 a.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: Aglomerados Subnormais Primeiros Resultados Censo demogr., Rio de Janeiro, p.1-259, 2010 b.

LAGRANGE, R. L.; FERRARO, K. F. Assessing Age and Gender Differences in Perceived Risk and Fear of Crime. *Rev. Criminology*. v. 27, p. 697 - 720, 1989.

LISKA, A. E.; SANCHIRICO, A.; REED, M. D. Fear of Crime and Constrained Behavior Specifying and Estimating a Reciprocal Effects Model. *Rev. Social Forces*, v. 66, p. 827 - 837, 1988.

MACHADO, C. M. **Discursos do Medo, Imagens do Outro**: Estudos Sobre a Insegurança Urbana na Cidade do Porto, Tese de Doutorado em Psicologia. Braga: Instituto de Educa o e Psicologia da Universidade do Minho, 2000.

MACHADO, C.; AGRA, C. Insegurança e Medo do Crime: da Ruptura da Sociabilidade   Reprodu o da Ordem Social. *Rev. Portuguesa da Ciência Criminal*, v. 12, 79 - 101, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: Teoria, Método e Criatividade. 29 . ed. Vozes. Petrópolis, RJ, 2010.

OLIVEIRA, E. R. T., ANDRADE, D. B S. F., & MUSSIS, C. R. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educa o. *Rev. Diálogo Educacional*, v. 4, n  9, p. 11-27, 2003.

ONU. Organiza o das Na es Unidas. **Relatório Global Sobre Homicídio 2013**. UNODC, Vienna, 2014a.

ONU. Organiza o das Na es Unidas. **Relatório Regional de Desenvolvimento Humano 2013-2014 Segurança Cidadã com Rosto Humano**: Diagnóstico E Propostas Para A América Latina. UN Plaza,

OMS Nova York, NY, 2014b.

PÊCHEUX M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In F. Gadet & T. Hak (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux** (pp. 61-105). 2a ed. Campinas (SP): Ed Unicamp, 1997.

PEREIRA, I. S. O. **A Implantação do Cinturão Institucional e a Valorização Imobiliária em Belém**. 140 f. (Dissertação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**. Loyola. São Paulo: 2010.

SANCHES, S. B; COUTO, A. C. **O Tráfico e a Periferia: a (re) produção da violência urbana na cidade de Belém – PA**. 2010.

SANTANA, L. L. S. Território, Territorialização e Violência nos Bairros de Guamá e Terra Firme em Belém-Pa. **Boletim Amazônico de Geografia**. , Belém, v. 03, nº. 05, p. 198-219. Belém jan./jun. 2016.

SANTOS, B. S. **Para Além do Pensamento Abissal: das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes**. Novos estud. CEBRAP, nº 79, nov. São Paulo, 2007.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. . ed. 3ª Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, M. P. Urbanização, Violência e Insegurança no Distrito de Icoaraci em Belém-Pa. **Boletim Amazônico de Geografia**, v. 03, nº. 05, p. 01-23. Belém jan./jun. 2016.

SOUZA JÚNIOR, X. S. de S. de. A desconcentração dos eventos de violência urbana no Brasil e sua influência nas redefinições das cidades intermediárias: o caso de Campina Grande-PB, 2013. **In: Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – UERJ: Rio de Janeiro. 18 a 22 de Novembro de 2013. Disponível em: www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT14_xisto. Acesso em: 11 set. 2016.**

SOUZA, M. **Fobopóle: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SUDAM; DNOS; GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. **Monografia das Baixadas de Belém: subsídios para um projeto de recuperação**. ed. 2ª v. 2. SUDAM. Belém, 1976.

VIEIRA NETO, J. Fenômeno da Urbanização No Brasil e a Violência nas Cidades. Rev. **Espaço Revista**, Vol. 13, nº 2, Jul/Dez, p. 125 – 149, 2011.

APÊNCIDES

APÊNDICE A – Artigo científico aceito para publicação no livro (coletânea) “ Geografia da Violência: produção do espaço, território e segurança pública”.

VIOLÊNCIA E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE BELÉM DO PARÁ

Gruchenhka Oliveira Baptista Freire
Universidade Federal do Pará
grufreire@uol.com.br

Elizabeth Cristina da Silva Feitosa
Universidade Federal do Pará
advogada.beth@gmail.com

Silvia dos Santos de Almeida
Universidade Federal do Pará
salmeida@ufpa.br

Edson Marcos Leal Soares Ramos
/Universidade Federal do Pará
edson@ufpa.br

RESUMO: O processo de urbanização desordenada no Brasil, e mais especificamente no município de Belém-PA, deu origem a espaços segregados, produto da desorganização e da desigualdade na distribuição dos espaços na cidade. A violência atinge todas as classes sociais, mas é na camada mais pobre da sociedade, que se prolifera, uma vez que a falta de infraestrutura urbana, a ausência de políticas públicas e as precárias condições de vida dessas pessoas, interferem na ascensão social, limitada em razão da falta do acesso aos serviços básicos de educação, , saúde, saneamento, cultura e lazer. O objetivo deste trabalho é analisar o processo de urbanização e sua relação com a violência na cidade de Belém-Pará, utilizando como principal elemento metodológico, a revisão bibliográfica e documental de importantes autores que trataram dessa temática, dentro de uma abordagem sociológica e demográfica. Os resultados indicam, que a forma desordenada como ocorreu a ocupação do espaço urbano na cidade de Belém-Pará, é fator determinante para os elevados índices de violência e criminalidade na cidade, fenômeno que ocorre, face as desigualdades sociais e a ausência de políticas públicas nas periferias da cidade.

Palavras Chaves: Urbanismo; Segregação; Desigualdade Social; Criminalidade.

INTRODUÇÃO

Percebe-se que no Brasil, em especial na cidade de Belém-PA, em 10 anos a violência alcançou números exorbitantes, modificando o dia a dia das pessoas, dos bairros e da cidade, o que têm influenciado a mudança de comportamento e transformado a vida da população, tal realidade está diretamente relacionada a inúmeros fatores, como: o intenso processo de urbanização das cidades brasileiras, a falta de políticas públicas, as desigualdades sociais, a falta de controle de natalidade, entre outros, conforme afirma Villaça (2003).

A cidade brasileira é hoje o País. O Brasil está estampado, nas suas cidades. Sendo o País, elas são a síntese das potencialidades, dos avanços e também dos problemas do País. Nossas cidades são hoje o locus da injustiça social e da exclusão brasileira. Nelas estão a marginalidade, a violência, a baixa escolaridade, o precário

atendimento à saúde, as más condições de habitação e transporte e o meio ambiente degradado. Essa é a nova face da urbanização brasileira (VILLAÇA, 2003, p.29).

O processo de urbanização no Brasil, indica que a maioria da população brasileira passou a adotar a cidade como seu local de moradia, fenômeno que alterou por completo a estrutura das cidades brasileira, provocando grande impacto na vida da população. No caso da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, a aceleração e a falta de planejamento na urbanização, a partir da década de 60, produziu mudanças que afetaram a qualidade da vida dos moradores, resultado do processo da distribuição desigual do espaço urbano, o que fez emergir espaços de exclusão social, onde predomina a pobreza e precárias condições socioeconômicas. A precariedade desses espaços segregados, provocaram limitações na ascensão social e econômica das pessoas que lá residem, significando dizer que as oportunidades do segregado é desigual daquele que não o é, tanto em nível social, quanto econômico, renda, cultural, educacional.

Várias são as linhas de pesquisa que buscam explicar a violência urbana, no entanto a abordagem deste trabalho será de ordem sociológica e demográfica, que trata a violência como produto da exclusão, evidenciada no desemprego, isolamento social e baixos indicadores sociais caracterizados pela ausência da educação, lazer, cultura, saneamento básico entre outros (PRADES, 2002). Nesse sentido, a ocupação acelerada e desordenada da cidade de Belém, está intrinsecamente relacionada a violência, uma vez que, segundo Prades (2002), esta contribui para o aumento das desigualdades, violência e criminalidade.

Conforme o IBGE (2010, p. 3), a periferia da metrópole paraense (Belém) foi a que mais se expandiu no período de 1991 a 1996, em detrimento da sua área central, o que demonstra o aumento da pobreza nesta cidade, prevalecendo nas áreas em expansão os aglomerados subnormais, os baixos indicadores sociais, contribuindo para o aumento da criminalidade nessas áreas, em razão da dificuldade do acesso dos moradores da periferia aos serviços básicos de educação, lazer, cultura, saneamento, saúde, dentre tantos outros existentes nas áreas centrais da cidade, tal precariedade faz com que as oportunidades de ascensão social fiquem reduzidas, possibilitando o ingresso desses moradores no mundo do crime.

No mesmo sentido Maricato, Belém é o município central como um todo, que apresenta crescimento negativo em contraposição ao gigantesco aumento dos municípios periféricos” (MARICATO, 2000: p. 5). Segundo Chagas et al. (2014) a privação desses direitos básicos, torna os bairros periféricos mais suscetíveis a territorialização da violência e da criminalidade.

A precariedade dos indicadores sociais nas áreas periféricas, aliada a alta densidade demográfica e a ausência de políticas públicas, são possíveis fatores que fazem do município de Belém um dos mais violentos do Brasil. Estes fatores podem explicar os elevados índices de violência urbana, que extrapola os limites das fronteiras dos espaços segregados, para atingir a cidade de Belém como um todo. Diante disso, o objetivo principal desse artigo é analisar o processo de urbanização e sua relação com a violência na cidade de Belém. Tendo como objetivos específicos: contextualizar o processo histórico de urbanização, com ênfase na maneira como este fenômeno aconteceu na cidade de Belém a partir da década de 60; e analisar a violência como resultado das diferenças sociais produzidas nos espaços segregados.

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste artigo, encontra-se, baseada no levantamento bibliográfico e documental, produzidos por estudiosos das temáticas relacionadas a urbanização, produção do espaço, desigualdade social e violência urbana,

contextualizada na cidade de Belém, com recorte em uma abordagem sociológica e demográfica. Dentre os instrumentos estatísticos utilizados na coleta de dados, temos as tabelas, os gráficos, e os bancos de dados. As fontes consultadas foram o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto Sangari, o Anuário Estatístico do Município de Belém, e produções textuais acadêmicas físicas e digitais.

1. PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

A falta de organização e planejamento no processo de urbanização do Brasil, trouxe como consequência a segregação das camadas mais pobres da sociedade em áreas periféricas, geralmente distantes dos centros urbanos e carentes de infraestrutura básica necessária a garantir a melhoria da qualidade de vida desses moradores. A compreensão objetiva do fenômeno da urbanização no Brasil, exige obrigatoriamente perpassar pela análise das diversas fases que compõe esse processo, bem como suas múltiplas dimensões, a partir da dinâmica social e econômica da ocupação do espaço das cidades brasileiras que se desencadeou com o implemento da política de industrialização do Brasil, e no caso da região norte, especificamente pela intensificação da política de integração da Amazônia com o resto do país, realizada pelo governo federal. Para Santos (1997), o espaço é produto da utilização do território pelo povo, compreendido como “um sistema de objetos e um sistema de ações”.

Assim sendo, necessário se faz realizar, ainda que brevemente, uma contextualização do modo como se deu a urbanização do país, e as múltiplas dimensões que compõe as fases desse processo, que segundo nos ensina Villaça (2004), pode ser dividida em três fases, cujas características são distintas entre si, com dimensões delimitadas no tempo e no espaço. A primeira fase da história da urbanização do Brasil a que se refere o autor, sofreu influência francesa, que exaltava a forma urbana do embelezamento monumental, e vai de 1875 a 1930, nesse período a maioria das pessoas viviam na zona rural. O segundo período, que se iniciou em 1930 e se estendeu até o ano de 1990, teve como pano de fundo o processo de industrialização, quando o governo brasileiro intensificou a política de industrialização do país. O terceiro período histórico do processo de urbanização do Brasil, que teve início na década de 90, “[...] é o período marcado pela reação ao segundo” (VILLAÇA, 2004, p. 182).

Nesse último período aconteceu a redemocratização do país, e o estabelecimento pela Constituição Federal de 1988, de uma nova ordem urbanística, baseado no planejamento das políticas públicas que envolvessem a participação popular, mas após quase 30 anos da promulgação da Carta Magna, o que vemos no Brasil, é uma realidade completamente diferente, onde a maioria das cidades se caracterizam pela existência de centros urbanos elitizados e segregadores, enquanto que as áreas mais afastadas, foram destinadas à classe pobre, as quais são carentes de equipamentos urbanos. Sobre a previsão da criação e implementação do plano diretor, Villaça (2004) esclarece:

Os problemas a serem atacados num plano diretor, bem como suas prioridades (dos problemas, não das obras, como disse A Folha), são uma questão política e não técnica. São questões que devem estar nas plataformas dos movimentos populares e dos partidos políticos. O diagnóstico técnico servirá, isto sim, e sempre a posteriori (ao contrário do tradicional), para dimensionar, escalonar ou viabilizar as propostas, que são políticas; nunca para revelar os problemas (VILLAÇA, 2004, p. 236).

Para se compreender as disparidades sociais evidenciadas no terceiro contexto histórico da urbanização, nos remetemos ao segundo contexto de ocupação dos espaços das cidades. Para

Menezes (2000), o movimento migratório intenso nos moldes capitalista ocorre, devido à grande procura da população rural pelos grandes centros industriais, onde se encontra maiores ofertas de emprego, revelando as desigualdades regionais. Esse processo migratório se intensificou na segunda metade do século XX, desencadeando uma urbanização forçada e não planejada nas cidades do país, a população brasileira, que era predominantemente rural, passou a residir nas cidades, passando a população urbana de 19 milhões para 138 milhões (BRITO; SOUZA, 2006).

O êxodo rural resultante da demanda permanente de mão de obra para os meios de produção capitalista, intensificou o processo de urbanização, aumentando os problemas já existentes na cidade, como ausência de saneamento básico, saúde e habitação. Segundo Souza (1995, p. 66) “a urbanização pode ser entendida como um espaço em permanente mutação”, nesse sentido pesquisa realizada pelo IBGE (2010), aponta que no ano de 1960, o percentual da população urbana no Brasil era de 45,1% na área urbana, e na área rural, de 54,9%, passando esse percentual no ano de 2010, para 84,4% na área urbana, e 15,6% na área rural. Diante destes dados, verifica-se que no período compreendido de 1960 a 2000, o percentual de urbanização teve um aumento significativo no Brasil, sem que houvesse no mesmo período planejamento adequado para o recebimento desse elevado contingente populacional.

Embora a segunda fase da história da urbanização, citada por Villaça (2004), se caracterize pelas obras de infraestrutura necessárias para garantir a eficiência da cidade de produção, o mesmo não aconteceu para a maioria da sua população. A ocupação dos espaços urbanos passou a ser determinada pelo mercado imobiliário, as classes média e alta passaram a ocupar os bairros centrais, próximos aos meios de produção, e por isso, local de investimentos públicos de estrutura e equipamentos urbanos. Enquanto a maioria da população, foi expulsa para as áreas periféricas, geralmente afastadas dos centros urbanos, e por isso de difícil acesso às redes de infraestrutura, transporte e serviços.

A esse respeito, Maricato (2000, p. 23) afirma, que “o crescimento urbano sempre se deu com exclusão social, desde a emergência do trabalhador livre na sociedade brasileira, quando as cidades passam a ganhar nova dimensão e tem início o problema da habitação”. Dentro dessa perspectiva, a autora supracitada, afirma que a cidade de Belém, está entre as que nesse período, passaram por transformações que conjugaram saneamento, embelezamento e segregação.

O modo como a urbanização ocorreu no Brasil, acabou provocando profundas transformações na vida das pessoas, e na configuração das cidades. Nesse mesmo sentido Santos (2002) afirma que o deslocamento das classes mais pobres para a periferia, cria espaços sem cidadãos.

Com recursos públicos insuficientes para atender a demanda gerada pelo aumento populacional, o poder público privilegiou as áreas centrais da cidade, agravando ainda mais as diferenças sócioespaciais, em razão da maneira desigual da apropriação do espaço urbano. Essa ausência de políticas públicas nas áreas segregadas, constitui em fator importante que contribui para a transgressão das normas estabelecida, face a ausência do Estado (ADORNO, 2002a).

1.2. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE BELÉM-PARÁ

O crescimento da produção industrial se concentrou na Região Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo, representando para a população do campo, uma oportunidade de trabalho e melhoria da qualidade de vida, desencadeando o processo de migração em massa do campo para a cidade. Nesse sentido, a industrialização foi um importante acontecimento que teve como resultado, a mudança estrutural da sociedade brasileira, fenômeno que se iniciou com o êxodo rural para as capitais brasileiras, em especial para a cidade de São Paulo, e que logo se expandiu para o resto do país.

Assim como no caso do Brasil, o processo de expansão urbana do município de Belém passou por diversas fases no contexto histórico e econômico, no entanto, para efeito do presente trabalho, faremos um recorte, limitando o estudo ao período de expansão a partir da década de sessenta, quando se desencadeou o processo migratório interno, tendo como vetor propulsor, a intervenção do Governo Federal que construiu em 1960, a Belém-Brasília para integrar a região norte as demais regiões do país.

A construção da rodovia Belém-Brasília, foi um importante acontecimento para a urbanização da capital paraense, resultado da imigração em massa de pessoas do interior do Estado e de outras regiões do Brasil. Construída para ligar a Amazônia, que se encontrava em condição de isolamento, ao resto do país, a rodovia Belém-Brasília permitiu sua ligação à nova Capital da República. Possibilitando a ocupação da Amazônia e de uma imensa faixa de terra localizada no interior do Brasil, por meio do deslocamento de pessoas por via terrestre, além de permitir o escoamento da produção para outras localidades (RODRIGUES, 1978). Tamanha era sua importância na estratégia de integração nacional, que a inauguração de Brasília estava vinculada à conclusão de suas obras (BRASIL, 1960).

Das várias obras de infraestrutura realizadas para a ocupação e integração da Amazônia, a construção da rodovia Belém-Brasília, se constituiu na mais importante via estrutural de expansão do município de Belém. Sua estrutura serviu de base para a expansão urbana que se seguiu rumo às cidades vizinhas de Ananindeua, Marituba e Benevides.

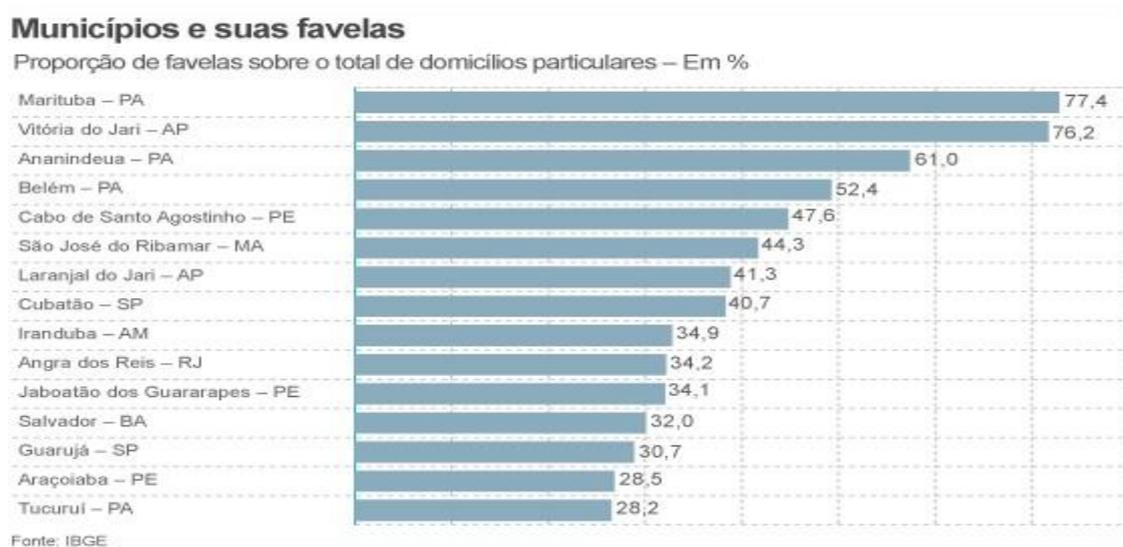
Assim como a maioria das cidades amazônicas, a expansão de Belém se intensificou na década de 1970, com a chegada de um contingente de imigrantes de outras regiões do Brasil, e do interior do Estado, em busca de melhores condições de vida, sem a devida estrutura para recebê-los. Em razão do baixo poder aquisitivo, num primeiro momento esses imigrantes, passaram a ocupar as áreas de baixada e alagáveis da cidade, que até então eram consideradas impróprias para moradia, dada suas condições inóspitas de alagamento durante o período de chuva e das altas mares. Em um segundo momento, a expansão se deu com a ocupação rumo às cidades vizinhas de Ananindeua, Marituba e Benevides, dando início a uma urbanização desordenada, resultando no processo de aceleração de favelização da cidade, conforme bem descreve Pereira (2004):

Nos bairros em que predominam as classes de menores rendas, os lotes não apresentam limites definidos, o que os caracterizam como favelas. Estes locais concentram cerca de 34% da população que apresentam os níveis de renda mais baixos. Quanto às habitações nas áreas alagáveis (baixadas), estão localizadas em terrenos encharcados ou alagados, diretamente implantadas sobre o solo, ou sobre palafitas (assoalho de madeira sobre as áreas alagadas, que servem de acesso às

residências) quando a presença de águas é constante (PEREIRA, 2004, p. 94).

Verifica-se no processo de expansão da cidade de Belém, que primeiro a população carente ocupou as áreas de baixada existentes no centro de cidade, depois passaram a ocupar áreas distantes. A ocupação irregular destas áreas baixas, propensas a alagamento e sem planejamento adequado, acelerou o processo de favelização da cidade de Belém. Hoje é a capital com o maior índice de aglomerados subnormais do país, ocupando o quarto lugar de cidades com a maior proporção da população em favelas no Brasil (IBGE, 2010). Conforme comprova o Gráfico 1.

Gráfico 1: Percentual de favelas nos municípios brasileiros – ano 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Outro dado importante verificado no Gráfico 1, é a posição dos municípios limítrofes de Marituba e Ananindeua, que compõe a região Metropolitana de Belém. Nesse triste cenário nacional, ocupam, respectivamente, o primeiro e terceiro lugar, de percentual de favelas sobre o total de domicílios ocupados.

A mesma pesquisa (IBGE, 2010), aponta que em termos de Região Metropolitana, as maiores proporções de domicílios ocupados em aglomerados subnormais em relação ao total de domicílios ocupados, 52,5% estão localizados na Região Metropolitana de Belém (PA) e 25,7% na de Salvador (BA).

Vale ressaltar, a relação existente entre a precariedade urbana encontrada nas periferias dessas Regiões Metropolitanas (Belém e Salvador) e os altos índices de homicídio, apontados pelo Instituto Sangari (2012), conforme mostra a Tabela 1. No mesmo sentido, Cardia et al. (2003), para quem o processo de segregação socioespacial é fator determinante para os elevados índices de criminalidade nas cidades brasileiras, produto do inchaço populacional, da urbanização acelerada e da falta de planejamento no processo de produção do espaço geográfico, que se estabeleceu no país a partir do século XX.

Tabela 1: As Três primeiras Regiões Metropolitanas do Brasil, que sofreram maior variação na taxa de homicídio no período 2000/2010

Região Metropolitana	Ano			Variação %
	2000	2005	2010	
Salvador	359	1.372	2.129	493,0
Belém	339	837	1.639	383,5
São Luiz	144	263	610	323,6

Fonte: adaptada pelos autores a partir Instituto Sangari (2012).

Para Gomes (2002), como consequência das desigualdades socioespacial, ocorreu um significativo aumento na violência urbana, que se produz e reproduz, devido à dificuldade de acesso da população às políticas públicas e serviços básicos necessário à ascensão social dos indivíduos, como é o caso da educação, cultura e lazer. Para o autor, estes fatores são preponderantes no aumento da violência urbana, traduzida na precariedade de saúde, educação, lazer, falta de policiamento e segurança pública.

2. DESIGUALDADES E VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE BELÉM-PA

Em quase todo o território brasileiro, com exceção das cidades planejadas, os espaços geográficos das grandes metrópoles, formaram-se de forma desordenada, criando bairros periféricos sem a mínima estrutura, dando origem a esta onda de violência, uma vez que, a população pobre que habita nos espaços segregados, são marginalizadas pelo Estado, tendo o direito à cidade negado (LEFEBVRE, 2001).

Nos bairros periféricos, o Estado se mantém distante, prestando de forma ineficiente os serviços essenciais, como segurança pública (FOUCAULT, 2011; RAFFESTIN, 1999). A falta de segurança, educação, saúde, saneamento, transporte, lazer e cultura, tornam estes locais férteis a disseminação da violência e do crescimento do crime organizado.

No mesmo sentido, Dias (2007) analisa a ocupação dos espaços segregados de Belém-PA, principalmente, nas últimas décadas do século XX, o surgimento de novos bairros e o aumento da população dos bairros periféricos já existentes, provocaram o surgimento de problemas de toda ordem, entre eles, sociais, ambientais e de infraestrutura, comprometendo a qualidade de vida destas pessoas, uma vez que os serviços ofertados não são suficientes para atender toda esta população.

A falta de infraestrutura leva a população dos espaços segregados a procurarem os serviços essenciais ofertados pelo Estado no centro de Belém-PA, nos bairros considerados nobres, dificultando o acesso dos moradores da periferia aos serviços públicos. Ferreira e Penna (2005b), comentam tal realidade:

O enclausuramento do pobre, espacialmente próximo das condições de vida moderna urbana e socialmente tão longe dela, fruto do inaccess, ou da periferização, que o torna duplamente distante, dificulta a mobilidade social. Cria-se uma barreira que reproduz a pobreza, como um fator a mais. A pobreza segregada fica mais pobre, tornando mais difícil a mobilidade social e com isso mais vulnerável as ações criminosas (Ferreira e Penna, 2005b, p. 158).

Ferreira (1995), também aborda essas desigualdades sociais nos espaços segregados da cidade de Belém-PA, chama a atenção para as casas construídas sob palafitas, os terrenos aterrados com caroço de açaí, o acúmulo do lixo e a falta de saneamento. No mesmo sentido, Corrêa (1995) comenta:

A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e ao mesmo, uma sobrevivência. Resistência e sobrevivência as adversidades impostas aos grupos recém expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade (...) resistência e sobrevivência que se traduzem na apropriação de terrenos usualmente inadequados para outros agentes da produção do espaço, encostas íngremes e áreas alagadiças Corrêa (1995, p. 30)

Aliada a ocupação desordenada e a falta da prestação de serviços à população, pode-se destacar que a periferia de Belém-PA, primeiramente, se expandiu para as áreas alagadas, mas ainda hoje, grande parte destes espaços urbanos, não foram contemplados com a drenagem dos canais, expondo os moradores destas áreas aos constantes alagamentos. Diante de tantas desigualdades sociais, existe muita tensão e conflito em uma mesma porção do espaço geográfico (FERREIRA, 1995).

Segundo Santana (2014) percebe-se que a o crescimento desordenado da cidade de Belém-PA, aumentou significativamente a violência, e para compreender tal fenômeno, devemos compreender a cidade como um “mosaico social”, ou seja, a formação desordenada dos espaços urbanos, criou áreas com características distintas, nas quais convivem vários segmentos sociais, levando vantagem quem possui condições para habitar nos melhores espaços, reforçando a “segregação espacial”.

É importante ressaltar, que dentro deste contexto, temos como principais vítimas e autores de crimes, a categoria mais jovem dos habitantes das periferias, diante desta realidade, Beato Filho (2012):

As chances de morrer, vítima de homicídio, quando se é um homem jovem habitante da periferia, chega a ser de até trezentas vezes mais do que para uma senhora de meia idade que habita bairros de classe média. No entanto todos os esforços de nosso sistema de justiça e de organizações às voltas com a segurança pública parece ser a de proteger justamente aqueles que estão menos expostos a violência (BEATO, 1012, p.152).

Para Souza (2008, p. 55) “é em cidades sócio-político-espacialmente fragmentadas que o medo generalizado prospera e se sente em casa, são elas as fobópolis por excelência”. Esses espaços segregados são prejudicados pelo Estado que atua de forma omissa, enquanto privilegia as áreas consideradas nobres de Belém, abandonando a própria sorte os habitantes da periferia, o que aumenta as desigualdades sociais, impossibilita a acessão social e aumenta a violência.

3. VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE NOS BAIROS SEGREGADOS

Durante algum tempo acreditava-se que a violência estava diretamente ligada a pobreza, hoje, já se sabe que a miséria aliada a ocupação desordenada dos espaços geográficos, levam a falta de educação, saúde, saneamento, lazer, cultura, policiamento, expectativa de vida e a condições de vida precária, uma vez que o Estado não se faz presente nesses espaços segregados, o que gera violência (homicídios, roubo, furtos, estupro, trafico etc). Assim, está

se tornando cada vez mais evidente que a relação é outra: urbanização desordenada + miséria, sim, são componentes (fatores) que determinam a violência (ADORNO, 2002b).

Segundo Ferreira e Penna (2005a, p. 5045):

No contexto da desorganização socioespacial do crescimento urbano, existe uma interação de processos (econômicas, sociais, espaciais, institucionais, políticas e culturais) que contém e estão contidos no cotidiano da vida urbana, que somente pode se realizar produzindo e consumido um espaço (FERREIRA E PENNA, 2005a, p. 5045).

Etchichury (2010), fala que existe uma relação na sociedade brasileira entre concentração de riqueza, precariedade de vida nos espaços segregados e a explosão letal da violência. O mapa realizado para algumas capitais, nos anos 90, indicavam que as taxas de homicídios nas áreas segregadas eram bem mais altas do que nos bairros atendidos por infraestrutura, por oferta de trabalho, por serviços de lazer e cultura (ETCHICHURY, 2010).

Ainda segundo o autor, com a diversificação da estrutura social, da composição social das populações interioranas, alteram-se os estilos de vida, os gostos, as exigências de consumo. Paralelamente, há o desenvolvimento de cinturões de pobreza, alguns encravados nos centros urbanos decadentes e outros na periferia. Estes fatores, aliados a crise econômica, que afeta diversos setores da sociedade, principalmente, os segmentos de baixa renda e da periferia, tornam o Estado incapacitado para aplicar as leis e garantir a segurança à população (ETCHICHURY, 2010).

Como consequência da economia hegemônica e da desmobilização do Estado de Bem-Estar, o Estado deixa as massas largadas a própria sorte, que buscam estratégias de sobrevivências, que nem sempre são legais. Marginalizados nas periferias e na miséria, passam a frequentar as prisões, locais cada vez mais severos (SALLA et al, 2006).

Acerca da relação entre violência e urbanização, Beato Filho (2012) afirma:

O fenômeno de maior estreitamento associado ao crescimento dos homicídios no Brasil é a urbanização. A rigor, poderíamos dizer que os crimes violentos são fenômenos urbanos associados a processos de desorganização nos grandes centros urbanos, nos quais os mecanismos de controle se deterioram, tal como ocorreu também em outros países. (Beato Filho, 2012, p. 70)

Molina e Gomes (2000) citam o estudo realizado por Mabel Elliot e Francis Merrill, que afirmam que muitos delitos são frutos de uma acumulação de sete ou mais circunstâncias negativas (família desagregada, miséria, falta de educação, embriaguez dos pais, desemprego, falta de segurança, mas companhias, drogas etc.).

Souza (2012), afirma:

Parece muito mais produtivo reservar a *violência urbana* para as diversas manifestações da violência interpessoal explícita que, além de terem lugar no ambiente urbano, apresentam uma conexão bastante forte da *espacialidade urbana* e/ou com problemas e estratégias de sobrevivência que revelam ao observador, particularidades ao se concretizarem no meio cotidiano, ainda que não sejam exclusivamente “urbanos” (a pobreza e a criminalidade são, evidentemente, fenômenos tanto rurais quanto urbanos) e sejam alimentados por fatores que emergem e operam em diversas escalas, da local à internacional (Souza, 2012, p. 52).

Para entender a relação entre violência e territorialidade, se deve compreender, primeiramente a relação entre violência e espaço urbano, uma vez que, devido à ausência do Estado, são criados espaços urbanos segregados considerados “Zonas vermelhas”, onde a criminalidade encontra mecanismos para se expandir e influenciar pessoas, criando uma relação de poder com a população local, tornando-a refém da violência. Numa visão geográfica, pode-se afirmar que a violência passa a ser um recorte do território, podendo ser identificado por meio das suas peculiaridades (MELO, 2012).

Chagas (2014), comenta:

Neste Contexto as áreas de periferização são locais propícios para o estabelecimento do território do crime, onde as peculiaridades como a ilegalidade, a ausência de segurança pública e das instituições de controle público mínimos são fatores determinantes para a instalação e a fixação de zonas de tensões, nessa perspectiva, o crime, especialmente os violentos, passa a ser o instrumento coercitivo para a fixação e controle do território de grupos ligados à criminalidade, e daí articula suas ações no espaço urbano.(Chagas, 2014, p. 190-191).

Por fim, é importante compreender que a formação desordenada do espaço urbano e a ausência do Estado nessas áreas, colaboraram para os altos índices de violência em determinados bairros das grandes metrópoles, em especial na cidade de Belém, se pode destacar, os bairros do Guamá, Jurunas, Coqueiro e Pedreira, como sendo os mais violentos da cidade de Belém em 2008, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Classificações dos bairros de maior incidência de criminalidade, no Município de Belém, 2008.

CLASSIFICAÇÃO	Bairros	2008	População
1°	Guamá	7.076	102.124
2°	Jurunas	5.193	62.740
3°	Coqueiro	5.088	96336
4°	Pedreira	5.049	69.067
5°	Campina	5.046	5.407
6°	Marco	4.998	64.016
7°	CN – 1,2,3,4,5,8	4.414	70.000
8°	São Brás	4.362	19.881
9°	Sacramento	3.898	44.407
10°	Marambaia	3.550	62.370

FONTE: SEGUP e Prefeitura Municipal de Belém (PMB), 2012.

A Tabela 3 demonstra que em 2009, permanecem os mesmos bairros na lista dos índices de criminalidade em Belém, havendo apenas alteração na ordem de classificação.

Tabela 3: Classificações dos bairros de maior incidência de criminalidade, no Município de Belém, 2009.

CLASSIFICAÇÃO	Bairros	2009	População
1°	Guamá	6.840	102.124
2°	Pedreira	6.306	69.067

3º	Jurunas	5.099	62.740
4º	Marco	4.810	64.016
5º	CN – 1,2,3,4,5,8	4.021	70.000
6º	Coqueiro	3.792	36.936
7º	Sacramenta	3.766	44.407
8º	São Brás	3.764	19.881
9º	Marambaia	3.559	62.370
10º	Campina	3.405	5.407

FONTE: SEGUP e Prefeitura Municipal de Belém (PMB), 2012.

Entretanto em 2013, novo levantamento foi realizado pela Secretaria de Segurança Pública (SEGUP, 2013), relacionando os bairros com maior índice de criminalidade, que conforme pode ser observado na Tabela 4, em regra formada por bairros periféricos, sem infraestrutura e com intensas desigualdades sociais, com exceção de alguns bairros, por exemplo Batista Campos, que passa a integrar o rol dos bairros mais perigosos de Belém-PA.

Tabela 4: Classificação dos bairros de maior incidência de criminalidade na região Metropolitana de Belém, 2011-2012.

Bairros	No. de crimes (2011)	No. de crimes (2012)	População(2010)
Guamá	7.014	6.308	102.124
Marco	6.346	5.565	64.016
Pedreira	6.306	5.324	69.067
CN-1,2,3,4,5,8	6.236	5.640	70.000
Jurunas	5.857	5.700	62.740
Campina	5.685	4.694	5.407
São Brás	5.183	4.619	19.881
Marambaia	4.878	4.396	62.370
Coqueiro	4.369	Sem dados	36.963
Sacramenta	4283	3.587	44.407
Terra Firme	3.114	2.450	61.439
Batista Campos	2.722	2.505	19.136

Fonte: SEGUP (2013). Adaptado por Chagas, 2014.

Diante de tais dados, percebe-se uma relação entre a violência e a ocupação desordenada dos espaços públicos, já que a maioria dos bairros listados não possuem serviços públicos adequados e condições básicas de sobrevivência, demonstrando que o Estado precisa tratar a violência não apenas como caso de polícia, mas como problema a ser enfrentado, principalmente com políticas públicas eficientes.

CONCLUSÃO

Neste estudo pode-se entender a importância da ocupação dos espaços geográficos dentro das cidades, como fator preponderante no aumento dos índices de criminalidade, provocando na população, sejam dos bairros periféricos ou dos bairros nobres, uma sensação de medo e insegurança, uma vez que a violência atinge todas as classes sociais, pois apesar da classe desfavorecida ser diretamente atingida, a violência produzida na periferia, expande-se para além de suas fronteiras, atingindo todos os moradores da cidade.

Para melhor compreender a dinâmica de ocupação do território, foram usados gráficos e vasta bibliografia de vital importância para o assunto, a fim de se entender o problema e criar mecanismos de resoluções, uma vez que a urbanização desordenada e o aumento da violência faz parte da realidade do Estado do Pará, em especial, da cidade de Belém.

Permite também compreender que a distribuição da violência entre os bairros, não é aleatória, mas fruto de vários fatores, entre eles, a urbanização sem planejamento, que se deu de forma mais intensa a partir do ano de 1960.

A urbanização do país, não se deu de forma homogênea, havendo em todo território, uma ocupação desordenada das cidades, tendo como consequência, os mesmos resultados, quais sejam, a criação dos espaços segregados, nos quais o Estado não se faz presente, criando desigualdades sociais, entre a população que vive nas periferias e a que habita nos bairros nobres, em regra, os primeiros não tem acesso à serviços públicos eficientes de saúde, educação, segurança, infraestrutura etc., tornando essas pessoas presas fáceis ao crime organizado, ocasionando o aumento da violência.

Assim, apenas quando o Estado tratar a violência nas grandes metrópoles como resultado, principalmente, das grandes desigualdades sociais e de uma ocupação desordenada dos espaços urbanos, com políticas públicas eficientes, se terá esperança de um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de psicologia – PSI*, p. 7-8, abr./jun. 2002b.

ADORNO, S. **Exclusão socioeconômica e violência urbana**. *Revista Sociologias - Violências, América Latina, Porto Alegre*, v. 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002a.

BEATO FILHO, C. C. **Crimes e Cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BRASIL. Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília. **RODOBRÁS. Rodovia Belém Brasília, a rodovia da unidade nacional e suas implicações de ordem técnica, econômica e política**. 1960.

BRITO, C. D. S. B. A. **formação e produção do espaço urbano**: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para crescimento da rede urbana brasileira. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, Taubaté (SP)*, v. 5, p. 177-190, 2009.

BRITO, F.; SOUZA, J. **Expansão urbana nas grandes metrópoles**: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. *Revista Perspectiva, Fundação Seade*, jan. 2006

CARDIA, N. et al. **Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 47, p. 43-73, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n47/a04v1747.pdf>. Acesso em: 22.fev.2017.

CHAGAS, C. A. N. et al. **Da (Re) Produção à segregação do espaço urbano**: uma análise comparativa sobre a criminalidade violenta nos bairros do Umarizal e Jurunas em Belém - (Pa). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRÁFOS, 7., 2014, Vitória. Anais Eletrônico.

CHAGAS, C. A. N. **Geografia, Segurança Pública e a Cartografia dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém**. Boletim amazônico de geografia, Belém, n1, v 1, p. 186-204, jan/jun, 2014.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1999.

DIAS, M. B. **Urbanização e ambiente urbano no Distrito Administrativo de Icoaraci, Belém – PA**. 2007. 314 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

ETCHICHURY, C. **A Violência na Mídia**: Um Estudo de Caso Sobre a Cobertura da Criminalidade pela Imprensa no Rs. 2010, 130 f (Dissertação em Ciências Sociais) Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

FERREIRA, C, F. **Produção do Espaço urbano e degradação ambiental**: um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba (Belém-PA). Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em geografia física do departamento de Geografia da FFLCH/USP, 1995).

FERREIRA, I. C. B.; PENNA, N. A. **Território da Violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana**. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, São Paulo, Anais, P. 5039-5056, 2005a.

FERREIRA, I. C. B.; PENNA, N. A. **Território da Violência: Um Olhar Geográfico Sobre a Violência Urbana**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 18, pp. 155 - 168, 2005b

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GOMES, L.F. **Urbanização desordenada + miséria**. Jurídica Consulex, Brasília, v. 6, n. 133, p.32-33, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Aglomerados subnormais informações territoriais**. Belém/PA: IBGE, 2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base de informações do Censo Demográfico 2010**: Resultados do Universo por setor censitário. Rio de Janeiro, 2011.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. trad. RE Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, E. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo Perspec.**, São Paulo , v. 14, n. 4, p. 21-33, Oct. 2000.

MELO, A. C. **Violência Urbana na Região Metropolitana de Belém-PA: no período de 2006 a 2012: O caso dos Bairros de Curuçambá, PAAR e Distrito Industrial**. Monografia (Graduação em Geografia). Belém: FGC/IFCH/UFGPA, 2012.

MENEZES, M. L. P., Tendências atuais das migrações internas no Brasil. Scripta Nova: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona**, n.69 (45), ago. 2000.

MOLINA, A. G. P; GOMES, L. F. **Criminologia**: introdução a seus fundamentos teóricos: introdução às bases criminológicas da Lei 9.099/95, 3. ed. rev., atual. e ampl., 2000.

PEREIRA, I. S. O. **A implantação do cinturão institucional e a valorização imobiliária em Belém**. 140 f. (Dissertação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PRADES, M. D. trad. **O estado da paz e a evolução da violência**: a situação da América Latina. Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz; Universidade para a Paz das Nações Unidas, Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Anuário Estatístico do Município de Belém 2012**.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1999.

RODRIGUES, M. L. **Uma forma de ocupação espontânea na Amazônia: povoados do trecho norte da Belém-Brasília**. 128 f. (Dissertação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SALLA, F. et al. **A Contribuição de David Garland – A sociologia da punição**. Tempo Social, v. 18, n. 1, jun. 2006.

SANTANA, L. L. S. **Geografia e violência na periferia de Belém**: uso do território, produção do espaço e índices de homicídios nos bairros do Guamá, Terra Firme e Jurunas. Belém-PA. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE ESTUDIOS TERRITORIALES Y AMBIENTALES, 6. Anais. São Paulo, 8 a 12 de setembro de 2014. p. 2580-2596.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 6. ed. São Paulo: Nobel, 2002.

SOUZA, M. A. A. O Novo Brasil Urbano: integração ou fragmentação. In: GONÇALVES, F. (org.) **O novo Brasil urbano**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

SOUZA, M. L. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, M. L. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. 4. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2012.

VILLAÇA, F. A recente urbanização brasileira. In: CASTRIOTA, L. B. (Org.) **Urbanização Brasileira: redescobertas. Belo Horizonte: C/ Arte**, 2003.

VILLAÇA, F. O processo de urbanização no Brasil: falas e façanhas. In: DEÁK, C; SCHIFFER, S. R. (org) **O processo de urbanização no Brasil**. 1. Ed. EDUSP, p. 169-241, 2004.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA
PPGDSP**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada: Reflexo da (In) Segurança na Vida dos Moradores da Periferia**, que tem como **objetivos:** Apresentar a Percepção da (In) Segurança dos Moradores de um Bairro Periférico de Belém do Pará; Analisar o Perfil Sociodemográfico de um Bairro Periférico de Belém. Solicitamos a colaboração de V.S^a., a fim de nos prestar informações sobre o assunto. A pesquisa terá uma duração de aproximadamente 01 (um) mês, com o início previsto para janeiro de 2017. Ressaltamos que suas informações serão preservadas no anonimato, e passarão a compor, o conjunto global das contribuições prestadas, e em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista, que será gravada somente após a sua autorização. O Sr(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada à sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Segurança Pública.

O Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail da pesquisadora responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia dos Santos de Almeida.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Patrícia de Oliveira Fernandez

Orientanda/Pesquisadora: Elizabeth Cristina da Silva Feitosa

Cel: (91) 98867-2860

e-mail: advogada.beth@gmail.com

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento.

Sujeito da Pesquisa:

Belém, ____ de _____ de 2017

APÊNDICE C – Roteiro de Pesquisa Qualitativa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA
PPGDSP**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

I – DADOS GERAIS:

ENTREVISTA Nº _____

ENTREVISTADORA: _____

ENTREVISTADO: _____

LOCAL E DATA DA ENTREVISTA: ____/____/____

II – QUANTO AO PERFIL DO ENTREVISTADO

- 1) – Atividade em que atua: _____
- 2) – Idade: _____
- 3) – Sexo: Feminino () Masculino ()
- 4) – Qual tipo de domicílio _____
- 5) – Qual tipo de propriedade _____
- 6) – Tempo em que reside no bairro: _____
- 7) – Endereço: _____
- 8) – Renda Familiar: _____
- 9) – Nível de Escolaridade: _____

III – QUANTO À INSEGURANÇA DO BAIRRO

1) Como você percebe a questão da segurança pública no bairro onde você mora? Existe a presença do Estado enquanto garantidor do direito à segurança pública, prevista na Constituição Federal?

2) Como você se sente diante da violência provocada pela criminalidade no bairro?

3) Como você se sente com relação a atuação da polícia no bairro?

4) Como você se sente diante dos comentários sobre os elevados índices de violência no bairro?

5) Você considera que o medo e a insegurança gerados pela criminalidade em seu bairro alteram sua rotina e a de sua família? De que forma?

6) Como você percebe que o Estado pode atuar para reduzir a criminalidade no bairro?

7) Como cidadão, como você se sente tendo que conviver com a violência no bairro?

APENDICE D – Formulário de Pesquisa Quantitativa



Universidade Federal do Pará
 Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
 Programa de Pós-Graduação de Segurança Pública
 Reflexo da (In) Segurança na Vida dos Moradores da Periferia

Questionário Nº.: _____

Data: ____/____/2017.

Rua: _____

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

- 1) Morador do Jurunas a quanto tempo (em Anos)? _____
- 2) **Origem:** 2.1) Capital 2.2) Interior
- 3) **Gênero:** 3.1) Masculino 3.2) Feminino
- 4) **Idade:** 4.1) 18 a 24anos 4.2) 25 a 31anos 4.3) 32 a 38anos 4.4) 39 a 45anos 4.5) 46 a 52anos 4.6) 53 a 59anos 4.7) 60 a 66anos 4.8) 67 a 73anos 4.9) 74 a 80anos 4.10) mais de 80anos
- 5) **Religião:** 5.1) Católica 5.2) Adventista do Sétimo Dia 5.3) Universal do Reino de Deus 5.4) Espírita 5.5) Evangélica
 Quadrangular 5.6) Outras: _____
- 6) **Raça (auto atribuída):** 6.1) Negra 6.2) Parda/Preta 6.3) Branca 6.4) Amarela
- 7) **Estado Civil:** 7.1) Solteiro 7.2) Casado / União Estável 7.3) Divorciado 7.4) Viúvo
- 8) **Qual sua profissão?** _____
- 9) **Renda Familiar (em SM):** 9.1) R\$ _____ (ISM = R\$ 937,00)
- 9.2) Sem Rendimento 9.3) < 1 9.4) 1 | 3 9.5) 3 | 5 9.6) 5 | 7
 9.7) 7 | 9 9.8) 9 | 11 9.9) ≥ 11, Quanto? R\$ _____ 9.10) Sem Declaração
- 10) **Grau de escolaridade:** 10.1) SE 10.2) EFI 10.3) EFC 10.4) EMI 10.5) EMC 10.6) ESI 10.7) ESC 10.8) Pós-graduação

PERGUNTAS GERAIS

- 11) **Qual é o tipo de domicílio? (MÚLTIPLA ESCOLHA)**
- 11.1) Alvenaria 11.2) Madeira 11.3) Palafita
 11.4) Outro: _____
- 12) **Qual o tipo de propriedade da área de sua casa?**
- 12.1) Própria 12.2) Alugada 12.3) Cedida
 12.4) Posse 12.5) Outro: _____
- 13) **Qual é o Número de Pessoas no Domicílio? TOTAL:** _____
- | Faixa Etária | Quantidade | |
|-----------------------------|------------|------|
| | Masc. | Fem. |
| Crianças (até 11 anos) | | |
| Adolescentes (12 a 18 anos) | | |
| Adulto (19 a 59 anos) | | |
| Idosos (≥ 60 anos) | | |
- 14) **Na rua que você mora possui pavimentação asfáltica?**
- 14.1) Sim 14.2) Não
- 15) **Na rua que você mora existe iluminação pública?**
- 15.1) Não 15.2) Sim. Se SIM, é insatisfatória? 15.2.1) Sim
 Não
- 16) **Existem escolas próximo a sua residência?**
- 16.1) Sim 16.2) Não
- 17) **Na rua que você mora o serviço público de fornecimento de água é satisfatório?**
- 17.1) Sim 17.2) Não 17.3) Inexistente
- 18) **Qual é a Forma do Esgotamento Sanitário da sua casa? 24.6) Tipo de Delito:**
- 18.1) Inexistente 18.2) Rede Pública
- 19) **Principal tipo de água utilizada para beber (MÚLTIPLA ESCOLHA):**
- 19.1) Sem Tratamento 19.2) Filtrada 19.3) Fervida 24.6.1)
 19.4) Coada 19.5) Água Mineral 19.6) Hipoclorito
 19.7) Outro: _____ Roubo 24.6.2)
 Arrombamento
- 20) **Qual é o destino dado ao lixo em sua casa?**
- 20.1) Coleta Pública 20.2) Queimado 20.3) Jogado a Céu Aberto 20.4) Outro: _____ 24.6.3)
- 21) **Existe posto de saúde próximo a sua residência? Tentativa de**
- 21.1) Sim 21.2) Não Roubo 24.6.4) Furto
 22) **Existem praças próximo da sua residência? 24.6.5) Outro**
- 22.1) Não 22.2) Sim. Se SIM, você frequenta a praça próximo da sua residência? 22.2.1) Sim 22.2.2)
 Não. Se NÃO, porque? _____
- 25) **TIPO DE ARMA UTILIZADA: (MÚLTIPLA ESCOLHA)**

DELITOS SOFRIDOS PELO ENTREVISTADO NO BAIRRO (Dezembro/2015 a Dezembro/2016)

- 23) **VOCÊ FOI VÍTIMA DE ALGUM CRIME?** 23.1) Sim Quantos? _____ 23.2) Não (Se Não, VÁ PARA A QUESTÃO 31)
- 24) **DESCRIÇÃO DO PRIMEIRO DELITO :**
- 24.1) **DIA DA SEMANA:** 24.1.1) Domingo 24.1.1) Terça-Feira 24.1.1) Quinta-Feira 24.1.1) Sábado
 24.1.1) Segunda-Feira 24.1.1) Quarta-Feira 24.1.1) Sexta-Feira 24.1.1) Não Lembra
- 24.2) **HORA:** _____
- 24.3) **TURNO:** 24.3.1) Madrugada 24.3.2) Manhã 24.3.3) Tarde 24.3.4) Noite 24.3.5) Não Lembra
- 24.4) **MÊS/ANO** _____
- 24.5) **ONDE OCORREU O DELITO?** 24.5.1) Via Pública 24.5.2) Residência 24.5.3) Estabelecimento Comercial 24.5.4) Coletivo Urbano 24.5.5) Carro Particular 24.5.6) Outro: _____
- Endereço onde ocorreu o Delito:** _____

Sem Arma Arma Branca Arma de Fogo Não Sabe/Não Viu () Objetos _____

26) FATORES QUE NA SUA OPINIÃO CONTRIBUEM PARA O OCORRIDO?

Falta de Iluminação () Não () Sim Horário do Fato () Não () Sim Falta de Pavimentação () Não () Sim

Falta de Policiamento () Não () Sim. **Tipo?** () Ronda () Base Fixa () Ronda e Base Fixa () Outro: _____

27) VOCÊ PEDIU AUXÍLIO POLICIAL? () Não () Sim. **Qual?**

() 190 () PM Box () PM () Guarda Municipal

() Viatura Policial () Posto Móvel () PC () Outros _____

28) VOCÊ FEZ OCORRÊNCIA? 28.1) () Sim 28.2) () Não **(Se Não, PULE PARA A QUESTÃO 30)**

29) SE FEZ OCORRÊNCIA, ONDE ELA FOI REALIZADA?

29.1) () Delegacia Virtual 29.2) () Posto Policial 29.3) () Delegacia do Bairro 29.4) () Seccional 29.5) () Outro. Qual? _____

30) SE NÃO, QUAL O MOTIVO DE NÃO FAZER A OCORRÊNCIA?

<input type="checkbox"/> Porque o Atendimento é Demorado	<input type="checkbox"/> Apenas Comunicou a PM
<input type="checkbox"/> Não Resolveria Nada	<input type="checkbox"/> Medo de Retaliação
<input type="checkbox"/> Medo da Polícia	<input type="checkbox"/> Não Resolveria Nada
<input type="checkbox"/> Não Havia Delegacia Próxima do Local do Crime	<input type="checkbox"/> Outro: _____

31) VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PARTE DO BAIRRO ONDE MORA?

31.1) Sim 31.2) Não

SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NO BAIRRO

32) VOCÊ SE SENTE INFLUENCIADO PELAS NOTÍCIAS SOBRE A VIOLÊNCIA GERADA PELO CRIME NO BAIRRO ?

32.1) Não 32.2) Sim.

33) A VIZINHANÇA COMENTA MUITO SOBRE OS ALTOS INDICES DE CRIMINALIDADE NO BAIRRO?{

33.1) Não 33.2) Sim.

34) VOCÊ JÁ ALTEROU SEUS HÁBITOS EM RAZÃO DA CRIMINALIDADE NO BAIRRO?

34.1) Não 34.2) Sim. Se SIM, Quais? _____

<input type="checkbox"/> Evita sair no turno da noite ou chegar muito tarde em casa	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Evita frequentar determinados lugares do bairro	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Evita contato com outras pessoas que transitam no espaço público	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Temem pessoas que se aproximam de bicicleta ou de moto	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Outro: _____

35) VOCÊ JÁ ADOTOU ALGUMA MEDIDA DE SEGURANÇA NA SUA RESIDÊNCIA EM FUNÇÃO DA INSEGURANÇA?

<input type="checkbox"/> Grades nas portas	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Grades nas janelas	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Cerca Elétrica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Cachorro de Guarda	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Outro: _____

36) EVITA CRUZAR COM ALGUMAS PESSOAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS?

36.1) Não 36.2) Sim. Se SIM, Quais? _____

ANEXOS

ANEXO 1 – Normas para Submissão de Trabalho na Revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar de Ciências Humanas ISSN 1984-9851

**CADERNOS DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS
ISSN 1984-9851**

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A) SUBMISSÃO ELETRÔNICA

- Manuscritos digitados em **WORD**, fonte **ARIAL**, contando de 10 a 35 páginas numeradas e limitando-se a 70.000 (setenta mil) caracteres, incluídos os caracteres em branco. No texto submetido para avaliação **NÃO** deve constar o nome do autor.

- Margens esquerda e superior de 3,0 cm; direita e inferior de 2,0 cm.

B) DIRETRIZES PARA AUTORES

Estrutura de Apresentação e Formatação

PRÉ-TEXTO

<p>Título do artigo:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Caixa baixa • Tamanho 14 • Espaçamento simples • Centralizado • Título em português em negrito • Título em inglês em negrito e itálico
<p>Resumo:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 12 • Espaçamento simples • Margem justificada • Entre 100 e 150 palavras

Palavras-chave:	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 12 • De 3 a 5 palavras • Palavras separadas por ponto • Primeira letra de cada palavra em caixa alta
------------------------	--

Abstract:	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 12 • Espaçamento simples • Margem justificada • Entre 100 e 150 palavras
------------------	--

Key Words:	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 12 • De 3 a 5 palavras • Palavras separadas por ponto • Primeira letra de cada palavra em caixa alta
-------------------	--

TEXTO

Fonte:	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 12 para o texto • Tamanho 10 para citação direta com recuo de 4 cm
---------------	--

Alinhamento:	<ul style="list-style-type: none"> • O texto deve ser justificado
---------------------	--

Espaçamento:	<ul style="list-style-type: none"> • No texto: 1,5 cm • Na citação direta com recuo de 4 cm: simples • Em notas de rodapé: simples • Entre texto e título da seção: 2 x 1,5 cm
---------------------	--

Margem:	<ul style="list-style-type: none"> • Superior e esquerda de 3,0 cm • Inferior e direita de 2,0 cm
----------------	---

Páginas:	<ul style="list-style-type: none"> • De 10 a 35 páginas • Ou no máximo 70.000 (setenta mil) caracteres, incluindo os caracteres em branco.
Subtítulos:	<ul style="list-style-type: none"> • Não iniciar uma nova página a cada subtítulo • Os títulos são diferenciados graficamente entre seções de hierarquia diferentes e iguais quando de mesma hierarquia • Deve seguir uma numeração seqüencial
Notas de rodapé:	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 10 • Espaçamento simples • Deve ser em número arábico seqüencial
Citação:	<ul style="list-style-type: none"> • Sistema de chamada autor-data. • Citações diretas (AUTOR, ano, p.) □ inclui página • Citações diretas <u>com até três linhas</u>: entre aspas duplas e dentro do texto. • Citações diretas <u>com mais de três linhas</u>: sem aspas, recua a margem esquerda 4 cm, espaçamento simples, fonte tamanho 10. • Citações parafraaseadas (AUTOR, ano) □ não inclui página
Exemplos de citações	
Com um autor	<ul style="list-style-type: none"> • Segundo Bauman (1999, p.10), "a ambivalência é [...]". • "A ambivalência é [...]" (BAUMAN, 1999, p. 10).
Com dois ou três autores	<ul style="list-style-type: none"> • Segundo Giddens, Beck e Lash (1997, p.38), "[...]". • "A modernização é [...]" (GIDDENS; BECK; LASH, 1997, p.38).

Com mais de três autores	<ul style="list-style-type: none"> • Santos et al (2002, p.36) argumentam que o "desenvolvimento [...]". • "Desenvolvimento sustentável [...]" (SANTOS et al., 2002, p.36).
Citação de outra citação	<ul style="list-style-type: none"> • Deve ser evitado, quando possível. • Bourdieu (1999, p.75 apud OLIVEIRA, 2007, p.131) sustenta que "o campo [...]". • "O campo [...]" (BOURDIEU, 1999, p.75 apud OLIVEIRA, 2007, p.131)
Páginas citadas	<ul style="list-style-type: none"> • Intervalo de páginas (WEBER, 2001, p.50-51) • Páginas alternadas (WEBER, 2001, p.6, 9, 10)
Mesmo autor com várias obras	<ul style="list-style-type: none"> • Anos diferentes: (HABERMAS, 1999, p.35) — (HABERMAS, 2001, p.60) • Mesmo ano: acrescenta-se letra minúscula após o ano. • (HABERMAS, 1999a, p.35) — (HABERMAS, 1999b, p.13)

PÓS-TEXTO

Título da Referência:	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar nova página • Fonte ARIAL • Tamanho 12 • Deve constar apenas REFERÊNCIAS • Centralizado • Negrito
-----------------------	---

Regras de Referências:	<ul style="list-style-type: none"> • Fonte ARIAL • Tamanho 12 • Alinhamento à esquerda • Espaçamento simples no parágrafo • Espaçamento duplo entre referências • As referências não são numeradas • As referências devem estar em ordem alfabética • Só devem constar as referências das obras citadas no texto • Repete-se o nome do autor quando referenciado em sequência
-------------------------------	--

Exemplos de Referências

a) Livro

Quando há apenas um autor:

FERNANDES, F. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.

Quando houver dois ou três autores:

SILVA, F.; FERREIRA, L. P. *Globalização no século XX*. São Paulo: Macuco, 2000.

CASTILLO, G.; KOSTOF, S.; TOBIAS, R. *A history of architecture: settings and rituals*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

Quando houver mais de três autores:

MAGALHÃES, A. D. F. et al. *Perícia contábil*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

Quando houver organizador (Org.), coordenador (Coord.) ou editor (Ed.):

BOSI, A. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

Quando não há o nome da editora:

VALÊNCIA, I. Das mulheres e das flores. Belo Horizonte: [s. n.], 1974.

Quando não há data da edição:

SHAKESPEARE, W. Hamleto: Príncipe da Dinamarca. Tradução Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

Quando houver tradutor, prefácio ou notas:

ALIGHIERI, D. A divina comédia. Tradução Hernani Donato. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

GROTOWSKI, J. Em busca de um teatro pobre. Tradução Aldomar Conrado. Prefácio Peter Brook. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

Quando o autor for uma entidade:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2000. 3 p.

Quando a obra tiver título e subtítulo:

CERTEAU, M. de. Histoire et psychanalyse: entre science et fiction. Paris: Gallimard, 1987.

b) Capítulo de Livro**Partes de livro sem autoria especial:**

SANTOS, J. R. dos. Avaliação econômica de empresas. In: _____. Técnicas de análise financeira. 6. ed. São Paulo: Macuco, 2001. p.78-90.

Partes de livro com autoria especial:

ROSA, C. Solução para a desigualdade. In: SILVA, F. (Org.). Como estabelecer os parâmetros da globalização. 2. ed. São Paulo: Macuco, 1999. p.35-48.

CHAUI, M. Notas sobre cultura popular. In: OLIVEIRA, P. S. (Org.). Metodologia das ciências humanas. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998. p.165-182.

c) Artigo em Periódico

ALETTI, M. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. *Psicologia USP*, v.15, n.3, p.163-190, jan./jun. 2004.

OLIVEIRA, A. da C. Considerações constitucionais sobre a pesquisa e aplicação terapêutica das células-tronco. *Revista de Direito Privado*, São Paulo, ano 8, v.30, p.49-74, abr./jun. 2007.

ESPOSITO, I. et al. Repercussões da fadiga psíquica no trabalho e na empresa. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v.8, n.32, p.37-45, out./dez. 1979.

RAUD, C. Análise crítica da sociologia econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. *Política & Sociedade*, Florianópolis, n.6, p.59-82, abr. 2005.

d) Monografia, Dissertação e Tese

Monografia

MEDEIROS, J. B. *Alucinação e magia na arte*. 1993. 86 f. Monografia (apresentada ao final do curso de pós-graduação *stricto sensu* em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Dissertação de Mestrado

RODRIGUES, M. V. *Qualidade de vida no trabalho*. 1989. 180 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

Tese

SOUZA, Zenira Pires de. *A responsabilidade social empresarial sob uma perspectiva sistêmica*. 2004. 250 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2004.

e) Eventos

Encontro Anual

SOARES, T. Empresas estatais privatizadas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 20, 1996, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 1996.

f) Internet

Artigo de Internet com autor:

MALOFF, J. A internet e o seu valor. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.3, 1997. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/>>. Acesso em: 18 out. 1998.

Artigo de Internet sem autor especial:

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Brasília, v.26, n.3, 1997. Disponível em : <<http://www.ibict.br/cionline/>> . Acesso em: 19 maio 1998.

Livro em meio eletrônico:

ALVES, C. *Navio negreiro*. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/virtualbooks/port/lport/navionegreiro.htm>> . Acesso em: 05 mar. 2004

Simpósios e Congressos em meio eletrônico:

ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 20, 1996, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPAD, 1996. Disponível em: <<http://www.anpad.com.br/xxcongresso.anais.htm>>. Acesso em: 5 mar. 1997.

ILUSTRAÇÕES	
Quadros, desenhos, figuras, fotografias, gráficos, tabelas, etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Funcionam como explicações visuais. • Fotografias devem ser apresentadas preferencialmente com extensão TIFF. • Devem ser numeradas em seqüência, com os títulos e menções de fontes preferencialmente na parte inferior da ilustração. • Observar os exemplos a seguir:

Sexo	2004	2005	2006	2007
Masculino	88,8 %	88,9%	92,5%	90,7%
Feminino	11,2%	11,1%	7,5%	9,3%

Tabela 1: Distribuição percentual da população ocupada na indústria por gênero (2004– 2007)

Fonte: IBGE/PNAD, 2008.

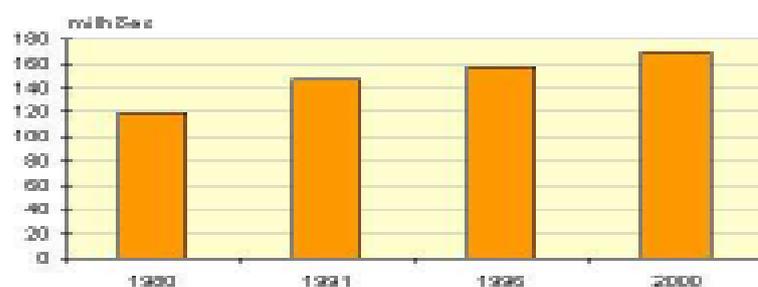


Gráfico 1: População total no Brasil (1980-2000).

Fonte: IBGE, 2007.

ANEXO 2 - Normas para Submissão de Trabalho na Revista de Ciências Humanas



Universidade Federal de Santa Catarina | www.periodicos.ufsc.br | ISSN 2178-4582

Revista de Ciências Humanas

Diretrizes para Autores

A Revista de Ciências Humanas publica textos originais nas seções: Artigos (20 a 30 pg. - incluindo figuras, tabelas, imagens), comentários (5 a 10 pg.), resenhas de livros (3 a 5 pg.), depoimentos (sem tamanho definido).

Os manuscritos devem ser submetidos através do **site da Revista no Portal de Periódicos da UFSC**. Os autores serão comunicados, imediatamente, sobre o recebimento do manuscrito pelo Editor. O processo de revisão editorial só terá início se o encaminhamento do manuscrito obedecer às condições abaixo. Caso contrário, será devolvido para adequação.

Enfatizamos que manuscritos recusados duas vezes por inadequação aos itens seguintes não serão novamente recebidos.

1) DIRETRIZES DE FORMATAÇÃO:

a) Os originais deverão ser submetidos em **Documento Word**, espaço duplo, fonte Times New Roman, tamanho 12 (salvo as citações diretas).

b) Todos os endereços "URL" (links para Internet - <http://pkp.sfu.ca>) no texto deverão ativos e levar **diretamente** ao documento citado.

2) ELEMENTOS DO MANUSCRITO:

a) Folha de rosto com os seguintes itens: Título em português e em inglês (máximo de 15 palavras), Identificação dos autores e respectivas instituições, Notas sobre os autores e agradecimentos (pessoas ou instituições financiadoras, caso o artigo tenha se originado de projetos de pesquisa).

b) Resumos:

b.1) Resumo, em português, com, no máximo, 150 palavras, ressaltando o tema, objetivo, método, resultados e conclusões do trabalho.

b.2) Palavras-chave, em português, no mínimo três e no máximo cinco.

b.3) Abstract, em inglês, compatível com o texto em português também com no máximo 150 palavras.

b.4) Keywords, em inglês, compatíveis com as palavras-chave.

NOTA: como a revisão dos manuscritos é cega (blind review). É responsabilidade dos autores verificar se não existem elementos capazes de identificá-los nas "Propriedades" do documento (opção do Menu "Arquivo" do MS Word).

c) CORPO DO TEXTO

É fundamental que o corpo do texto não contenha qualquer forma de identificação da autoria, o que inclui: referência à trabalhos anteriores dos autores, à suas instituições ou detalhes dos procedimentos de pesquisa que possibilitem a identificação da origem.

Os Títulos das seções devem estar centralizados, os subtítulos das seções devem estar em *itálico*, alinhados a esquerda. Títulos e subtítulos não devem ser acompanhados de ponto final. Caso haja outras subdivisões no texto recomenda-se, no máximo, três níveis de intertítulos.

Quando o manuscrito for um relato de pesquisa, o texto deverá apresentar, além das páginas de rosto e Resumos, Introdução, Método, Resultados, Discussão e Referências Bibliográficas. Se necessário, outros subtítulos podem ser acrescentados.

CITAÇÕES NO CORPO DO TEXTO (ABNT / NBR 10520):

Todos os nomes de autores cujos trabalhos forem citados devem ser seguidos da data de publicação. Todos os estudos citados no texto devem ser listados na seção de Referências ou em Notas, se não foram publicados. Evite fazer citações indiretas quando o original pode ser recuperado com facilidade. Neste último caso, deve-se citar nas Referências Bibliográficas apenas a obra consultada e, no corpo do texto, indicar autores e datas dos dois artigos, conforme o exemplo:

Piaget (1932, apud FLAVELL, 1996).

Quando o autor ou a instituição responsável estiver incluída na sentença, indica-se o autor em caixa baixa, exceto a primeira letra, e a data e a página entre parênteses:

Segundo Moraes (1955, p.32) assinala "[...] a presença de concreções de bauxita no Rio Cricon". Em Teatro Aberto (1963, p.79) relata-se a emergência do teatro do absurdo.

Quando o autor estiver entre parênteses, deve vir em maiúsculas, seguido por ano e página:

"Apesar das aparências, a desconstrução do logocentrismo não é uma psicanálise da filosofia". (DERRIDA, 1967, p. 293).

Especificar no texto a página, o volume, o tomo ou a seção da fonte consultada, se houver:

- 1) A produção de lítio começa em Searles Lake, Califórnia, em 1928 (MUMFORD, 1949, p. 513).
- 2) Oliveira e Leonardos (1943, p.146) dizem que a "[...] relação da série São Roque com os granitos porfiróides pequenos é muito clara".
- 3) Freud (1974, v.21, p. 81-171) define a dualidade [...].

Anais:

São Paulo: USP, 1994. p. 16-29. ANDRADE, C. R. F.; SASSI, F. C. Eletromiografia e gagueira: tensão mínima e máxima para produção do som /p/. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA, 8., 2000, Recife.

Resumos:

São Paulo: [s.n.], 2000. p.85. ANDRADE, C. R. F. Avaliação das gagueiras: diagnóstico diferencial das disfluências infantis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONOAUDIOLOGIA, 4.; ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE FONOAUDIOLOGIA, 3., 1999, São Paulo.

Mesa redonda:

Dissertações e Teses AMBONI, N. F. Estratégias organizacionais: um estudo de multicasos em sistemas universitários federais das capitais da Região do Sul do país. 1995. 143 f.

Dissertação:

(Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. LOPES, H. S. Analogia e aprendizado evolucionário: aplicação em diagnóstico clínico. 1996. 179f.

Tese:

(Doutorado em Engenharia Elétrica) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

As Referências bibliográficas devem ser colocadas em ordem alfabética e, em ordem crescente de data, para referenciar dois ou mais artigos de um mesmo autor. O sinal, na forma de travessão, colocado em uma referência cujo autor seja o mesmo da anterior não deve mais ser colocado.

Exemplos de Referências bibliográficas:

Livros:

HARVEY, D. The condition of postmodernity. Oxford: Brasil Blackwell, 1989. 378 p.

Capítulos de livros:

CLAVAL, P. Réseaux territoriaux ancrage. In: DUPUY, G. (Org.) Réseaux territoriaux. Caen: Paradigme, 1988, p.17-161.

Artigos em periódicos:

MOURA, A. S. de. Direito de habitação às classes de baixa renda. Ciências & Trópico, Recife, v. 11, n.1, p.71-78, jan./jun. 1983.

Artigos em jornais:

COUTINHO, W. O paço da cidade retorna ao seu brilho barroco. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6 mar. 1985. Caderno B, p.6.

Base de dados em CD-ROM:

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT. Bases de dados em Ciência e Tecnologia. Brasília: IBICT, n.1, 1996. CD-ROM.

E-mail:

MARINO, A. M. TOEFL brienfieng number [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por medeiros@mbox1.ufsc.br em 12 de maio de 2000. FTP BRAGA, H. Deus não se agradou dele e de sua oferta. Disponível em: Evangelicos-1@summer.com.br em: 22 de maio de 2000.

Artigos de periódicos (on-line):

MALOFF, J. A internet e o valor da "internetização". Ciência da Informação, Brasília, v. 26, n.3, 1997. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline/>. Acesso em: 18 maio 1998.

Trabalhos em eventos:

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONOAUDIOLOGIA, 4.; ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE FONOAUDIOLOGIA, 3., 1999, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 1999. 562 p. BRAYNER, A. R. A.; MEDEIROS, C. B. Incorporação do tempo em SGBD orientado a objetos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BANCO DE DADOS, 9., 1994, São Paulo.

ANEXO 3 – Carta de aceite do artigo científico intitulado “Violência e o processo de urbanização de Belém do Pará” para publicação no livro (coletânea) “Geografia da Violência: produção do espaço, território e segurança pública”.



**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA**

PROJETO LIVRO: “Geografia da Violência: produção do espaço, território e segurança pública”. **Coordenadores:** Prof^o Dr. Clay Anderson Nunes Chagas, Prof^a Mestranda Marcelle Peres da Silva e Acadêmica Denise Carla de Melo Vieira. **GRUPOS DE PESQUISA:** “Ordenamento Territorial, Espaço Urbano e Violência na Amazônia” e GAPTA “Grupo Acadêmico Produção do Território e Meio Ambiente na Amazônia”.

Coordenadores: Prof^o Dr. Clay Anderson Nunes Chagas, Prof. Dr. Christian Nunes e Prof. Dr. João Marcio Palheta da Silva

Belém, 06 de março de 2017.

CARTA DE ACEITE

Prezados(as) Elizabeth Cristina da Silva Feitosa e Silvia dos Santos de Almeida

Temos a satisfação de informar que o artigo intitulado “Violência e o processo de urbanização de Belém do Pará”, de vossas autorias, foi aceite para publicação no livro (coletânea) “Geografia da Violência: produção do espaço, território e segurança pública”, com a publicação prevista para 31 de Agosto de 2017 no formato de e-book.

A comissão organizadora e editorial agradece a colaboração.

Atenciosamente.

Organizadores/as e Comissão Editorial:

Prof^o Dr. Clay Anderson Nunes Chagas

(Coordenador do grupo de pesquisa: “Ordenamento Territorial, Espaço Urbano e Violência na Amazônia”, Professor da Universidade Federal do Pará-UFPA e da Universidade do Estado do Pará-UEPA, atua no Instituto de Educação e Segurança Pública do Pará-IESP).

Prof^a Mestranda Marcelle Peres da Silva

(Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA, Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará- PPGEQ/UFPA).

Denise Carla de Melo Vieira

(Graduada do curso de Bacharelado/Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará. Bolsista (PIBIC/CNPq) do projeto de pesquisa: Cartografia da Violência: Território, Produção do Espaço e violência Urbana- Uma leitura geográfica dos homicídios em Belém.)